

NTP RESEARCH LIBRARIES



3 3433 02005569 9

12-12-57 12806



Belle Hermit Roosevelt



Kenneth Roosevelt
do Paço **VERSOS** 1912

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa

12806 $\frac{1}{2}$

I

CANTOS MATUTINOS

Segunda edição

LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA,
6, Rua do Thesouro Velho, 6

1866

12

A QUEM LER

Em pouco mais de um anno se consumiram os dois mil exemplares da primeira edição d'este livro, publicado em 1858. Seria ridicula presumpção attribuir ao merito dos versos esse desmedido favor; mas não é menos lisongeiro para mim tomal-o como testemunho voluntario da benevolencia e sympathia com que tão immerecidamente me têm sempre distinguido os meus contemporaneos.

A minha arruinadissima saude impede-me ha seis annos de tratar da reimpressão d'este volume das minhas primeiras composições poeticas, e d'outros que deviam seguir-se-lhe, dos quaes se publica tambem agora o segundo, com o titu-

lo de — **Ephemeros**. — Era necessário estrear da collecção dos **Cantos Matutinos** peças que ali publiquei indevidamente, e juntar-lhe outras que a ella pertencem por indole e por datas; convinha corrigir e emendar algumas d'essas composições, para as tornar, quanto possível fosse, dignas do favor com que foram recebidas; havia novas notas que inserir, e alguns reparos para fazer sobre as benevolas e cortezes observações da critica litteraria, com que me honraram distinctissimos escriptores; mas a tudo isso se tem opposto até hoje a minha gravissima enfermidade, e agora mesmo pouco poderia fazer sem o auxilio de um amigo dedicado.

Tiraram-se, pois, d'este primeiro tomo dos meus versos muitas peças, que vão no segundo, e substituiram-se por outras, inteiramente novas ou refundidas; acrescentaram-se algumas notas, que não serão de todo inuteis para illustração do texto; e inseriram-se duas cartas, escolhidas d'entre varias que recebi sobre o mesmo objecto, por não serem estas de louvor exclusivo.

A primeira é do sr. Antonio Feliciano de Castilho. Não a solicitei directa ou indirectamente, o que lhe dá para mim maior valor; foi-me dirigida em resposta a outra em que eu pedia uns versos para o *album* d'uma menina brasileira. Pela data se vê que a recebi ha mais de sete an-

nos; não a publiquei nunca, nem talvez o fizesse agora, a não ser a injustissima desconsideração de que ha pouco tempo foi victima o homem illustre que a escreveu. Não sou, nem fui nunca, dos seus intimos; nunca frequentei a sua casa; e nunca tive — com magoa o digo — nunca tive occasião de lhe prestar o minimo serviço. Pareceu-me por isso que, na presente conjunctura, a publicação d'esta carta, se não fosse uma fortuna para o meu livro, seria uma homenagem ao que eu considero como o maior dos nossos poetas vivos.

Calei pois a minha modestia, afim de provar que respeito a autoridade do mestre, e de testemunhar publicamente a minha veneração por um homem que tem, pelo menos, tres titulos sagrados para merecel-a: a sua idade, o infortunio de viver privado da luz, e o seu glorioso talento.

A outra carta é d'um estrangeiro distincto, a quem a litteratura portugueza deve não poucos serviços. Tive o prazer de encetar correspondencia com elle por intervenção do meu amigo o sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, que teve a bondade de lhe enviar de Paris para Turim a primeira edição d'este livro, dando assim origem ás minhas relações com o sr. Vegezzi Ruscalla.

Nas novas notas me refiro ainda a outras cartas, e publico tambem, com os bellos versos que

me dirigiu o meu excellente amigo João de Lemos, as delicadas e affectuosas palavras com que elle fechou a *Advertencia* do segundo volume do seu *Cancioneiro*.

Se não entro em explicações justificativas dos motivos porque fiz ou porque não fiz taes e taes composições, é porque nem m'o permite a pouca saude, nem desejo enfastiar o leitor com um d'esses prologos abstrusos e nebulosos, que fazem andar a cabeça á roda a quem os lê. . . e a quem os escreve.

Alto do Salitre,
12 de janeiro de 1866.

CARTA

DO

SR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Meu caro poeta :

Esta sua presada cartinha veio augmentar a confusão em que eu já estava por lhe não haver ainda agradecido o presente do seu livro ; e não digo só o presente : o contentamento muito real que me deu a sua leitura ; porque, apesar de tudo, sou ainda d'aquelles, se porventura os ha, que se alegram com a gloria alheia bem merecida, e com a da patria em todo o caso.

Já que chegou a hora de lhe eu poder dizer isto, ainda que ao presente o afôgo de trabalhos muito grandes, muito serios, e de immensa responsabilidade, me prohibe a delicia de andar apontando as formosuras e excellencias d'esta colleccão, o que seria copial-a quasi toda, não

posso todavia privar-me de lhe dizer que os seus *Cantos Matutinos*, se me concedem algum voto em coisas d'estas, poderiam merecer o titulo de *Cantos para todas as horas do dia e de todos os dias*, e em todas as idades da vida, porque todas as especies de amores se encontram nelles: os do menino, os do mancebo namorado, os do patriota, os do liberal, os do religioso. Depois, por cima de todos estes amores, com que é impossivel se não sympathise, e cujo complexo sobraria para desarmar a inveja, se ella soubesse depôr as armas antes de haver morto e enterrado, — por cima de todos estes amores, e de envolta com todos elles, anda uma não sei que fragrança da terra natal, um soído, tão sincero e tão bom, do legitimo fallar da nossa gente, e uns taes reflexos e cambiantes de passadas glorias, que não quero que haja leitor portuguez, douto ou inculto, classico, romantico, eclecticico ou sceptico, (a não ser algum satyrico d'estes escalados e sem entranhas) que, acertando de abrir este livro em qualquer pagina, deixe de proseguir até ao fim, e, concluida a leitura, de o recommençar.

A poesia maritima é que sobretudo me pareceu aqui maravilhosa: é um bello genero que o meu caro poeta nos criou, e que lhe saiu logo da cabeça adulto e armado como a Pallas.

Quasi que estou tentado a querer bem aos tra-

balhos da sua vida, por ver as opulencias com que o prendou o Oceano, esse glorioso parente nosso por tantos titulos.

Mas, assim como o felicito pelas suas scenas nauticas, scenas que orçam tantas vezes pelo sublime, e o attingem, quizera eu que houvesse não menos aproveitado as inspirações magnificas, unicas, *sui generis*, que sem duvida recebeu do clima, do sol, das estrellas, das florestas, da immensidade, e da divina poesia do novo mundo. Era esse, para o seu talento, segundo *theatro*; e, se não mais grandioso, de certo não menos bello e fecundo do que o mar; que o diga Chateaubriand; que o diga Cooper; que o diga Ferdinand Denis.

Os *Cantos Matutinos* hão de ter segunda e muitas edições, e hão de ser seguidos de novas colleções poeticas da mesma penna. Recommendo-lhe pois que aproveite para si e para nós, emquanto o correr do tempo, as mutações dos annos, e o esfriamento da idade, lh'as não apagam da memoria e do coração, aquellas scenas da natureza intertropical, verdadeiro paraíso terreal das fantasias.

Saiu do Oceano coroadado de perolas: torne-se (em espirito só) torne-se á America, e volte-nos carregado das palmas que desdenhou colher.

Quizera escrever muito mais, e muito melhor sobre isto; mas estão-me chamando para outra

parte as obrigações. As musas são lindas, mas as crianças das escolas, e o futuro liberal da pátria illustrada, valem ainda muito mais. O deixar de dizer tudo quanto sinto de bem a respeito do seu livro não é um dos menores sacrificios que eu faço a esta santa causa.

Outro é não poder eu cumprir melhor os desejos, e presumo que o empenho, do meu poeta, enviando-lhe para o *album* da sua brasileira alguma coisa nova. Com palavra de honra lhe affirmo que não tenho tempo. Ahi mando pois copiar uma odesinha de Anacreonte. Assim, mandamos a essa menina um velho, que em amores vale mais que mil rapazes.

De V.

Lisboa, 10 de novembro
de 1858

Admirador muito affectivo

A. F. de Castilha

DO SR. VEGEZZI RUSCALLA

Monsieur :

Je vous dois bien de remerciements du précieux cadeau que vous m'avez adressé du volume de vos belles et touchantes poésies. L'idiome de Camoens se prête merveilleusement à mettre aux idées la robe poétique.

Si j'avais à vous exprimer un désir, ce serait celui de voir plus nombreuses les poésies ayant un but patriotique. Aujourd'hui le monde est agité par les sentiments de nationalité. Chantez donc la liberté, la patrie, et la fédération des peuples latins. Songez que l'union, c'est-à-dire l'alliance de la France, l'Italie, l'Espagne, le Portugal et la Roumanie, donnerait à notre race la suprématie mondiale : nous serions supérieurs

en nombre à la race slave et à la teutonique. L'alliance n'implique pas la perte de l'indépendance nationale.

Mais pour que les faits politiques soient possibles il faut que l'opinion publique leur fraye le chemin. Voilà la mission du poète, de l'historien, du romancier, et vous avez les talents nécessaires pour la remplir dignement et avec succès.

Je clos ma lettre en vous répétant mes plus vifs remerciements, heureux de voir que mon affection pour le Portugal m'ait procuré le bonheur d'entrer en correspondance avec vous.

Je suis avec affectueuse considération

Turin, 4 mars 1861.

Votre dévoué serviteur

Vezzeri Ruscalla

PREFACIO

DA

Primeira edição

Tinha eu pouco mais de nove annos quando algumas leis repressivas do trafico dos pretos encaminharam a especulação dos negreiros para o commercio dos escravos brancos. A Inglaterra usava da sua influencia sobre Portugal, e os traficantes não se tinham ainda lembrado de inspirar ás autoridades da Africa portugueza o patriotico pensamento de se associarem com elles, para se vingarem da pressão exercida pelos inglezes sobre o seu *innocente* negocio.

Os negreiros correram pois para o continente do reino, e ilhas dos Açôres, e, dentro em pouco, os mercados do Brasil abundavam novamente em carne humana, com grande vantagem para

os consumidores, que podiam comprar escravos brancos mais baratos do que os pretos.

Os *engajadores* inundavam, como agora, as provincias do norte do reino, agarrando gente por todos os meios possiveis, e não sei mesmo se por alguns impossiveis, porque eram elles homens para grandes difficuldades. Investiam com as proprias autoridades! e, se não posso avançar que seduzissem alguma, indo-a vender aos mercados brasileiros,¹ como fizeram a um pobre rei africano, que foi meu remador, affirmo que os filhos dos regedores de aldeia, e ainda os dos administradores dos concelhos, eram os que de preferencia cubicava a caprichosa exploração dos agentes. A razão d'esta distincção era, talvez, com o intuito de escarnecer d'um poder, que não queria, ou não podia, coarctar este criminoso trafico.

O certo é que ninguem escapava á sua influencia, e que por fim tambem eu fui victima d'elles, ainda que indirectamente, e por minha vontade.

A minha terra é uma linda aldeia chamada Avelomar, situada numa praia do Minho. Pela sua posição, e abundancia de população, não podia ella deixar de ser um dos theatros de operações dos *engajadores*. E, por se ligarem a esta

¹ Veja nota no fim.

circumstancia todos os acontecimentos da minha vida, permitta o leitor que eu ponha já em scena a minha humilde pessoa.

Nasci sem nenhum acontecimento notavel que possa dar relevo a uma biographia; e declaro que me criei como toda a gente vulgar, sem ter tido nos meus primeiros annos a fortuna de adquirir direitos para ver o meu nome figurar algum dia no livro das *infancias celebres*. Eu não tinha agudezas, não era engraçado, e não aprendia coisa alguma. Os meus talentos limitavam-se a escolher cada dia um meio differente que me livrasse de ir á escola, porque nella me esperavam certas familiaridades d'um instrumento, cujo nome latino me havia inspirado profundo horror á erudição do meu mestre. O instrumento era a *ferula*; e o professor andava-me sempre com o olho em cima, porque, devo dizel-o ainda que me custe, eu desacreditava o seu methodo de ensino. Entrei aos cinco annos para a sua aula, e saí quasi aos dez, sem saber assignar o meu nome, ou solettrar duas palavras! Verdade é que tinha adquirido sobre os meus camaradas uma superioridade incontestavel nos exercicios archeologicos de atirar á funda, apanhar passaros a laço, e, visto que é preciso confessar tudo, em achar pretextos plausiveis para não dar lição, cada vez que isso me competia.

A minha boa mãe era a unica pessoa que ainda não tinha perdido as esperanças de me ver emendado: todos os mais, parentes, conhecidos, ou mestres, me prophetizavam um futuro desastroso, declarando-me inutil para tudo. Um visinho muito rabugento, ao qual eu tinha derrubado uma parede para apanhar um ninho de pintasilgo, fez-me o tremendo prognostico de que eu ainda havia de acabar em malfeitor de estrada! Deus lhe perdôe! porque tinha excellentes uvas, e eu vingava-me nellas da maledicencia do proprietario:

As minhas occupações mais queridas eram grandes correrias pelas praias do Minho, onde eu ia empoleirar-me, nos rochedos mais elevados, a olhar para as ondas horas esquecidas, cada vez que via passar as azas brancas de um navio a duzentas braças da costa.

Fóra d'isto, vagabundeava pelos campos dias inteiros, contemplando as cristas azuladas das serras de Barroso e de S. Felix, sem me lembrar de almoço ou de jantar, e ainda menos dos cuidados dos meus parentes.

Estas distracções, em tal idade, não podiam deixar de dar nas vistas a toda a gente.

Aconselharam a minha mãe que me *arrumasse*, fosse como fosse, porque eu tinha ares de lunatico, além de ser um vadio que não queria apren-

der coisa alguma. Chegaram a assustal-a, apesar dos meus poucos annos; e um lavrador nosso parente offereceu-se para me corrigir, se quizessem entregar-me aos seus cuidados. Á vista da minha rudeza, tiraram-me da escola, com grande satisfação do mestre, e a minha familia resolveu que eu seria agricultor. Apenas, porém, me haviam installado em casa d'aquelle que pretendia *fazer-me gente*, levantei contra elle cinco tias, que bebiam os ventos por mim, por causa d'um puchão d'orelhas. Elle queixou-se a minha mãe, e eu fui chamado á barra; mas pedi uma sessão secreta, e nella a convenci de que elle me assassitaria infallivelmente, se me deixassem lá ficar. Não ha logica para as mães como as lagrimas dos filhos.

Fiquei em casa, mas foi por pouco tempo. Um cordoeiro da Povia de Varzim comprometteu-se a mandar-me ensinar a ler e escrever correctamente, com a condição de que eu viveria em sua casa para vigiar o estabelecimento; mas, quando lá me apanhou, mandou-me virar á roda, do mesmo modo que se eu fôra um dos seus aprendizes. Estava arranjado commigo! Formei-lhe perante a minha santa mãe um capitulo muito mais odioso do que o do lavrador, e o affecto materno, commovido com a descripção dos horrores e maus tratos, que eu pintava com certa

viveza de colorido, arrancou-me a este novo tyranno, reconduzindo-me triumphante ao lar domestico.

Foi então que os *engajadores*, espalhando noticias exaggeradas, ou falsas, ácerca das enormes riquezas do Brasil, e da facilidade com que ellas se obtinham, conseguiram desvairar um grande numero de rapazes da minha aldeia. Meu irmão Manoel foi uma das victimas, se não *engajada*, enganada pelos alliciadores.

Para o acompanharmos ao *bota-fóra*, a minha familia e eu fizemos a jornada do Porto. Ali nos demorámos até quasi á saída do navio que devia conduzil-o ; e, como eu ia a bordo todos os dias, os agentes procuravam seduzir-me para que fosse tambem para o Brasil, promettendo levar-me *quasi de graça*. Incitaram-me tanto, e tão saudoso eu me sentia do irmão, que era o meu braço direito nas brigas escolares, que por fim pedi a minha mãe que me deixasse seguir o meu destino. Tinha havido já uma revolução domestica para se consentir na partida de meu irmão, tão novo ainda ; mas, ouvindo o meu pedido, todos pozeram as mãos na cabeça, e fizeram minha mãe responsavel, perante o ceo e a terra, pelas desgraças que de futuro me succedessem, se ella condescendesse com tamanha loucura. Comtudo eu chorei tanto, e tão bem, que não

houve remedio senão fechar os olhos a todos os sacrificios, lançar mão dos recursos extremos, e deixar-me sair pela barra fóra com dez annos incompletos!

Para fazer inteira justiça aos meus queridos e bondosos compatriotas, declaro que todos foram sensiveis á minha partida, perdoando-me, ou esquecendo generosamente, as numerosas memorias que eu deixei a quasi todos, nas arvores derreadas, nas paredes caídas, e nas searas pisadas, durante as minhas excursões de vagabundo. Quanto a minha mãe, nunca mais teve alegria, nem perdoou a si o haver-nos deixado partir, a meu irmão e a mim, para um paiz desconhecido.

Eu tambem chorei muito, com saudades d'ella, nos primeiros oito dias; mas a viagem foi-se tornando trabalhosa, e os perigos presentes desvaneceram quasi as magoas da ausencia. O amor de mãe não tem rival na terra; e foi por isso que a minha ficou inconsolavel, enquanto eu me fui habituando tão cedo a passar sem ella!

Depois de uma viagem, a que não faltaram a fome, a séde, as calmas, e as tormentas, chegámos a essa formosa terra de Santa Maria de Belem do Pará, que tinha de ser testemunha dos meus altos feitos, e de me deixar um dia eterna saudade.

Apenas desembarcámos, formaram-nos em tur-

mas no caes da alfandega, para que os negociantes da cidade viessem escolher d'entre nós os que mais lhes agradassem.

Eu estava ali, sem saber para qué, no meio de uma multidão de gente de todas as cores, que seria de mim e dos meus compatriotas, ao mesmo tempo que varios homens brancos, e vestidos quasi todos tambem de branco, giravam em torno de nós. Os meus companheiros iam desaparecendo, mas a mim ninguem me queria. Um d'aquelles homens vestidos de branco andou muito tempo a mirar-me por todos os lados, chegou-se a mim duas vezes, levantou-me a cabeça, mandou-me fallar, e murmurou varias palavras, das quaes eu percebi as ultimas, que foram as seguintes: «Isto não presta!» Outros olhavam-me com commiseração, e diziam: «É uma consciencia trazer crianças como aquella!» Um preto aproximou-se tambem, perguntou-me o meu nome numa lingua quasi barbara, e acrescentou depois: «se eu queria servir!» Outro, roto e descalço, carregou-me sobre os olhos o bonnet que eu tinha na cabeça, com grandes risadas e applausos dos seus patricios e amigos presentes. Um homem, depois de nos examinar a todos, disse duas palavras ao capitão do navio, que estava ali dirigindo o seu negocio, e intimou a meu irmão que o seguisse, sem lhe declarar para onde, nem

em virtude de que direito o levava, e sem que o pasmo nos permittisse que nos despedissemos uns dos outros; de maneira que na mesma terra, numa cidade pequenissima, só depois de seis mezes é que eu tive noticias d'elle, e nunca mais tornei a ver a maior parte dos meus patricios e companheiros de viagem!...

Achava-me quasi só, e sem perceber que estava num mercado de escravos brancos, e que era considerado *refugo* pelos entendedores! Por fim, do meio dos poucos homens de branco que ali se achavam ainda, saiu um, vestido de pardo, e acariciou-me, pondo-me a mão no rosto, e convidando-me a segui-o. Então rebentaram-me as lagrimas com violencia: até ali encarára friamente a desgraça, que não via, mas que sentia. Tanto, porém, que me chegou a vez de partir, como os outros, sem saber para onde, chorei! — Mas o meu patrão era um excellente e honrado homem. Chamava-se o sr. José Maria Fernandes, e inscrevo aqui o seu nome para sua satisfação. O digno commerciante vive ainda, apesar do rheumatismo que o maltrata. Se estas linhas lhe chegarem á mão, peço-lhe que me perdôe a muita marmelada que lhe devorei, porque eu tambem lhe perdôo a prodigalidade com que elle me servia de palmatoadas, cada vez que o meu pundonor nacional me fazia que-

*

brar a cabeça do preto, ou da preta, que insultava o meu paiz, ou a minha pessoa.

Comecei de tal modo a minha aprendizagem de caixeiro, que no fim de um anno podia, com razão, lisongear-me de ser o terror da maior parte da gente que frequentava o estabelecimento.

Não era pela minha força physica, nem pela minha figura; porém o certo é que não sei d'onde me vinha a audacia para tão grandes committimentos: ainda que o insultador fosse um gigante, não ia sem correcção. As minhas armas eram os pesos da balança, os copos, as garrafas, e, nos grandes apuros, cortava as difficuldades saindo para a rua, e correndo o aggressor á pedrada. De dois resultados que isto podia ter, um era sempre infallivel, no caso de haver cabeça quebrada: ou eu comprava á força de aguardente o silencio da victima, ou a palmatoria se encarregava de me cortar os vôos de tão despropositada heroicidade.

Finalmente, chegou um dia em que o meu patrão declarou positivamente que já me não podia nem queria sôfrer. Eu tinha atirado á cara de um homem elegantissimo, que me dirigira um dito grosseiro, com quatro arrateis de manteiga de vacca! O desgraçado era criado, ou escravo, do presidente da provincia: andava sempre recendente de perfumes, e vestido de roupa al-

vissima, traje de que tinha grande presumpção e vaidade. Porque o não servi com a rapidez que exigia, e julgando-se offendido na sua qualidade de servo do chefe do paiz, permittiu-se a liberdade de me dizer uma palavra, que eu entendi não dever deixar passar, e respondi, batendo-lhe ás mãos ambas com uma enorme colhér de manteiga sobre o nariz.

Confesso que por muito tempo me ensoberbeci, e tive esta acção por uma das mais brilhantes do primeiro periodo da minha vida. Os cabellos, admiravelmente frisados, do meu adversario, ficaram num estado lastimoso; e cobri-lhe de tal modo a cara, como se quizesse tirar-lhe a mascara para lhe mandar fazer o busto... de queijo. A victima deu um grito, e levou ambas as mãos aos olhos, começando a tirar d'elles pastas de manteiga; e eu, temendo a vindicta, enterrei outra vez a colhér no barril, decidido a repetir a dóse. Porém o pobre diabo, mal abriu um olho, partiu como um raio pela porta fóra, e foi mostrar-se ao meu patrão, que morava do outro lado da rua.

Em satisfação ao presidente e ao seu lacaios, apanhei seis duzias de palmatoadas; porém, visto que ellas não evitaram o perdermos o freguez, quiz o meu patrão desistir dos meus serviços como prejudiciaes, e fallou a todos os seus visi-

nhos, afim de ver se algum me queria para as suas lojas; mas a minha reputação tinha chegado longe. Responderam todos aterrados que não queriam nem ver-me! e foi necessario procurar-me um estabelecimento no extremo da cidade, onde eu era ainda desconhecido, mas em cujo ponto me tornei dentro em pouco d'uma tal popularidade, que dezoito annos são já passados sem que ella tenha desapparecido inteiramente!

Ao completar os meus doze annos comecei a envergonhar-me por não saber ler, e appliquei-me voluntariamente com tanta dedicação, que aprendi em poucos mezes. O primeiro livro que me foi ás mãos, e que ha de ter um dia, em outra parte, um capitulo especial, foi a *Historia de Carlos Magno*.

Eu não lia só para mim, queria auditorio, e era bem pouco escrupuloso na escolha d'elle! A quantos pretos, tapuyos, e mulatos apanhava, nas occasiões em que meu patrão saía de casa, lia a morte de Roldão, e elles desatavam num berreiro de choro, tão feio e temeroso, que vexaria o proprio Adamastor.

O meu segundo livro foi os *Lusiadas* de Camões.

Não escrevo estes apontamentos para a posteridade me fazer a biographia: faço-os para os

leitores dos **Cantos Matutinos**. Do rapaz endiabrado e picaresco, que eu confesso ter sido, póde-se esperar tudo, menos um bom poeta. Aos que, depois de saberem os pontos capitaes de tão arrevezado começo de vida, não acharem toleraveis os meus versos, responderei : que os façam melhores ; lastimando que o censor não passasse pelas mesmas provas que eu passei.

No Pará era raro, naquelle tempo, o patrão que permittia aos seus caixeiros o occuparem na leitura as horas vagas ; mas o fruto prohibido aguça o appetite ; a tyrannia inspira naturalmente o desejo da resistencia ; e por isso era tambem raro o caixeiro que não se entregava com avidéz a leituras clandestinas. E a isso talvez deve aquella cidade o grande numero de mancebos illustrados que hoje dirigem o seu commercio. Entre elles é vulgar o conhecimento dos nossos melhores classicos, e tanto se tem desenvolvido nos ultimos doze annos o gosto do estudo, que o mais humilde caixeiro de taverna não ignora nenhuma das modernas publicações portuguezas.

Brigando com a má vontade e opposição que encontraram por vezes as minhas tentativas estudiosas, decorei em poucos mezes todas as estancias dos *Lusiadas*, e foram ellas as primeiras lições que eu tive de poesia e de historia. A brutalidade de alguns patrões, e o meu indocil ca-

racter, que repellia a servidão, fizeram-me tomar odio eterno á vida de caixeiro.

Meu irmão, e um primo de quem eu era hospede, fizeram esforços desesperados para me domar. Depois de se convencerem de que eu me não sujeitava ao commercio, perguntaram-me se queria seguir outra qualquer carreira : se me sentia com vocação para artista, militar, padre, medico, ou advogado. Deram-me a escolher todas as profissões, compromettendo-se a mandar educar-me convenientemente ; porém eu não me decidi por nenhuma ; e uma vez que me apoquentaram mais do que de ordinario, ácerca do meu destino, respondi ao acaso — que me fizessem calafate !

Meu irmão que, apesar de toda a sua gravidade e bom senso, tinha apenas mais anno e meio do que eu, achou-me muita graça ; porém meu primo, que era homem serio, e que estava cansado das minhas extravagancias (segundo elle dizia), avançou a mão para me agarrar uma orelha, que eu tive a prudencia de pôr fóra do seu alcance — fugindo de casa.

As grandes florestas estavam perto. Havia muito tempo que eu aspirava com delicias o perfume que me trazia dos sertões a brisa nocturna. A causa da minha repugnancia a todas as occupações era o desejo e a curiosidade, que me mordiam noite e dia, de correr para essas eternas

solidões, que me chamavam de longe. Sentia-me como atacado de nostalgia das selvas, que eram a patria do meu pensamento.

Um dia de madrugada, tendo-me despedido sómente do meu sempre bom irmão, embarquei numa canôa, que se destinava ao fabrico de gomma elastica, e parti para o rio Xingú. Logo que me vi no meio das florestas virgens conheci que tinha achado o meu reino, o paiz da fantasia. Habituei-me á presença quotidiana da onça, do tigre, e do tamanduá, ás mil variedades de serpentes, aos jacarés, aos gentios de todas as raças, e á sua existencia, costumes, e festins barbaros. Pareceu-me que a vida errante da tribu fôra de proposito criada para a minha organização : dentro em pouco a cor da minha pelle era igual á dos tapuyos ; deixei a espingarda pela frecha ; a lingua portugueza pelo dialecto guttural dos jurunas, ou pela lingua dos tupis ; preferi, emfim, o selvagem ao homem civilisado, e comecei a correr pelos bosques, como o tinha feito nas campinas do Minho.

Não sei se tive razão ; mas o certo é que seguia mau caminho para auxiliar e desenvolver a primeira tentativa que fizera no estudo.

Tornei a perder os livros de vista, com menos saudade ainda que no momento de embarcar para o Brasil, e talvez que tambem com menos

vontade de me volver a elles. É verdade que o germen tinha ficado de algum modo enredado no meu cerebro. Eu sabia os *Lusiadas*, e não os deixava esquecer, repetindo mentalmente uma ou outra estancia quando esperava, com a corda do arco retezada, e a tacoára em punho, a passagem da anta, ou do veado.

Depois de vaguear um anno pelos matos e cachoeiras do Xingú, subi o Amazonas, e fui completar o meu decimo terceiro anniversario na villa de Alemquer, situada em um braço do mesmo rio, entre os dois grandes lagos Curumú e Surubiú.

Nessa povoaçãosinha, de que não posso lembrar-me sem uma doce melancolia, encontrei um dia, em casa d'uma familia indigena, e dentro de um cesto forrado com folhas de bananeira brava, quatro ou cinco livros velhos. Um d'estes era o poema *Camões*, de Almeida Garrett, edição do Rio de Janeiro.

Li-o; e a essa leitura, repetida muitas vezes depois, se devem não só os **Cantos Matutinos**, porém todos os meus modestos opusculos.

Aquelle poema transformou-me repentinamente, e sem eu saber como: principiei a ver debaixo d'outro aspecto os rios, os lagos, as florestas, e as montanhas. Pareceu-me que as flores derramavam maior perfume, e se vestiam de mais vivas

cores ; que o ceo e os astros brilhavam pela primeira vez aos meus olhos, e que toda a natureza tomava fórmãs novas e sublimes. Julguei entender o canto das aves, o murmúrio das aguas, e o gemer da brisa entre as açucenas bravas, e as mimosas pudicas. As harmonias do verso vibravam na minha alma ; ouvia dentro em mim outra voz que balbuciava, traduzindo as minhas sensações por meio de palavras cortadas, vagas, incoherentes, e inintelligiveis para o mundo, e que eu não sei como nem onde as aprendia ! Cuidei-as inspiradas por Deus, e sei que me foram reveladas por essa elegia sublime do grande poeta que já não vive !

Ousei dirigir uma carta a Almeida Garrett, em que lhe contava, com a mesma simplicidade e singeleza com que o faço agora, tudo que deixo escripto ; e concluia perguntando-lhe se o que eu sentia então seriam indícios que revelassem em mim a ave que pretende voar antes de lhe nascerem as azas. A carta gastou muito tempo em descer o Amazonas e atravessar o Atlantico. Depois d'ella partir, eu sorria-me da louca tentativa que fizera, e deixei de esperar uma resposta que já me parecia impossivel de obter. Mas no fim de dois annos e meio a resposta chegou ás minhas mãos ! Era uma consolação, um estímulo, um impulso !

Encontrei-a no Pará em 1845, tendo eu já dezasete annos. Divulguei a noticia, e toda a gente quiz ver a carta d'um poeta, que ali é, e foi sempre, adorado. Duvidou-se de que fosse d'elle; mas, entre os curiosos, appareceu um que reconheceu a lettra. Era negociante honrado, e os incredulos não tiveram remedio senão curvar-se diante da sua palavra. Já ninguem se ria das minhas passadas criancices; olhavam-me quasi com respeito; e os caixeiros que haviam sido meus contemporaneos estalavam com desejos de me proclamar poeta, visto que eu me correspondia com o que era para elles, e para mim, quasi um semi-Deus.

Resolvi então voltar a Portugal, com a firme vontade de vir para Lisboa estudar, e decidido a morrer na luta, se tanto fosse preciso. No momento da minha partida fui bastante temerario para consentir que se publicasse um soneto de despedida aos meus amigos, do qual aproveitei doze linhas para zurzir os invejosos. Era a primeira vez que o meu nome ousava ir desaccommodar os typos; e Deus sabe se não teria sido melhor o deixal-os dormir sem me tornar jámais seu conhecido!

.....

Ninguem que tenha o habito de ler jornaes pôde ignorar as minhas relações com o fallecido

visconde de Almeida Garrett. Desde o momento em que nos encontramos pela primeira vez, até áquelle em que o vi expirar-me nos braços proferindo o meu nome, e dizendo-me estas derradeiras palavras: «*Já o não vejo!*» devi-lhe sempre a maior affeição e os melhores conselhos que um filho pôde receber de seu pae. Foi elle o meu mestre; porém, apesar de todos se dizerem seus discipulos depois da sua morte, elle não deixou ninguem que o representasse na litteratura do seu paiz. Segundo a expressão de Theophilo Gauthier: «Cada poeta celebre leva comsigo o seu segredo quando desce á sepultura.»

Não se espere, pois, que os **Cantos Matutinos** façam lembrar os cantos inimitaveis da lyra que emmudeceu ao despedir de si as *Folhas Caídas*.

Mas se os meus humildes versos não podem provar claramente que os seus me fizeram poeta, mostrarão ao menos que o discipulo se não esqueceu do mestre.

Lastimo que Deus me não dotasse de muito talento para que, sendo este livro mais duradoiro, ficasse um verdadeiro monumento á memoria do cantor illustre.

E ainda assim, modesto como é, pôde ser que alguem estranhe o havel-o eu dedicado a um morto, num paiz em que os vivos recebem com

CANTOS MATUTINOS

LIVRO PRIMEIRO

I

O Desterrado

(Na foz do rio Negro, em 1842)

Como são brancas as flores
D'este verde laranjal !
É doce a sua fragrancia
Como a d'este roseiral ;
Mas têm mais suave aroma
As rosas de Portugal !

O solo d'estas florestas
O brilhante e o oiro encerra ;
São immensos estes rios,
Immensos o valle e a serra ;
Porém não têm a belleza
Dos campos da minha terra !

Estes astros são mais bellos ?
É mais bello o seu fulgor ?
Mas luzem no ceo do exilio ;
Não lhes tenho igual amor.
Ai ! astros da minha terra !
Quem me dera o vosso alvor !

De amores embriagada,
A rôla suspira aqui !
Com estes vivos perfumes
Tudo ama, folga, e ri !
Mas oh ! que tem mais encantos
A terra aonde eu nasci !

Lá, era a lua mais linda ;
Mais para os olhos as flores ;
As noites da primavera
São ali mais para amores ;
E nos bosques de salgueiros
Tambem ha meigos cantores.

Oh ! não ; não é bello o sitio
Do meu desterro infeliz,
Onde tudo — a toda a hora —
Que sou proscripto me diz !
Não ; não ha terras formosas
Senão as do meu paiz !

II

Quinze annos!

Já quinze annos! quando a vida
Vai florida
Desabrochar,
Eu, que não vivia ainda,
Sinto-a finda
A vacillar!

Eu, que tive aos nove annos
Desenganos
Como ninguem,
Que peno aqui desterrado,
Separado
De minha mãe,

*

**Eu já não tenho esperança !
Tão criança,
Já vivo só !
Já, na dor sem ter segundo,
Neste mundo
Não acho dó !**

**Já mil vezes nestas plagas,
E nas vagas,
A morte vi !
Lutei com o mar e os ventos ;
Os tormentos
Todos venci !**

**Meu destino e minha esp'rança,
De criança,
Achei rivaes ;
Como flor da haste pendida,
Combatida
Por vendavaes.**

**Confiei meu fado escuro
Ao ceo puro
Da solidão ;
Mas o ar da terra estranha,
Na montanha
É um volcão !**

Não tem o aroma dos prados
Matizados
Do meu paiz !
Corre fogo d'estas fontes !
Nestes montes
Não sou feliz !

Como hei de eu ter alegria
Neste dia,
Longe dos meus ?
Assim o quer minha estrella,
E por ella
O manda Deus.

Caminhar é meu destino :
Peregrino
Sempre serei ;
Sempre em triste soledade
Com saudade
Suspirarei.

Poeta, sempre na lyra
Me suspira
Um sonho vão ;
Um fantasma que eu só vejo,
Um desejo,
Uma illusão !

Pelos ares vòa e corre ;
Nunca mórre...
Ou vai ou vem
Pelo cimo dos palmares ;
E nòs mares
Vaga tambem.

Foge, ó sol da fantasia,
Da poesia,
E seu condão !
Essa chamma abraza e mata,
Se dilata
O seu clarão.

Já quinze annos ! Cesse o canto !
Doce pranto
Aos olhos vem,
Ao lembrar-me o patrio ninho,
E o carinho
De minha mãe ;

Ao lembrar-me do passado
Desvendado,
E do porvir,
Incerta, vaga esperança,
Que não cança
De me mentir !

III

Gloria a Christo

Salve, Estrella do Oriente,
Que as trevas tornaste em luz !
Gloria a teu sangue innocente,
Derramado sobre a cruz !
Gloria a ti quando nasceste !
Gloria a ti quando morreste !
Gloria ao Pae que te mandou !
Gloria em nome dos remidos !
Gloria em nome dos descritos,
Que o teu amor perdoou !

Gloria dos anjos no canto !
Gloria nos ceos ao Senhor,
Que por nós padeceu tanto,

Morrendo por nosso amor !
Curva-te, ó mundo, prostrado
Aos pés do Crucificado,
E orando pede perdão !
Alça-te ao Homem divino :
Das palavras fórma um hymno,
Dos hymnos uma oração !

Gloria a ti sobre o Calvario,
Do qual fizeste um altar,
Onde, envolto em teu sudario,
Morreste sem murmurar !
Gloria na terra e nos mares,
Nas florestas e palmares !
Eterna gloria a Jesus !
Gloria ao maior dos Prophetas !
Gloria na voz dos poetas
A Christo morto na cruz !

Gloria a ti, porque vieste
Para os homens libertar
Com a doutrina celeste,
Cuja base é perdoar !
Gloria ao Deus crucificado,
Ao Cordeiro immaculado,
Ao sublime Redemptor !
Gloria ao Mestre da verdade,
Ao Astro da humanidade,
Ao Deus de perdão e amor !

Gloria a ti, Homem ingente,
Por escárneo feito Rei !
Gloria sempre, e eternamente,
Por tua santa, e doce lei !
Gloria a Christo nas florinhas,
Nos cantos das avesinhas,
Nas tempestades do mar,
Na voz solemne das selvas,
Na formosura das relvas,
Das brisas no-ciciar !

Gloria nas lavas ardentes
Que traspordam dos volcões,
E na quédia das torrentes
Que voam em turbilhões !
Gloria nos valles e montes,
Na casta lympha das fontes,
Nos prados, e nos vergeis !
Gloria a ti por toda a terra,
Pois tu não queres a guerra
De fleis contra infleis !

Gloria a quem os vituperios
Recebeu dando o perdão !
Gloria ! dizem os mysterios
Das obras da criação :
As aves em seus amores,
Os campos nas varias flores,

Os rios no murmurar,
Estrellas nos ceos profundos,
A luz em todos os mundos...
É o universo a orar !

Tudo e todos dizem gloria !
Tudo e todos a uma voz,
Ante a tremenda memoria
D'esse crime horrendo, atroz !
Mas o sangue do Cordeiro,
Caindo sobre o madeiro,
Ao algoz dava o perdão ;
E a cruz, em vez de maldita,
Ficou á alma précita
Por fanal da redempção.

Cumpriu seus altos destinos
Ensinando a padecer ;
Deu-nos preceitos divinos ;
Fez-se homem para morrer.
Que assombro ! O sangue do Morto
Será resgate e conforto
Dos que devêra punir ;
Perdão, em vez de castigo,
Esperança, luz, e abrigo,
Consolação do porvir !

Na terra o clamor immenso
Da humanidade, a ti vai !

Ouve-o, Senhor ! é incenso
Que os filhos mandam ao Pae !
Tudo, dos ceos aos abismos,
Da ordem aos cataclismos,
Diz tudo gloria, Senhor !
Porque em paga de um delicto
Dêste ás almas o infinito,
Ao crime, perdão e amor !

IV

A Floresta virgem

Salve, imagem do eterno paraíso,
Fonte de inspirações e melodias!
Tu és a patria da verdura eterna,
O reino das eternas harmonias!

Immenso templo, magestoso, infindo,
Erguido pelas mãos do proprio Deus!
Tendo milhões de cedros por columnas,
E por tecto as abobadas dos ceos!

Mas encobrem o azul do firmamento
Fantasticos ornatos de mil cores;
Se falta a luz, sobejam os perfumes;
Quem estrellas procura, encontra flores.

Por toda a parte vívidas se abraçam
Mil variadas familias de cipós:
Ipecacuanhas, guapohís, baunilhas,
Salsas, carajurús, ou curimbós;

Sobem do chão aos cimos elevados,
E, do arvoredos os ramos enleando,
Descem do lado opposto para a terra,
Onde novas raizes vão lançando.

Como o apparelho d'um navio immenso,
Fingem estes enxarcias e brandaes;
Outros, prendendo em arvores diversas,
Semelham-se aos cabrestos e aos estaes;

Entre os braços, escotas, e amantelhos,
Cruzam brioses, estingues, e bolinas;
Cabos de laborar, e cabos fixos,
Para velas redondas ou latinas;

Cergideiras, adriças, endrevellos,
Amarras que não cabem em baileos;
Estralheiras mais fortes do que o linho,
Que farão rebentar os arganeos.

Ha tudo aqui! E dos cipós immensos
Pendem flores e frutos differentes;
Caprichosos na fórma, e multicores,
Agigantados, bellos, recedentes.

No denso, emmaranhado labyrinthó,
Não podem os meus olhos penetrar;
E ao aspecto selvagem da floresta
Os meus passos recusam avançar.

É tudo grande, magestoso, e fero:
Frutos, flores, e arvores possantes!
Um mundo de verdura os ceos ameaça;
E o solo esmaga sob os pés gigantes!

Oh! Senhor! e lançaste cá na terra
O homem que estas selvas ha de abrir!
E nas mãos do pygmeu puzeste a força
Que póde as tuas obras destruir!...

Serão estas florestas abatidas
Por uma tão pequena creatura! ?
Oh! perdôa, Senhor! o genio do homem
Não se deve medir pela estatura.

Tu criando-o pequeno lhe disseste
Que o fazias o rei da criação;
E ousa elle tocar nas maravilhas
Que alevantára tua propria mão!...

Onde tu cultivavas os palmares,
Ousa elle erigir suas cidades;
E sobe, audaz! á região dos ventos,
Sem receio das tuas tempestades!

Muda teus rios, os teus mares corta,
E encarando teus astros sem temor
Arranca á natureza os teus segredos,
Oppondo aos teus prodigios o vapor !

O louco ! mas perdôa o seu orgulho,
Quando o cegam os vãos da sciencia ;
Elle sabe que o fogo do seu genio
Traz o impulso da tua omnipotencia.

.
.

Nos paizes d'Europa não se criam
D'estes matos e selvas colossaes ;
As arvores são lá menos altivas,
Mais humildes os verdes pinheiraes.

Medram aqui agigantados cedros,
E vão até ás nuvens as palmeiras ;
E lá são enfezados os carvalhos,
E não chegam a bosque as oliveiras.

Aqui tudo é formoso, immenso, eterno ;
Mas não posso julgar-me aqui feliz...
Porque além, onde tudo é mais modesto,
Lá fica a minha patria, o meu paiz.

O ceo é lá mais doce, o ar mais puro,
E mais branda e suave a natureza ;
Aqui tudo é maior, porém minh'alma
Não se assusta ao aspecto da pobreza.

Rugidos, gritos, ecos mysteriosos,
Povoam de terror a solidão,
Interrompendo o fremito das selvas,
E o pavor conduzindo ao coração.

E lá é tudo paz ou brando ruido
Que se interrompe ao acabar o dia,
Recomeçando na manhã seguinte
Quando os sinos redobram d'alegria.

Aqui, do meio das soberbas flores
A cabeça do tigre vejo erguer ;
Molha os frutos a baba das serpentes,
E o perigo mistura-se ao prazer.

E lá tudo é pacifico e tranquillo :
As nossas flores não encobrem feras ;
E cada anno os saborosos frutos
Renascem como as novas primaveras.

Nos nossos campos vivem mansos gados,
Que á mão que os amansou tomam amor ;
Aqui, se encadeiassem estes monstros,
Elles devorariam seu senhor.

**Mas fosse a minha patria mais humilde,
Jámais d'ella no exilio me esquecerá!
Mal haja o coração que não suspira
Pela terra do berço onde nascêra!**

V

Veiu a flor dos meus amores
Do ceo ;
E quem a viu entre as flores,
Fui eu.

Como a violeta singela,
Nasceu ;
E no meu peito, mais bella
Viveu.

Todos os olhos que a viam
Predeu ;
Mas a quantos a seguiam
Perdeu.

Quando o amor que ella me tinha
Tremeu,
A fé, que do ceo me vinha,
Morreu.

Minha fronte amortecida
Pendeu ;
A uma illusão perdida
Cedeu.

Então meu coração triste
Gemeu ;
Mas logo a ti, que o feriste,
Volveu.

Em mim o extremo amoroso
Cresceu,
E teu coração cioso
Venceu.

Trata sempre com brandura
O meu,
Que só deseja e procura
O teu.

VI

No Exilio

Para o que a patria perde,
É o universo mudo :
Nada lhe ri na vida ;
Mora o fastio em tudo.
A. Herculano.

De olhos fitos na vaga sombria
Que se perde correndo no mar,
O poeta, na terra do exilio,
Triste vive co'a patria a sonhar.

Oh saudade ! oh acerba doçura !
Meiga filha da ausencia e do amor !
Vem nas chagas d'est'alma saudosa
Derramar teu divino licor ;

Doce encanto d'amarga tristeza,
Amargura e prazer do infeliz
Que, chorando nas praias do exilio,
O teu nome, ó saudade, bemdiz !

O que importa o fulgor d'estes astros
A quem viu noutros ceos outra luz ?
Nenhum d'elles, por mais que fulgure,
Do meu berço ao caminho conduz !

Que me importa esta selva florente,
Onde tudo enlouquece d'amor ?
Nessas plantas de mil variedades,
Dos meus campos não vejo uma flor !

Que me importa este rio gigante
A correr por florestas sem fim ?
São mais bellas as fontes do Minho
A regar um perpetuo jardim !

Que me importam as cores brilhantes
D'estas aves, que offuscam o sol,
Se nenhuma, ai ! nenhuma, em seu canto
Se aproxima ao gentil rouxinol !

Que me importa o rugido das feras,
Das serpentes o horrendo silvar ?
A quem perde as doçuras da patria,
Já não póde outra perda assustar.

Mas se ainda em minh'alma enlutada
Póde a luz da esperança viver,
O que eu sonho—o sonhar do proscripto—
É na terra da patria morrer ;

**Ir depór esta carga da vida
No paiz onde a tive de Deus ;
Repousar nesses campos floridos
No logar onde dormem os meus.**

VII

A Madrugada

(No rio Amazonas, em 1842)

Sé benvinda, madrugada,
Que eu sympathiso contigo;
Parece que me conforta
O ver-te chorar commigo.

São iguaes nossos destinos ;
Igual sorte nos domina :
Tu chegas sempre chorando ;
Chorar sempre é minha sina.

Mas é doce o teu orvalho,
E o teu pranto vem do ceo ;
E eu choro fel amargoso,
Porque n'alma nasce o meu.

Da minha amada familia
Quem me dera ao lar volver,
E gozar no ceo da patria
O teu doce alvorecer !

Mas a estrella que me guia,
Pelo espaço vaga errante ;
Já nem resta uma esperança
Ao perdido viandante !

Neste mundo de desterro
Ô meu viver é penar :
De dia, sem ter socego!
De noite, sem repousar !

E nem quando nasce o dia
Se alegra meu coração ;
Que as trevas aonde eu vivo
Nunca mais a luz verão.

Mas tu choras, madrugada,
E eu sympathiso contigo ;
Porque o meu pranto é mais doce
Quando alguém chora commigo.

VIII

O Caçador e a Tapuya

—«Tapuya, linda tapuya,
Que fazes no cacual?»—

—«Por aqui é meu caminho
Para ir ao cafézal.»—

—«Nem por aqui faz caminho,
Nem ha café que apanhar;
Tapuya, linda tapuya,
Que vinhas aqui buscar?»—

—«Eu ia apanhar goiabas
Para dar a meu irmão.»—

—«Ficam á beira do rio,
Não é nesta direcção.»—

—«Ando em busca de baunilha,
Que minha mãe me pediu.»—

—«Meninã, nos cacaueros
Nunca a baunilha subiu !»—

—«Pois então... eu vou ao lago,
D'onde meu pae ha de vir...»—

—«Ao lago por estes sitios !
Para que estás a mentir ?»—

—«Se o branco tanto pergunta,
Que já não sei responder !...»—

—«Se tu dizer-me não queres
O que vens aqui fazer !

Todos os dias te vejo
No meu cacaual andar ;
Sempre seguindo meus passos,
Sempre commigo a encarar.

Pergunto-te o que me queres,
E tu olhas para mim ;
Ou para longe te affastas,
Sorrindo-te sempre assim !

Vens assustar-me as cotias,
Pois nenhuma inda avistei ;
Mas, se tornas a seguir-me,
A teu pae me queixarei.»—

—«Adeus, branco ; vou-me embora,
Para não tornar a vir ;
Se o senhor não achou caça,
Não fui eu que a fiz fugir.

Não assusta a minha idade ;
Que sou bella o branco diz ;
Mas o que os meus olhos dizem,
O branco saber não quiz.

Eu, sósinha atrás do branco,
Pelo cacauall andei ;
E o meu branco vem queixar-se
De que a caça lhe assustei !

Era a caça quem caçava
Ao cego do caçador !...
Quem tão pouco vê, não sabe
Qual caça tem mais valor...»—

—«Anda cá, linda tapuya,
Não vás assim a fugir ;
Tuas palavras tão doces
Volve, volve a repetir.»—

—«Para traz não volve a caça ;
Meu branco, aprenda a caçar :
Quem deseja caça fina,
Deve-a saber farejar !»—

Disse a tapuya ; e na selva
Para sempre se occultou ;
Mas o caçador das duzias
Parvo da caça ficou !

IX

O Deserto

(No Alto Amazonas, em 1843)

Arrancado subitamente a todas as riquezas da vida organica, o viajante penetra com assombro nesses espaços sem arvores, onde encontra apenas alguns traços de vegetação.

Humboldt.

Eis o deserto !... um deserto
Das regiões americanas !
Os Pampas são ali perto ;
Ficam além as Guayanas...
Vinte leguas, cem, duzentas,
Mais talvez de quatrocentas...
Quem sabe quantas serão ? !
Sente-se o homem pequeno
Perante o immenso terreno
D'essa eterna solidão !

O cacto agigantado,
Como guarda do horisonte,

De enormes flores toucado,
Ante vós levanta a fronte;
Solitaria sentinella
Que attenta vigia e vela,
Porque não passeis além.
Ai do que se precipita
Nessa amplidão infinita,
D'onde não volve ninguem!

Mas sentis não sei que abalo,
Não sei que desejo incerto
De impellir vosso cavallo
Atravez d'esse deserto...
É o abismo que fascina!
Tudo que a mente imagina,
Querem os olhos gozar;
O vago e o desconhecido,
Ir onde ninguem tem ido,
Isso vos ha de tentar.

Ousado sois? cavalleiro?
Sabeis affrontar a morte?
O cavallo é bem ligeiro?
Votae-vos a Deus e á sorte:
Mettei balas na clavina;
A faca de ponta fina
Que vos não cáia ao correr;
Largae redea; dae d'esporas;

Um dia são doze horas,
Mas tendes muito que ver.

Andae caminho de leste ;
Vede como o sol discorre !
Se vos perdeis para oeste,
É mais um que por lá morre.
A galope, como o vento,
Quasi como o pensamento,
Vosso cavallo arraçou !
Os lagos, o monte, a selva,
Os prados de verde relva,
Já tudo ao longe ficou !

Livre sois em novo mundo,
Um mundo de immensidade !
Neste silencio profundo,
Reina eterna a liberdade.
Mas o horisonte não morre !
Mais vosso cavallo corre,
Mais elle foge de vós !
E na distancia uniforme
Dorme o ceo, e a terra dorme,
Devastada, muda, atroz !

Vendo cansar o cavallo,
Cedeis tambem fatigado :
Não sentis o mesmo abalo

Que vos tinha entusiasmado ;
Quereis voltar... Para onde !...
Todo o vestigio se esconde !
Nada vos póde guiar !...
Nem o sol ! do dia em meio,
Como vai, ou d'onde veiu,
Já não podeis affirmar.

Silencioso, frio, e morto,
O deserto vos suspende ;
Vossa vista sem conforto
Debalde ao longe se estende.
Nem uma nascente pura !
Nem um ramo de verdura
Que vos livre do calor !
O ar parece uma chamma,
Que vossos pulmões inflamma
Sob um ceo abrazador !

O cavallo, triste, inquieto,
Sem alento afrouxa os passos ;
Do paiz ao mudo aspecto,
Como vós mede os espaços.
Interroga o solo ardente ;
Vé com magoa o chão candente,
Queimando a vegetação ;
Vé só terras calcinadas,
E nas plantas abrazadas
Refrigerio busca em vão.

Busca em vão nos horisontes
Os bosques dos cacaueiros,
O lago, a crista dos montes,
Os cimos dos cajueiros.
De repente, erguendo a crina,
Co'a vista mede a campina,
E parte, e corre veloz !
Largae a redea ao cavallo !
Não cureis de governal-o,
Que sabe mais do que vós !

Escutae !... um grito rouco
Distante nos ares sôa;
O cavallo, quasi louco,
Ouvindo-o, não corre, vôa!
Lá fogem vinte veados,
Do seu galope assustados !
Novo rugido estrugiu,
Mais temeroso, e mais perto !
Fugir ! que o rei do deserto
A carne humana sentiu.

Já pouca esperança resta...
Do tigre a furia redobra...
Eis que se avista a floresta,
E o cavallo animo cobra !
Mais ardente corre e vôa,
Mais nos seus ouvidos sôa

Da fera ardente o correr !
Nenhum a victoria cede !
Cada qual o espaço mede
Aonde conta vencer !

Aqui se acaba o deserto !
Chega o cavallo primeiro;
Porém, com o peito aberto,
Cai sobre o seu cavalleiro.
O tigre, rugindo, avança !
Já como um raio se lança...
Tendes a faca na mão ?
Espreitae-lhe o movimento...
A vida cessa um momento,
Não vos pulsa o coração !...

Suspende o tigre a corrida...
Na floresta os olhos fita ;
E uma onça enfurecida
Sobre elle se precipita !
Trava-se luta horrorosa,
Tremenda, mortal, ruidosa,
Que assusta, que faz pavor !...
Tomae a vossa clavina,
Se o terror vos não fascina ;
Fugi, se tendes valor !

Deixae o vosso cavallo ;
Do vencedor será préza ;

Vós não podeis levantá-lo,
Era loucura a defeza.
As duas feras que lutam,
O seu cadaver disputam;
Por elle vivo ficais.
Dizei adeus ao deserto;
Dizei-lhe adeus ; estou certo
Que saudades não levais !

X

Sobre o rochedo

Aqui onde a terra acaba,
Sobre um rochedo escavado,
Pelas ondas carcomido,
E dos ventos açoitado,
Aqui, fugindo do mundo,
Eu venho chorar meu fado.

Sobe a onda pela rocha
Do nordeste ao sibilar ;
Um navio em panos largos
Vejo ao longe a velejar ;
Oíço a voz dos marinheiros,
Alegres fallando ao mar.

Se eu participasse agora
D'esse viver vacillante
Do marinheiro, que a vaga
E o vento levam distante;
D'essa vida aventureira,
Que arrebatou o navegante! . . .

Oh! se eu tivesse a ventura
De poder hoje partir
Em busca de novos mares,
E novos ceos descobrir! . . .
Se eu pudesse d'estas praias
Os meus olhos despedir! . . .

Oh! feliz, se neste instante,
Cessando o meu desvario,
Visse fugir esta rocha
Da pópa do meu navio!
Nunca mais molhára a quilha
Nas turvas aguas do rio!

Com perigos me esquecêra
Das saudades do passado;
Meu coração se tornára
Do balanço apaixonado;
E, a bordo do meu navio,
Seria o mundo olvidado.

Que me importavam os cantos,
Os meigos sonhos do amor?
Na terra tudo é mentira;
Tudo é vão e enganador;
Onde reina a hypocrisia
Só se dá bem o impostor.

Ai! se no mar eu me visse,
Achára lá mais poesia!
No clamor das tempestades
Ha magestosa harmonia;
E tambem hymnos parecem
Os ruidos da calmaria.

Levae-me, ó ondas, levae-me
Aonde ninguem chegou;
Aonde só mar e vento
Deus até hoje mandou;
Aos sitios desconhecidos
Que a minha mente sonhou!

Levae-me longe da terra,
Aonde fica perdida
A flor da minha existencia
Por estranhas mãos colhida;
Aonde vive a esperança,
Para mim desconhecida.

Ai! surdas ao meu pedido,
As vagas passando vão!
Some-se ao longe o navio,
Levado da viração;
Em suas velas me foge
Mais uma doce illusão.

Todos podem ir correndo,
Em procura d'outro ceo;
A todos o mundo é livre;
Todos vão; fico só eu,
Nesta rocha encadeiado,
Como um novo Prometheu!

Voa em vão meu pensamento
Dos horisontes além;
Meus passos ficam suspensos
Onde o mar pára tambem;
Por isso a todas as horas.
Minh'alma aqui chorar vem.

Adeus, rochedo escavado,
Batido do mar e vento;
Âmanhã virei de novo
Dizer-te o meu sofrimento,
Até que Deus me permitta
Seguir o meu pensamento.

XI

O Amazonas

(A Agostinho José de Almeida)

I

Leguas mil a correr, furioso, alaga
O solo d'este fertil continente;
Na corrida feroz o cedro esmaga,
E montes leva na voraz corrente!

Veia enorme, que a sábia natureza
No corpo introduziu do novo mundo,
Mostrando que tem forças e grandeza
Para um rio igualar ao mar profundo!

Bem largo Oceano sua foz parece,
Aonde o mar em vão tenta sustel-o;
Porém, vendo que a força lhe fallece,
Resigna-se no leito a recebê-lo.

E o gigante dos rios, magestoso,
Rasgando o seio do soberbo Oceano,
E suspendendo o curso impetuoso,
Assim falla em idioma lusitano :

II

—«Ondas do mar, não cuideis
Que me assustais ;
Vinte leguas me vereis,
Ou inda mais.

Eu dos rios sou o rei,
Como sabeis ;
E por isso, bem o sei,
Me não quereis.

Como entrada vos não dou
No leito meu,
Louco o mar tambem tentou
Negar-me o seu ;

Mas eu faço-o murmurar
Junto a meus pés,
Emquanto o vou adoçar
Por leguas dez.

Ao encontro de quem vem
Para me ver
De longe, correr tambem
É meu dever.

Mas a gente d'além-mar,
Quem m'a mostrou?
Seu viver e seu fallar,
Quem m'o ensinou?

Quem os trouxe d'outros ceos
Ao meu sertão,
Para dar aos filhos meus
Religião?

Quem meu nome foi levar
Do mundo além?
Foram as aguas do mar,
E mais ninguem.

Meus productos vão vender
Aos europeus;
Ao meu seio vem trazer
Todos os seus.

Como tu, ó mar, sou rei;
És meu irmão:
Tu nas costas dás a lei;
Eu, no sertão.»—

III

Com altivez as vagas
Attentas o escutaram;
E para novas plagas
Soberbas se voltaram.

Movidas com violencia
Do tumido gigante,
A sua omnipotencia
Pregoam já distante.

Descrevem-lhe a riqueza
Da terra que percorre,
A fertil natureza
Aonde nasce e morre.

O mundo, de pasmado,
Não cré taes maravilhas,
D'um sonho desvairado
Cuidando que são filhas.

Mas eu, que o rio immenso
Vou navegando agora,
A contemplar suspenso
Dos bosques seus a Flora ;

Que a sua voz escuto
Soberba murmurando,
E o oiço resoluto
O seu poder cantando;

Eu, pobre desterrado,
Por cima d'estas aguas
Do rio agigantado,
Chorando minhas maguas;

Do meu paiz distante,
E cheio de saudade,
A divagar errante
Por triste soledade;

Vou traduzir do rio,
Na voz da minha lyra,
O rude murmurio
Que seu poder lhe inspira.

Indomita a corrente,
Entre os montes que abala
Descendo fera, ingente,
Assim soberba falla :

IV

—«Sou dos rios o primeiro,
No mundo não tenho igual,
Nem sob o ceo do cruzeiro,
Nem sob o ceo boreal !
Corto quasi um hemispherio ;
Orgulho sou d'um imperio,
Onde corre o leito meu.
Do Nilo a fama se cale,
E o Mississipi não falle,
Que o Amazonas sou eu !

Nas minhas aguas barrentas
Ha ondas como as do mar,
Erguidas pelas tormentas
Que vem meu collo agitar.
Nas minhas vagas ferventes
Tambem mergulham ardentes
As azas do furacão !
Eu gero monstros informes,
Colossaes, brutos, enormes,
Prodigios da criação.

Tenho peixes de mil cores,
E tartarugas tambem ;

Ilhas cobertas de flores
Sobre mim boiando vem.
Mil rios, de nomes varios,
Mil rios, meus tributarios,
Me conhecem por senhor ;
Aguas verdes e aniladas,
Pretas, vermelhas, doiradas,
Em meu seio vem depor.

Eu tenho matos de rosas,
De açucenas, e jasmim,
Onde crescem as mimosas
Abraçadas no angelim ;
Tenho selvas de itaúba,
De cedro, e maçaranduba,
De pau d'arco, e condurú,
Onde a canella, e baunilha,
O cravo, a salsa parrilha,
Se enlaçam ao cumarú.

Guerreiras tribus sustento
No fundo dos meus sertões ;
E nas margens dou assento
Aos restos de cem nações.
Pelas minhas ribanceiras,
Ao lado das bananeiras,
Vive o formoso ananaz ;
Aos lados dos cajueiros,

Goiabas, e araçáseiros,
E doces maracujás.

Tenho abacates, e mangas,
Abíos, e bacoris ;
Tenho as acidas pitangas ;
Tenho os doces saputís ;
Do assucar tenho a canna ;
E cresce a nicociana
Ao pé dos algodoaes.
Selvas são meus cacaueiros,
Bosques os meus cafézeiros,
Cem leguas meus arrozaes.

Entre as tintas preciosas
Tenho anil, e tatajuba ;
Nas plantas mais venenosas
Urari, e a caxinduba ;
Tenho os oleos, e resinas,
Os leites, e gommas finas,
Que vendo a muitas nações ;
Das Indias crio a pimenta ;
E a mandioca rebenta
Por todos os meus sertões.

No meio dos meus palmares
As aves de fina cor,
Em ternissimos cantares,

Se juram eterno amor ;
A brisa de amor suspira ;
Amor a selva respira
Nos mil perfumes que tem ;
E sob este ceo ardente
A onça, o tigre, a serpente,
Amor se dizem tambem.

Nos meus vastissimos lagos,
Entre a flor do mururé,
De amor os ternos affagos
Tambem sente o jacaré.
Em torno a mim todos amam,
Todos os peitos se inflammam
Com o sol do meu paiz ;
Tudo é paixão, e ternura ;
É tudo amor, e doçura ;
Tudo em torno amor só diz.

Minhas languidas selvagens,
Astros do ceo do Equador,
A quem as brandas aragens
Levam dos bosques a flor,
Não têm na face mimosa
A cor vermelha da rosa,
Nem a alvura do jasmim ;
Mas têm a cutis morena
Macia como a açucena,
Mais lisa do que o setim.

São tapuyas ; mas tão bellas
Como as brancas d'além-mar ;
Seu coração, como o d'ellas,
A paixão faz palpitar.
Seu amor tem mais ternura,
Tem seu fallar mais doçura,
Seu olhar mais languidez.
Ninguem as vence em caricias ;
Ao amor dão mais delicias,
E mais doce embriaguez.

Nadando como as sereias
As vejo no leito meu,
Querendo apagar nas veias
O fogo que Deus lhes deu ;
Porém minhas brancas aguas
Domar não podem as fraguas,
Que a paixão faz accender ;
Tudo aqui a amar convida ;
São tudo flores, e vida ;
É tudo amor, e prazer !

Eu tenho riqueza immensa
Em brilhantes e metaes ;
Eterno perfume incensa
Minhas aguas colossaes.
Tenho monstros, e tormentas,
E florestas corpulentas

Em vastissimos sertões ;
Tenho agigantadas flores,
Aves de todas as cores,
E povos de cem nações.

Os meus astros são formosos ;
Não os ha de igual fulgor !
Meus animaes temerosos
Causam aos homens pavor.
Tanto poder e grandeza
Que Deus deu á natureza,
E a natureza me deu,
Ninguem mais o tem no mundo,
Pois eu não tenho segundo,
Que o Amazonas sou eu.»—

V

Assim fallam as aguas magestosas
No murmurar da rapida corrente ;
E a seu lado recosta-se indolente,
Soberbo, um povo pelas ver e ouvir.
Mas que será de ti, rio famoso,
Quando os braços do tempo e da sciencia
Do teu curso domarem a violencia,
Transformando-te aos olhos do porvir ?

Quando o machado nivelar teus bosques ;
Quando o ferreo carril abrir teus montes ;
Quando invadirem tuas grandes fontes
A hydraulica, as artes, e o vapor ;
Quando, cortadas as florestas virgens,
Que hoje te dão soberba magestade,
Erguer em cada legua uma cidade
O genio do porvir triumphador ;

Quando as selvas de cedros succumbirem
Roubando a tuas margens teus verdores,
Teus perfumes, teus hymnos, teus amores,
A harmonia das tuas solidões,—
Em tuas ribas surgirão palacios ;
E teu solo poetico e florido,
Por machinas enormes revolvido,
A face mudará dos teus sertões.

Mil navios verás, e varios povos ;
Dia e noite ouvirás linguas estranhas,
Sem que repita o eco das montanhas
A lingua que o teu povo conheceu !
Porém com a sciencia da luz nova
Que te venha arrancar á barbaria,
Conhecerás tambem como a poesia
Com a tua rudeza feneceu !

O bafo pestilente das cidades,

A corrupção que o seio lhes devora,
Nos mesmos sitios que percorro agora
Hão de algum dia celebrar festins !
E tu verás na tez acobreada
Das que são hoje virgens innocentes,
Succederem-se os beijos impudentes
Às candidas capellas de jasmins !

Oh ! não, meu rio ! não te civilises,
Pois vive em tua virgem natureza
Uma imagem de Deus, uma grandeza,
Que leva para os ceos a aspiração ;
E das cidades, onde o vicio reina,
Onde o dinheiro como Deus se adora,
Foge a religião consoladora,
Porque Deus vive só na solidão .

XII

A Nuvem e a Tormenta

Typo da vida do homem,
É do universo a vida:
Depois do afan, repouso;
Depois da paz, a lida.

A. Herculano.

Immovel dorme na região dos ares
Formosa nuvem que reflecte o sol;
Talvez gerada no vapor dos mares,
Ou nas nevoas cinzentas do arrebol.

Pouco a pouco se tornam suas cores
Diafanos e alvos como um veio;
E vão-se dilatando os seus vapores
Até a nuvem se esvaír no ceo.

Mas em breve apparece novamente,
Já mais inchada condensando o ar;
E descendo depois ao mar fervente
Vai no seio das ondas mergulhar.

Tomando as fôrmas de gigante immenso
Devora as aguas onde foi descer ;
Colosso enorme sobre o ar suspenso
O horisonte começa a escurecer.

Estende as garras sobre o firmamento,
E co'as fauces attrai o furacão ;
Derramando na esphera o seu alento,
Fuzila o raio, e ouve-se o trovão.

A nuvem precursora da tormenta
As aguas lança que no mar bebeu ;
E a tempestade, em destruir sedenta,
Nos mastros do meu brigue se abateu.

Vergas estalam, vóa o pano em tiras,
Vem ao convez um mastareo cair,
Redobra o furacão as suas iras,
Pelas bordas o mar sóbe a rugir.

Dos elementos a feroz discordia
O ceo cobre de negra cerração ;
Mas os olhos da próvida concordia
Enxergam atravez da escuridão.

Já meu navio com o tempo corre ;
E inda a vaga espumando no convez,
De ouvir magoada o temporal que morre
Cubiçosa ao fugir me lambe os pés.

Deus é grande! a devota marinhagem,
Implorando-o, á manobra se lançou;
E não foi só o zelo e a coragem
Quem do certo naufragio nos livrou.

Extinguiu-se a tormenta! ó marinheiros,
O serviço um instante abandonae;
E ao som cadenciado dos banzeiros
De joelhos commigo a Deus orae;

Para que nos defenda eternamente
Das tormentas do mar, e das paixões;
Que umas levam a vida de repente;
As outras, lentamente os corações!

Ha pouco vistes essa nuvem bella,
Alva, purpurea, de variada cor,
Dos seios vomitando uma procella,
Que a natureza revestiu de horror?

Pois, como a nuvem, as paixões violentas
Nascem brandas no humano coração;
E depois crescem mais do que as tormentas,
E causam maior mal que o furacão.

XIII

Fantasia

(Na boca do Amazonas, em 1845)

I

Sobre as aguas azues do mar profundo,
Ao declinar da tarde,
Banha o sol os seus raios derradeiros ;
E o mar adormecido
Em torno dos rochedos,
Espreguiça o seu collo movediço.
A onda cubiçosa
Beija de vez em quando a roxa arêa,
Onde deixa vestigios
De suaves ternuras.
Aqui, sob os copados arvoredos,
Do bosque as divindades
Aguardam a luz doce do crepusculo

Para vir á clareira,
Dos perfumados zephyros
O premio receber de seus amores.
A brisa esvoaçando
Vai colhendo os aromas recedentes
Da flor que desabrocha ;
E noutra flor visinha,
Depositando o germen amoroso,
Novos séres fecunda !
Nem uma nuvem pelos ceos se avista !
E toda a natureza
Parece adormecida !
Porém no seio fertil continúa
O lavor mysterioso
Que harmonisa e dá vida ao universo.

II

Solitario, nas praias do desterro,
Com a patria sonhando,
Eu venho aqui adormecer saudades
Diante do espectaculo
D'estas selvas immensas, que assoberbam
As margens do Oceano.
Aqui, tardes inteiras, suspirando
Com os olhos na vaga,

Que vai e vem, atravessando os mares, —
 Como o meu pensamento,
Aqui meu coração saudoso geme.
 O involucro pezado
Que me envolve nos seios das cidades,
 Eu sinto aqui romper-se ;
À viva luz d'uma existencia nova
 Meus olhos se descerram ;
O cheiro agreste que da selva emana,
 O cantico das aves,
O fremito das ondas e dos bosques,
 O odor da maresia,
Esta harmonia estranha e mysteriosa
 Que as solidões derramam,
Parece que embriagam meus sentidos
 Levando-me em espirito
À patria, ao ceo, a regiões fantasticas.

III

Oh ! como fica longe
 O meu paiz querido !
Mas eu sou marinheiro ! largo ! aos mares !
Eu não tremo das vagas alterosas,
Que meu pae ensinou-me a desprezal-as ;

Meu pae, o marinheiro
De quem o mar tremia !
Que, por maior que fosse a tempestade,
O pano, temerario ! não rizava !
O leme subjugando, a bórda toda
Nas ondas mergulhada,
O lais cortando a vaga,
A quilha fóra d'agua, as velas todas
Tufadas pelo vento da tormenta,
Os mastros inclinando, e as enxarcias
Estalando, ou gemendo . . .
Mas elle não cedia !
Cem vezes naufragou ! cem vezes salvo,
Aos restos dos navios abraçado,
Lutando com o genio das procellas,
A navegar tornava,
Para naufragios novos !
Por fim nas vagas, como desejava,
Achou sepulcro temeroso, immenso !
Já morto, e uma bala aos pés atada,
Como do mar no fundo
Não via o seu navio,
Por tres vezes volveu ao cimo d'agua !
Mas seus olhos cerrados já não viram
Que outra mão empunhava ao leme a roda.
Pois eu, que sou seu filho,
Temerei as tormentas ?
Oh ! não receio ! mas o meu destino

É agora vagar nestes desertos ;
Errar pór estes bosques e montanhas...
E não é só da patria
Que hoje tenho saudades!...

IV

Tambem já, infeliz ! d'amor suspiro !
Eu, que ria e zombava dos poetas
Quando os via d'amor gemer escravos,
Captivo sou agora !
Tornei meus inimigos muitos olhos,
Que o fulgor das estrellas offuscavam.
O amor levantou á minha vista
O veo mysterioso,
Que os mil segredos da belleza encobre !
Thesouros que não sonha a fantasia,
Encantos que o desejo não concebe,
Meus olhos enxergaram !
E nem sequer um rapido lampejo
D'essa luz que a existencia vivifica
Foi do meu coração raiar nas trevas!
Amor desesperou-se
De não ver succumbir tanta bruteza
Às duras leis de seu eterno imperio,
E jurou que de mim se vingaria.

Gastou mil artificios ;
Esperdiçou encantos ;
Tentou da formosura a flor mais bella
Empregar contra mim ; eu, ignorante,
Das suas seducções escarneia !
Desafiei as iras
Da barbara criança,
Exaltando o prazer da liberdade ;
Alardeei a minha independencia,
E disse que a paixão era mentira,
E o amor desvario,
Porque amar não sabia !
O meu erro fatal pagando agora,
Do vingativo deus soffro o castigo,
E minha escravidão bemdigo ainda !

V

Ardente fogo me devora o peito !
E já meu sangue, em turbilhões fervendo,
Salta de veia em veia !
E rapidos me opprimem
Desejos que a desejos se succedem !
Desamparado estou ; amor, venceste !
Mas não foste leal nos teus combates !
Tu só, não me vencias ;

Foste aos astros roubar o doce brilho,
E nuns olhos de fada
Forjaste o raio que feriu minh'alma!
Mas quem é ella, a virgem innocente,
Que serve de instrumento á paixão cega
Do meu odioso, barbaro inimigo?
É filha d'estes bosques;
As amarellas flores do pau d'arco
Lhe serviram de leito;
As açucenas bravas,
Tecidas no cipó da salsarana,
Lhe coroam a fronte.
O curimbó, o cravo, e a baunilha,
Enfeitam as clareiras,
Aonde ella adormece
Em camas de jasmims e de verbenas.
O sabiá suspira,
E geme o juruti quando ella dorme;
E tudo em torno d'ella
Descanta alegre quando nasce o dia,
Vendo-a encher os cabellos
De rosas mogorins, e de baunilhas.

VI

Mas eu em vão a chamo!
Invoco-a inutilmente!

Meus suspiros, meus ais não a commovem!
No cimo das florestas,
Sobre as aguas do lago,
Do Amazonas na rapida corrente,
Pelas ondas do mar adormecido,
Das tardes no crepusculo,
Nas nevoas matutinas,
Eu vejo-a em toda a parte, e a toda a hora!...
Porém vejo-a fugindo
De mim, do meu amor, de meus desejos!
Oh! vingativo nume!
Se já satisfizeste o teu capricho
Meu coração domando,
Que mais queres de mim? porque me negas
Aquella que me fez teu tributario?
Ai! horrivel verdade!
Meu peito aneia com amor violento
Pela filha d'um sonho mentiroso!
Vingou-se amor de mim! porém ao menos
Tal como eu a sonhei nem tu, tyranno,
Se te abrazáras em teu proprio fogo,
Acharias imagem tão formosa
Como a que vive em minha fantasia!

XIV

Meu Pae

(No mar, em 1846)

I

—«Adeus, Marianna, adeus ; ao marinheiro
As batalhas da terra pouco importam.
Ver o irmão ao irmão assassinando
Quadros são que minh'alma desconfortam.

Adeus... não chores ; a derrota é longa,
E a terra do exilio bem distante ;
Mas o navio é bom, e Deus é grande ;
E meu amor por ti será constante.

Adeus... vai abraçar os nossos filhos ;
Se os eu visse outra vez, não partiria...
Adeus !... adeus !...» — E já no largo Oceano
—«Adeus, familia e patria !» — repetia.

II

—«Erguei as tenras mãosinhas!
Erguei, erguei para os ceos!
Que, por serdes innocentes,
Sereis ouvidos por Deus!
Oh! como o mar está bravo!
Rezae, rezae, filhos meus!

Todos tres dizei commigo;
Filhos, dizei com fervor:
«Para quem anda nas ondas,
«Misericordia, Senhor!
«Salvae-os da tempestade!
«Salvae-os, por vosso amor!

«Senhor Deus, misericordia
«Para quem anda a penar,
«No meio da noite escura,
«Por sobre as aguas do mar!
«Senhor Deus, misericordia!
«Não os deixeis naufragar!

«E tu, Rainha dos anjos,
«Ó Senhora da Bonança,
«Estrella na tempestade,

«Casto lume d'esperança,
«O nosso pae, que anda longe,
«Restitue-nos sem tardança!»—

III

Os hymnos da virtude e da innocencia
Em vão subiram pelo espaço immenso,
E aos pés do throno celestial e puro
Se converteram em divino incenso.

A alma do pae, e as orações dos filhos,
Juntas voaram para os ceos profundos ;
Mas nos abismos do Oceano o corpo
Sepultado ficou entre dois mundos !

Oh ! como é triste o acabar nas ondas !
Depois de morto, ainda navegando !...
Errar ao som das aguas e dos ventos...
Para onde ? em que sitio ? e até quando ?

Não dormir em tranquilla sepultura,
Onde possam os filhos visital-o !
Onde o pranto dos seus lhe banhe as cinzas !
Onde o amor e a dor venham guardal-o !...

Perdôa-me, Senhor, se eu te blasphemo !
Perdôa ao triste orfão sem ventura...
Orfão a quem do pae nem resta ao menos
A triste prova de uma sepultura !

Perdôa-me, Senhor, que a cada hora
Dó meu martyrio reverdece a palma.
E se eu morrer tambem neste Oceano,
Perca-se o corpo, não se perca est'alma.

Recostado na amura do navio,
Quando a lua discorre nos espaços,
Em cada vaga que a meu lado geme
Vejo um cadaver estender-me os braços !

Oh ! se eu fosse tambem amortalhado
Nessa onda que vejo encapellar-se !...
Talvez meu corpo, no profundo abismo,
Ao corpo de meu pae fosse abraçar-se !

—«Eis terra! a nossa terra!» — bradam todos,
Fita a sofrega vista no horisonte ;
Eu só ás vagas com saudade a volvo,
E á justiça de Deus inclino a fronte.

XV

Filho e Mãe

I

—«Adeus, mãe, adeus ! . . .»—

—«Menino,

Filho do meu coração,

Onde vais tão pequenino ?»—

—«Correr mundo é meu destino ;

Deus me dará protecção.

Adeus, mãe ! . . .»—

—«Oh ! filho meu,

Porque não vives contente

Co'a sorte que Deus te deu ?

Tua mãe é tão doente ! . . .»—

—«Mãe, se me não deixas ir . . .»—

—«Que fazes ?»—

—«Oh ! mãe, consente ! . . . »—

—«Se não deixo?...»—

—«Hei de fugir!»—

—«Filho!»—

—«Perdão... é destino.»—

—«Mas tu és tão pequenino...»—

—«Adeus, mãe; eu vou partir!»—

—«Só tens dez annos, criança!

Com essa idade, onde vais?»—

—«Mãe, tenho em Deus confiança,

Não preciso nada mais.»—

—«Vae, meu filho; dizes bem;

Quem põe no ceo a esperança,

É que no mundo a não tem.

Vae, menino; vae, querido;

Eu fico sempre a chorar

Pelo meu filho perdido...»—

—«Não chores, que hei de voltar...

Hei de trazer um thesoiro

Das terras d'além do mar...»—

—«Oh!...»—

—«De grossas contas de oiro

Te hei de fazer um collar.

Não chores, ó mãe querida;

Não chores, que hei de tornar!»—

—«Ai! filho da minha vida!

Nunca mais te torno a ver!

Filho, não vás, não me deixes,

Que não te quero perder.»—

—«Mãe...»—

—«Não quero!»—

—«É meu destino...»—

—«Não quero, que vais morrer!...»—

—«Vou em busca da riqueza;

Oh! mãe, confia no ceo...»—

—«Não, não, eu quero a pobreza

Ao lado do filho meu.

Não sejas ambicioso,

Filho do meu coração.»—

—«Mãe, no instante doloroso

Da nossa separação,

Roga por mim ao Senhor...»—

—«Se rogo! bem sei de certo,

Ó filho do meu amor,

Que neste mundo deserto

Só me fica immensa dor!

Ai! eu jámais te verei... .

Se tu sem mim não morreres,

Eu sem ti não viverei.»—

—«Oh! mãe!...»—

—«Parte, e se voltares

Bem rico e muito feliz,

E a tua mãe não achares...

Não digas que Deus o quiz...»—

—«Mãe!...»—

—«Adeus; eu fico orando,

Porque sou mãe...»—

— « Voltarei. »—

— « Lembra-te de vez em quando... »—

— « Oh ! sempre me lembrarei ! »—

II

Partiu o filho ; e dez annos,
Buscando a fortuna em vão,
Só amargos desenganos
Encontrou sua ambição.

Pensando na mãe que amava,
Cuidando tornal-a a ver,
Noite e dia se cansava
Co'a desdita a combater.

Por fim, vencido e quebrado,
Mais pobre do que partiu,
Ao seu ninho abandonado
A saudade o conduziu.

Mas a mãe já não vivia
Quando o triste ali chegou ;
E deserta, muda, e fria,
Sua morada encontrou.

Então no chão, de joelhos,
Cai humilde a soluçar,
Ao lembrar-se dos conselhos
Que não soube aproveitar.

Se a mãe tivera attendido,
Não fôra tão infeliz;
Nem chorára um bem perdido,
Que em outro tempo não quiz.

Ai dos que não obedecem
À doce voz maternal;
Que nella não reconhecem
Affecto mais que mortal!

Ai d'elles! a desventura
Que não prevenir a mãe,
Ninguem, nenhuma ternura,
A póde prever tambem.

XVI

Só

E ver após um dia inda cem dias,
Nus d'esperança, ferteis de amargura;
Socorrer-me ao porvir, e achal-o um ermo,
E só, bem lá no extremo, a sepultura !...
A. Herculano.

Sobre o ramo do pinheiro,
Que a tempestade lascou,
Chora a rôla o companheiro
Que a morte lhe arrebatou ;
Chorou de dia e de noite,
Mas o amante não voltou.

A solitaria avesinha,
Não podendo á dor fugir,
Outro sustento não tinha
Senão gemer e carpir ;
Até que, sentindo a morte,
No chão se deixou cair.

Como a rôla, abandonado,
Tambem eu vivo a gemer ;
Tambem, de chorar cansado,
Quizera poder môrrer ;
Mas é peor meu destino,
Que é de chorar e viver.

A minh'alma toda é luto ;
É luto o meu coração ;
Da saudade o amargo fruto,
Nos meus olhos nasce em vão ;
Que o chorar não torna á vida,
E é triste consolação.

Viver só ! num mundo immenso
Onde não tenho ninguem ;
Andando como suspenso,
Ancioso, buscando alguém ;
E vendo a todos estranhos,
Estranho eu d'elles tambem !

Estender com ancia o braço,
Procurando a mão dos meus,
E achar sómente o espaço,
Toda a solidão dos ceos !
Sempre sósinho na terra,
Como um castigo de Deus !

Longas noites de vigilia,
Dias de negro pezar,
Eis ahí toda a familia
Que me rodeia o meu lar !
Foi a dor meu patrimonio ;
A minha vida é chorar !

Pae, e mãe, irmãos queridos,
Meus thesouros de affeição,
Uns, distantes e perdidos,
Outros, debaixo do chão...
A minh'alma está deserta,
Deserto o meu coração !

Sósinho, neste abandono,
Que me resta, senão Deus ?
Como as folhas que no outono
Dispersa o vento dos ceos,
Pela vontade do Eterno
Vi dispersados os meus !

Faça-se a vossa vontade,
Senhor, que tudo podeis !
Que eu chore eterna saudade,
Pois vós assim o quereis !
E, cumprindo o meu destino,
Obedeço ás vossas leis.

XVII

Garibaldi

(1848)

Ahi sventura ! sventura ! sventura !
Già la terra é coperta d'uccisi ;
Tutta é sangue ~~la~~ vasta pianura !
Manzoni.

I

Ai, desgraça ! desgraça ! desgraça !
Tudo em Roma são ruínas, estragos !
Jorra o sangue dos muros da praça,
Convertendo as campinas em lagos..

O francez e o romano abraçados
Brandem juntos o ferro homicida ;
Juntos caem ; dos peitos rasgados
Sentem juntos fugir-lhes a vida.

No combate furioso e tremendo,
Já de Roma os soldados fallecem ;
Querem livres cair combatendo,
Porque ao menos co'a patria adormecem.

Se o valor e o esforço bastára
Em defeza da patria invadida,
Nem a França os romanos domára,
Nem a Italia vivéra opprimida.

Mas, ai, Roma ! o poder inimigo
Era immenso, infinito !... cedeste !
Os teus bravos cairam contigo ;
Um só vive ; só um não perdeste !

Esse, martyr de heroica esperanza,
Abraçado da Italia á bandeira,
Não o percas jámais da lembrança ;
Vive nelle a tua luz derradeira.

Bem o vês : no fragor da batalha,
Já coberto de sangue e de gloria,
Como corre affrontando a metralha,
Assustando o francez e a victoria !

Como um tigre de sangue sedento,
Se arremessa nas hostes da Gallia ;
Nellas vinga com ferro cruento
Os agravos de Roma e da Italia !

—«Quero a morte ! matae-me ! — clamava —
Contra mim o arcabuz, ou a lança !
Por ser livre, esta mão pelejava ;
Turba infame d'escravos, avança !

Elles fogem ? Covardes !... á morte !
Minha Italia, tu morres vingada !
Vencedor ! este braço inda é forte !
Esta mão sustém inda uma espada !»—

Assim falla ; e um largo terreiro
Nas oppostas fileiras abria ;
Pasmam todos do ousado guerreiro ;
A seus golpes a morte rugia !

Mas caiu ! como o roble gigante
Esmagando na quéda os arbustos,
Tal o viram, um terço assaltante
Esmagar sob os membros robustos !

Chora a Italia a perdida esperança ;
Roma chora, accitando o tyranno ;
Do caudilho se grava a lembrança
Na memoria do povo romano !

E elle vive ! cercado de mortos,
Guarda a vida por Deus conservada ;
E seu pranto dos olhos absortos
Se despenha no troço da espada.

Pouco a pouco do solo opprimido
Ergue a vista á captiva cidade ;
E, no peito abafando um gemido,
Sua voz murmurou : — «Liberdade !»—

Como espectro terrivel surgindo,
D'entre os mortos d'um pulo se alçava ;
Novo esforço no peito sentindo,
Este adeus aos tyrannos vibrava :

II

—«Ficae, herdeiros de Nero,
Com vosso dominio atroz !
Sem liberdade não quero
A terra dos meus avós.
É vossa agora, tyrannos !
Se vivem nella romanos
Vergados á escravidão,
É raça vil de traidores,
Turba que aceita senhores,
Porque não tem coração.

Os valentes succumbiram ;
Por isso Roma cedeu.
As nações pasmadas viram
Como a França nos venceu ;
E nas paginas da historia
Se registrou a memoria
Da affronta que ella nos fez ;

Mas a injuria foi vingada,
Porque Roma cai banhada
Num mar de sangue francez.

E tu, Vigario de Christo,
Tua mão longe que faz ?
A lei de Deus é um misto
De misericordia e paz.
Dos apostolos a herança
Devia ser de esperança
Para a triste e oppressa grei ;
Porque Deus, sobre o Calvario,
Ordenou ao seu Vigario
Que pastor fosse, e não rei.

Christo na cruz expirára
Para os homens libertar ;
Hoje exanime a tiára
Deixa os livres esmagar !
Na historia tinhas o exemplo :
Do Cordeiro o sacro templo
Não póde o sangue aspergir ;
E o desditoso soldado
É martyr, não é culpado,
Que o deixaste succumbir !

Para tanta crueldade
Que faltas fizemos nós ?

Porque em pró da liberdade
Ousámos erguer a voz,
Pedes tu jugo estrangeiro !
Procuras o captiveiro
Do teu paiz, e dos teus !
Oh ! mal haja quem deseja,
Ante a humildade da egreja,
Preferir um reino a Deus !

Mas escravos não ficámos,
Porque o ultimo caiu !
Dez contra mil pelejámos,
E nenhum de nós fugiu !
Nenhum a fronte suprema
Curvou tambem ao diadema
Do apostolo feito rei ;
Caem todos combatendo,
Porque te vais esquecendo
Da lei de Deus, e da grei.

Roma, coberta de luto,
Recebe-te com desdem ;
É pranto e sangue o tributo
Da nova Jerusalem !
Chora, cidade captiva,
Como outr'ora a mais altiva
Das cidades d'Israel !
Mas se a outra foi remida,

Tu não podes ser punida,
Porque a Deus eras fiel.

E não durmas, desgraçada,
Que o somno da escravidão
Te deixará transformada,
Sem brios, nem coração !
Nesse triste captiveiro
Farás teu povo guerreiro
Se lhe fallares de mim.
Guarda a fé e a esperança,
Que, se no bem ha mudança,
Tambem o sofrer tem fim.

Eu, que não era teu filho,
E que por mãe te adoptei,
Volto ao mar, ao tombadilho
Que por teus muros deixei.
Meus irmãos deram-te as vidas ;
Eu levo trinta feridas,
Todas no peito, bem vés !
De mim a morte fugia,
Porque as costas não volvia
Garibaldi, o genovez !

Vivo fiquei ? Foi destino ;
Já sem arcabuz e espada
Me atirei, cego e sem tino,

Para as filas da avançada.
Peitos, craneos espedaço ;
Meus pulsos tornam-se d'aço ;
Torna-se ferro esta mão !
Sobre mim chovem as balas ;
Mas eu vou, rompendo as alas,
De mortos cobrindo o chão !

Rebramem correndo as vagas
Do exercito aggressor ;
Contra mim lanças e adagas
Se arremecam com furor ;
Em vão me ferem ! a vida,
Por mil golpes offendida,
Persiste no corpo meu !
Ante mim tudo caía ;
Tudo meu pulso abatia ;
De pé... ficava só eu !

A carne cai-me aos pedaços ;
Dos olhos foge-me a luz ;
Porém, erguidos os braços
Como os braços de uma cruz,
Ferem, derribam, esmagam ;
As minhas faces se alagam
Co'o sangue dos que prostrei !
Tudo pasma, foge, e corre ;

*

Todo o que fica ali morre ;
Eu mesmo de mim pasmei !

E não morri ! mutilado,
Porém vivo, em mim ficou
O derradeiro soldado
Que Deus a Roma deixou.
Com que fim ? Da Providencia
A mysteriosa sciencia
Não é dado aos homens ler. ●
Porém, ó Roma, não durmas,
Que um dia, com novas turmas,
A teu lado me has de ver.

Só vejo escravos na terra ;
Só homens livres no mar ;
Dos elementos a guerra
De novo irei affrontar.
Adeus, ó restos sagrados
Dos meus valentes soldados !
Martyres da patria, adeus !
Venceram nossos destinos ;
Deixemos aos assassinos
Folgar co'as iras de Deus !... » —

III

Assim disse ; porém soluçava
Proferindo esse adeus derradeiro,
Vendo o sangue que a terra inundava
Derramado por ferro estrangeiro.

Era noite. Seu grito de guerra
Sólta ao ar, para Roma o envia !
Fere os ecos do valle e da serra ;
Mas, captiva, a cidade dormia !

— «Adeus pois!»—exclamou, quando occulto
Pelas sombras da noite se lança.
Vendo ao longe sumir o seu vulto,
Chora Roma a perdida esperança.

Porém quando refervem os mares
Parecendo ameaçar tempestade,
Uma voz, que retumba nos ares,
Vem ás praias bradar : — «Liberdade!»—

XVIII

Amor e Dever

Para ti o amor me chama ;
De ti me afasta o dever ;
Dize-me, por tua vida,
A qual hei de obedecer !

Se te amo ? Não m'o perguntas ;
É inutil responder :
Eu dava a vida, e a alma,
Para contigo viver.

Mas, se não podes ser minha,
Se me não ousas querer, -
Deixa-me ao menos, querida,
Escravo a teus pés morrer.

**Perdão ! . . . Porém se me ordenas
Que não falte ao meu dever,
Aparta de mim teus olhos,
Porque me podem perder.**

XIX

A Oração

..... Tu sola
Sorgi al mio labbro, flebile preghiera,
Sorgi dal cor, cui dolce idea consola
Di calma vera.

Mancini Oliva.

Nasce o dia. A natureza,
Do veo da noite despida,
Apparece em toda a terra
De novas galas vestida.

A manhã surge formosa,
Cercada de rubras cores ;
E nos prados desabrocham
As lindas mimosas flores.

Nos salgueiraes e vimeiros
Ouve-se o cantor plumoso,
Ternas queixas entoando,
Dos seus amores saudoso.

Dormiu só dentro do ninho,
Junto á penna derradeira
Caída das azas mortas
Da perdida companheira.

O seu canto não cessava
Quando a amante inda vivia :
Cantava a todas as horas,
Quer da noite, quer do dia.

Agora... o canto nocturno
Inspira maior tristeza !
O rouxinol junta um hymno
Aos hymnos da natureza !

Brilha ainda sobre as plantas
O orvalho da madrugada ;
Cobre ainda os altos montes
Densa nevoa prateada.

Começa o ruído da terra
Nos campos e povoados,
Repetindo hymnos eternos,
Para Deus alevantados.

Abrem-se as portas da ermida,
E o christão nella se lança ;
Co'a prece n'alma e nos labios,
Busca a fonte da esperança.

O velho cura das almas,
Saindo do presbyterio,
À capella se encaminha
Atravez do cemiterio.

Ao passar, a um lado e outro
Vai orações espalhando
Sobre os que dormem nas campas,
E sobre os que vão passando.

Ante a sua fronte augusta,
Pelas virtudes sagrada,
A mãe, que chora a filhinha,
Vai curvar-se resignada.

Consolam-se os desgraçados,
Que uma vez o têm ouvido ;
Para Deus, com seus conselhos,
Muitas almas tem colhido.

E Deus, tomando-as em conta
Ao patriarcha da aldeia,
Mostra que atrás de seus passos
A fé mais viva se ateia.

Penetra na ermida, e o povo
No mesmo instante ajoelha ;
Ao longe o vasto horisonte
Se tinge de cor vermelha.

Surge o sol, e o sacerdote
De Christo o sangue levanta ;
E o novo dia começa
Ante a Hostia sacrosanta.

Ora toda a natureza ;
Toda a terra, mar, e ceos,
Dizem *Sanctus, Sanctus, Sanctus !*
Ante a imagem do seu Deus !

De dia, como de noite,
É eterna a oração
Que rezam luzes dos astros,
E vozes da criação.

XX

A Hungria

(1848)

Infelizes ! Da turba guerreira
Fica um resto, que, prompto a morrer,
Cobre a face co'a rota bandeira,
Para ao menos a affronta não ver!
Mendes Leal.

I

Da revolta o clarim nos montes sôa ;
Aos valles desce ; pelos campos vôa,
Fallando em liberdade ao coração ;
E a nação, dos tyrannos já cansada,
Ergue ás mãos ambas sua rija espada,
Com furor sacudindo a escravidão !

—«Liberdade !»— eis o grito do guerreiro,
Espedaçando o jugo do estrangeiro,
Que sua nobre terra avassallou !
—«Liberdade !»— era o hymno da esperança,
E ao mesmo tempo o grito da vingança
Que o poder dos tyrannos provocou !

—«Liberdade!»— eis o nome que levanta
Esse povo, correndo á guerra santa,
Aonde a independencia lhe reluz !
Não se estremam os sexos e as idades ;
Combatem pelas patrias liberdades
Com a espada, o punhal, e o arcabuz !

Vóam dez esquadrões á redea solta,
Conduzindo o estandarte da revolta
Que deve toda a Hungria resgatar !
Contra as hordas do fero despotismo
Se arrebatam de heroico patriotismo
Os que querem sua terra libertar.

Agora ninguem póde dominal-os !
A terra escavam seus leaes cavallos ;
Mordem freios com ancias de correr !
E, livres como os bravos cavalleiros,
Galgam vallados, pantanos, e outeiros,
Ajudando seus donos a vencer !

O espaço, ardentes, na carreira embebem ;
Mas se nas lutas do senhor percebem
O braço e duros golpes afrouxar,
Voltam, fogem com elle ao inimigo,
E, desmaiado, ou morto, o seu amigo
Reconduzem fieis ao patrio lar !

Oh ! raça illustre de corceis briosos !
Valerão teus instinctos generosos
A teus nobres senhores, e paiz ?
Ou este alegre, enthusiasmado povo,
Depois da guerra curvará de novo
Ao jugo dos estranhos a cerviz ?

II

Em vão, desgraçada terra,
Os teus valentes armaste !
Em vão na escola da guerra
Alguns heroes alcançaste !
Para oppôr tua justiça
Dos estranhos á cubiça,
Devias ter mais canhões ;
Não póde haver liberdade
Onde as leis são a vontade
Dos mais fortes esquadrões.

De novo o ceo te condemna
Aos ferros do captiveiro ;
Do Danubio até ao Sena
Tremúla o pendão guerreiro ;
Corre ás armas toda a gente,
Do norte até o occidente,
Para te vir algemar !

A Russia, a Allemanha, a França,
Um quarto do mundo avança
Para teus campos talar !

Não ouves confusa grita
Na fronteira da Esclavonia ?
É da horda moscovita
Dos tyrannos da Polonia.
Das bandas da Lithuania,
Do Don, do Caucaso, e Ukrania
Surge immensa multidão ;
O feroz kalmuko avança ;
E o cossaco estende a lança,
Dividindo o seu quinhão.

Fartar ! fartar, salteadores !
Fartar, canalha d'escravos !
Devastae, vis oppressores,
A terra santa dos bravos !
Vinde, ó filhos de Vienna,
Filhos dos heroes de Jena,
Vinde, francezes leaes !
Que importa o odio passado ?
Já Moscow foi apagado,
E os cossacos abraçais !...

De povo as lutas supremas
Encerram altos mysterios !

Para a este dar algemas,
Congregam-se tres imperios !
Mas vencida foi a Hungria,
Folga, pois, ó tyrannia !
Oprime-a com teu poder,
Que a liberdade não morre ;
Se ninguem hoje a soccorre,
Deus a virá proteger.

Volvem os ultimos bravos
Da patria aos lares sagrados,
Onde vão curvar, escravos,
Os seus membros mutilados !
Para outrem, finda a guerra,
Vão lavrar a mesma terra
Que o martyrio lhes sagrou !
Para o despotismo bruto,
Com suor molhando o fruto
Que o seu sangue fecundou !

Exultae, reis deshumanos,
Algozes da liberdade !
A historia chama aos tyrannos
Flagellos da humanidade.
Folga, ó despota do Sena !
Mas olha que em Santa Helena
Outro maior succumbiu !
E a esse perdôa a historia,

Não por sua immensa gloria,
Mas pela dor que o pungiu !

Esse, ao menos, a memoria
De Alexandre recordava,
E dos loiros da victoria
Seu despotismo adornava ;
Esse, ao menos, não fingia ;
Como o Cesar combatia
Pelas mesmas condições ;
E, como o Cesar vencendo,
Ia o seu poder fazendo
Igual aos seus batalhões.

Mas esse, como Tiberio,
Revelava os seus intentos,
Do consulado ao imperio
Gastando apenas momentos...
Esse, erguendo a forte espada,
A velha Europa aterrada
A seus pés ia cair ;
E elle, o genio tão profundo,
Era grande, porque o mundo
Num imperio quiz fundir !

Porém tu, republicano,
Teu braço perjuro armaste ;
E ao livre povo romano

Os pulsos de novo ataste ;
Do Beresina esquecido,
Com a Russia agora unido,
Vais a Hungria escravizar !
Eis teus feitos ! É teu vulto
À liberdade um insulto
Que os povos hão de vingar.

O que vale o nome herdado
Do prestigio inda brilhante,
Sem a espada do soldado,
Sem as forças do gigante ?
Se te exalta um povo louco,
Ouviste-o pedindo ha pouco
A morte do proprio rei!...
Treme pois que, vinda a hora
Da justiça vingadora,
Te condemne a mesma lei.

III

E elles cairam, os heroes da Hungria !
Cairam nos abertos parapeitos,
Glorificados por seus altos feitos,
Cobertos de seus rotos pavilhões !
Ide ali aprender, povos da terra,

Como se morre com eterna gloria,
E como o vencedor paga a victoria
Quando tem de vencer taes campeões !

Por cada bravo que cerrára os olhos,
A morte preferindo ao captiveiro,
Dez soldados do exercito estrangeiro
Com rugidos de dor mordem o chão ;
Dão aos infernos as damnadas almas,
Cuspindo injurias contra o ceo e a terra ;
E sobre aquelle que os mandou á guerra
Lançando a derradeira maldição !

E os filhos da Hungria, succumbindo,
Morrem certos que o sangue derramado
Deixa o solo da idéa fecundado,
Reservando seus frutos ao porvir ;
E que ao sagrado amor da liberdade
A prova do martyrio retempera ;
E que o sangue vertido regenera
Os que para vingal-o hão de surgir.

Oh ! mas não lastimeis os que ficaram
Sem achar no fragor de cem batalhas
As gloriosas celebres mortalhas
Que a maior parte da nação achou !
Missão tambem illustre cabe a estes,
Que é fazer de seus netos bons soldados

Para um dia cumprirem os legados
Que a morta independencia lhes deixou.

Encaminhae-os, pois, briosos velhos,
Porque os não degenerem o captiveiro;
E todo o que receba do estrangeiro
Um serviço, um emprego, um só favor,
Á face do paiz seja infamado!
Renegue-o a familia, e seus amigos;
Semelhante ao mais vil dos inimigos,
Morra pelo punhal como um traidor!

E depois, quando o dia for chegado
De invocar novamente a liberdade,
Não mancheis com inutil crueldade
A victoria que certo alcançareis;
Mas se não a ganhades, como os Décios,
Não vos deis dos infernos á potencia;
Morrei antes co'a vossa independencia,
A novo captiveiro não torneis.

XXI

A uma Mulher muito feia

Correrei mundos e mundos ;
E, lá dos mundos no fim,
Saltarei fóra dos mundos
Se te vir atrás de mim.

.....

Se, chegando ao fim dos mundos,
Tu olhares para lá,
Direi ao autor dos mundos :
— Mais mundos ! que ella cá 'stá ! —
S. C.

És tão feia creatura,
Que até o Deus que te fez
Voltou o rosto assustado
Ao ver-te a primeira vez !

Quando nasceste era noite ;
Mas, logo que amanheceu,
Tua mãe viu-te, e gelada
De puro medo morreu !

Teu pae, teu avô, teus tíos,
Foram-se todos tambem !
Acabaram aterrados,
Como a tua pobre mãe.

As crianças a quem fallas
Não tornam a comer pão ;
Mulher pejada que topes,
Pare logo um aleijão.

A morte bispou-te um dia,
E poz-se logo a rugir,
Por saber que com tal cara
Não podia competir.

Mas foi-se chegando a medo,
E disse, dando-te um coice :
— «Se eu apanho aquella cara
Nunca mais uso da foice.

Já ninguem póde escapar-me,
Quer seja doente, ou são ;
Morrem todos em me vendo
Com tal caraça na mão.»—

Porém a morte era louca
Com este seu discorrer :
Quando te viu bem de perto,
Ella é que esteve a morrer.

Deu-te ao diabo, e, fugindo,
Não olhou mais para trás ;
Mas disse ao autor dos mundos :
—«Ó Senhor ! veja o que faz !»—

O diabo, ao chamamento
Da morte, grato acudiu ;
Mas ao ver-te gritou logo :
—«Coisa assim nunca se viu !»—

Cobriu os olhos co' o rabo,
E fugiu a barregar
Que emquanto tu fores viva
Não torna ao mundo a voltar !

—«Eu cuidei — urrava a besta —
Que era alguma alma capaz...
Mas aquella não me serve !
Palavra de Satanaz !

Póde gabar-se a caraça
Que é a primeira mulher
Que espanta o diabo e a morte,
E nem um nem outra a quer !»—

XXII

A minha Sorte

El poeta en su mission
Sobre la tierra que habita,
És una planta maldita
Con frutos de bendicion.

Zorrilla.

Bem joven inda, ao começar da vida,
É já meu coração de magoas fonte!
Na idade em que o prazer sorri aos outros,
C'roa d'espinhos me ulcerou a fronte!

Vi um instante a esperança ;
No porvir cuidei ventura ;
Vivi. O sonho doirado
Converteu-se em noite escura !

Os meus sonhos tão bellos e queridos,
As doces illusões que eu afagava,
Foram-se todos, como sonhos que eram,
Quando a dor tão real me despertava.

As rosas da minha vida
Esfolhou-as a traição ;
Por affectos verdadeiros
Só achei ingratição.

Quando esse fel me roxeou os labios,
Té ás fézes o calix esgotei ;
Gota a gota o amargo desengano
Nest'alma angustiada derramei.

E o mundo, que é miseravel,
Sorriu-se da minha dor !
Zombou do mal que fizera,
O barbaro enganador !

Mas que me importa, se o desprézo e odeio ?
Eu não posso nem quero resignar-me ;
Só desejo que a morte condoída
Venha do pó da terra libertar-me.

É funesto o dom da lyra :
Quem nasce para cantar,
Querendo fallar verdade,
No seu canto ha de chorar !

E eu que não merecia o dom terrivel !
Mas deu-m'o a sorte, ou Deus ! Ai ! quem o inveja
Não sabe que por lagrimas suspira,
Nem quanto amarga o fruto que deseja !

Porque o poeta na terra,
Cumprindo seus duros fados,
É uma planta maldita
Com frutos abençoados.

XXIII

O Jau

Já curvada a fronte augusta,
E coberta a face adusta
De funerea pallidez,
Camões á mingua expirára...
E a só voz que o confortára,
Nem fóra a d'um portuguez!

Era a do escravo, que a sorte
Levou ao leito da morte
Do mais sublime cantor,
Para lhe dar como herança,
Não a luz d'uma esperança,
Mas saudade, fome, e dor!...

Que lhe importa agora a vida ?
Planta de longe trazida,
Que ao transplantar-se murchou !
Sem a luz, que tudo anima,
Sem o ar do patrio clima
Que na infancia respirou !

O seu amigo está morto ;
E o captivo sem conforto
É livre, e não quer viver...
E chora o seu captiveiro,
Seu senhor, seu companheiro,
Que já não torna a volver !

Só do senhor tem saudade ;
Que lhe importa a liberdade ?
Pobre, escravo, era feliz !...
Mas agora, sem abrigo,
Onde ha de achar outro amigo
Tão longe do seu paiz ?...

À margem do Tejo andando,
Vai um sitio procurando
Prezado de seu senhor ;
Logar fatal, mas querido,
Onde Camões tinha ouvido
Promessas de eterno amor !

Às turvas aguas do rio
Lançando um olhar sombrio,
O pobre Jau murmurou :
— «Ali jaz sua ventura !
Seu amor, sua tristura,
Onde nasceu expirou...»—

Depois a voz se lhe inflamma :
— «Terra d'ingratos! — exclama —
Que não sabe o que perdeu !
Eu só, captivo, exilado,
Entre os seus tenho chorado
Pelo genio que morreu !

Oh ! meu senhor ! nestas aguas,
Que augmentaram tuas magoas,
As minhas irão tambem ;
Vou guardar o teu segredo...
Soube-o eu, este arvoredado,
Ella, Deus, e mais ninguem !

O Tejo que ali suspira
Por tua saudosa lyra,
Do teu Jau dobra o chorar.
Oh ! meu senhor... meu amigo...
Já que não vivo contigo,
Tambem não quero ficar !»—

Calára-se a voz plangente ;
E arrebatada corrente
Ao mar o corpo levou.
A sua alma aos ceos voando,
Da terra, que ia deixando,
O corpo não confiou.

Não ; que o pobre Jau sabia
Como a terra onde morria
Gera ingratos corações !
E temeu a desventura
De ficar sem sepultura...
Como ficára Camões !

XXIV

A Onda mensageira

Tão longe é teu paiz ! é tão distante,
Que de tornal-o a ver perco a esperança !
O Oceano entre nós ! e sobre as ondas
O giro das tormentas não descansa.

Mas quem póde impedir, alma querida,
Que, apesar dos perigos e do espaço,
Os nossos pensamentos, que se buscam,
Possam unir-se com eterno laço ?

Eu procuro-te á noite quando a lua
Com terno beijo empallidece as rosas ;
E nas praias do mar que nos separa
Vão nossas almas suspirar saudosas.

Eu vejo-te sorrindo melancolica
Para a onda azulada que se agita,
Que vai e vem, como o desejo occulto
Que no teu virgem coração palpita.

Digo-te que o ruido d'essa vaga
Te pede para mim uma lembrança ;
E a onda volve murmurando um nome,
Um segredo de amor, uma esperança !

Diz-me que á sombra da floresta amada,
Onde crescem as languidas mangueiras,
Ouviu com ancia repetir meu nome
Sob as folhas das verdes bananeiras;

Que te viu assomar pallida e triste
D'entre a espessura caminhando á plaga ;
E uma candida flor de cajueiro
Tirar da frente, e arremessar á vaga.

—«Vae — lhe disseste — derradeiro alento
De um coração, que amor embriagára ;
Deixou-te em minhas mãos na fatal hora
Em que só nestas praias me deixára.

Vae dizer-lhe que sempre te hei guardado
Como penhor de rapida ventura ;
E, milagre de amor ! que não murchaste
Senão no instante em que lhe fui perjura.

Ai, perjurei ! um coração ardente
Não deve castigar-se por tal erro ;
A ausencia é a morte ; e sem amor, a vida
Não fôra mais que misero desterro.

Accuse o ceo, o sol que me alumia,
A amorosa fragrancia d'estas flores,
O seu destino, que não quiz deixal-o
Num paraizo de eternaes amores.

Vae, querida memoria do passado ;
Dize-lhe que, se aqui volver um dia,
O amor da mulher é sempre virgem,
E do cajueiro a flor reviveria.»—

Cala-te, ó vaga ! a ingratição bastava.
Foste a onda da infamia e da vergonha,
Que veio derramar num peito virgem
De uma vibora a lubrica peçonha.

Corre, vó a dizer a quem te envia :
Que não profane o amor em vil patibulo ;
Que Deus deu esse gozo ás almas puras,
Mas recusou-o ás filhas do prostibulo.

XXV

Primavera

Vens em vão, ó primavera,
Sorrir-me com teus verdores !
Dias de abril e de maio,
Levae os vossos fulgores,
As vossas manhãs formosas,
As vossas mimosas flores.

Dos vossos doces aromas
Que me importa a variedade ?
Eu já não tenho alegria,
Não tenho já mocidade :
Do porvir só tenho medo ;
Do passado, só saudade !

Que me importa d'outras flores
A fragrança recendente,
Se as rosas da-minha vida
Murcharam rapidamente ?
Do primeiro sol do estio
Queimou-as o fogo ardente !

Vae-te, pois, ó primavera,
Que apenas por mim passaste ;
Eu amava o ceo e a terra
Quando de mim te apartaste ;
Meu primeiro amor tu foste ;
Primeiro me abandonaste.

Agora, pouco me importa
Ver fugir os teus verdores ;
Se tenho menos tristeza
Diante dos teus fulgores,
Tambem mais da mocidade
Lastimo as perdidas flores. .

*

XXVI

No Livro d'um Pintor

I

Se esgotaste uma vez as fontes d'alma,
Se num pego de lagrimas amargas
Da esperança afogaste o doce brilho,—
Quando te viste fatigado, exausto
De lutar contra a dor que te opprimia,
Quem foi erguer-te a descaída fronte?
Se as procellas da vida em mór braveza
O teu límpido ceo anuviaram,
Se os olhos, pelo pranto amortecidoŝ,
A luz buscaram no turvado oriente,—
Que viste? O mundo todo ermo de affectos
Para encherem o vacuo de tua alma!

II

Se á luz tremenda de funéreas tochas
Viste descer os teus á sepultura,
Orvalhando com prantos a saudade,—
Não ouviste as risadas estridentes
Das saturnaes infames? e não viste
Em negras espiraes alevantar-se
Do meio dos festins um misto horrendo
De fumo e vinho? A compaixão do mundo,
Do mundo que julgaste um paraíso,
Não respondia assim a teus lamentos?
Pela fé, pelo amor, e puras crenças
Do coração aberto para todos,
Ao despontar da vida, que te deram?
Mentira, hypocrisia, os mais covardes;
Os outros, o cynismo dos insultos!

III

Todos te incitam a seguir a glória;
E tantos desenganos não bastaram
Para arredar-te do caminho incerto!
Do teu genio de fogo as azas sóltas,

E imprimindo a inspiração na tela,
Novo Pygmalião, á natureza
Roubas um dos mais bellos attributos !
Oh! quem da tua frente hoje pudera
Desviar do destino o dedo occulto !
A gloria ! mas a gloria é um vão fantasma,
Triste origem de dores e miserias !
Um bello sonho, lisongeiro agora,
Depois, ao despertar, cruel verdade !
É tua estrella. Segue-a pois, amigo...
Amigo, disse ? Tão usado e gasto
Nome, que acoita a perfida mentira !
Não mancharei com elle a casta folha
Do teu formoso livro. Irmão... é menos,
Fôra menos, se amigos existissem ;
Irmão, segue teu rumo ; e, se a desgraça
Toldar de novo o brilho de teus dias,
Esconde o pranto que te venha aos olhos,
E chora só contigo. O mundo é o mesmo
Em toda a parte. Para as dores d'alma
Põe os olhos no ceo ; lá só fulgura
Luz, que póde chamar-se a da esperança.

●

●

XXVII

Ámanhã

Oh! demain, c'est la grande chose!
De quoi demain sera-t-il fait?
L'homme aujourd'hui sème la cause;
Demain Dieu fait mûrir l'effet.

V. Hugo.

Se eu verei ámanhã o novo dia
Raiando no horisonte!...
E o sol apparecer sobre os pinheiros
Que povoam o monte!...

Se eu verei ámanhã estas estrellas
Brilhar no firmamento!...
Se ouvirei o murmurio d'estas folhas
Batidas pelo vento!...

Se eu verei ámanhã nascer a lua
De nuvens coroada!...
E se ouvirei o susurrar das aguas
Que descem da quebrada!...

Se ouvirei ámanhã as avesinhas
Que hoje cantam amores!...

Se aspirarei o ar embalsamado
D'estas vívidas flores!...

Se eu virei ámanhã á mesma hora
Gemer aqui sósinho,
Como a rôla que sobre o ramo secco
Chora a perda do ninho!...

Ai! ámanhã terão caído as folhas;
E, por entre os pinheiros,
Eu não verei o sol do novo dia
Passar sobre os outeiros!...

Ámanhã não verei a luz dos astros,
Nem o correr das aguas!...
Não ouvirei a doce voz das aves
Cantando suas magoas!...

Ai! ámanhã não ouvirei a brisa
Murmurar-me aos ouvidos!...
Nem a fragrancia d'estas vivas flores
Gozarão meus sentidos!...

Ámanhã não verei no firmamento
A luz que me aquecia!...
Nem pedirei á solidão da noite
Amorosa poesia!...

Ámanhã... é o dia do descanso,
Da paz, e do conforto!
Ámanhã... cai no termo da viagem
O peregrino morto!

XXVIII

A Visão

Si tu n'est point l'enfant d'un vain délire,
Descends vers moi de ton brillant séjour!
Mon coeur t'attend, il t'appelle, il soupire,
Descends des cieux, descends, esprit d'amour!
P. Flaugergues.

Nas horas em que do ceo
O brilho do sol fugia ;
Quando a terra se cobria
De pezado e escuro veo ;
Quando em silencio profundo
Tudo em torno adormecia, —
Em sonhos eu me perdia
Em procura de outro mundo,
E era só então que a via.

Ai, como o tempo voava,
Quando a formosa visão,
Saindo da cerração,
A meus olhos se mostrava !

Como rapidos instantes
As noites me pareciam,
Porque todas me fugiam
Como as horas dos amantes!
Oh! quem as víra voltar,
E nunca mais as perdéra!...
Ou quem as não conhecêra,
Se tinham de se acabar!

O seu pallido semblante,
No ether puro dos ceos
Com saudade os olhos meus
Procuram a cada instante.
Em cada noite sem lua,
Cheio de contentamento,
Cuido eu ver a imagem sua
Pairando no firmamento.
Illusão! Oh! doce amada!
Se tens poder de voltar,
Vem de novo enfeitiçar
A minh'alma enamorada!

Não vens? Não ouves o grito
Que te diz a muita dor
De quem expia o amor
Com saudades de proscripto?
Serias um sonho vão?
Porém eu vi-te de certo,

Num ceo d'estrellas coberto,
Das noites na solidão...
De nuvens toda vestida,
Os meus olhos fascinavas ;
Cuidei que ao ceo me levavas,
De lá te julguei descida.

Não vês que minh'alma chora
Com saudades de te ver?
Para mim volve a nascer ;
De noite sê minha aurora.
Se fui eu que o ser te dei,
Se dos meus sonhos és filha,
Bella, como eu te sonhei,
De novo a meus olhos brilha.

Nem sonho, nem realidade !
Surda a terra, mudo o ceo,
Não respondem á saudade
Que devora o peito meu.

XXIX

À Morte do conde das Antas

Dos olhos dos valentes do Mindello
Corre o pranto calado!
Guerreiros, não córeis: o pranto é bello
Nas faces do soldado.

Mendes Leal.

Silencio!... já no cimo das muralhas
Adormece o canhão;
Dorme com elle o genio das batalhas,
O grande capitão.

Sobre mil faces, pelo sol crestadas,
Saudoso pranto cai.
À sombra das bandeiras inclinadas,
Caçadores, choraes.

Choraes o general na despedida,
Porque vai lá ficar.
D'esta vez a batalha está perdida;
Não o vereis voltar.

Chorae-o pela morte subjugado,
Que em vida livre foi;
Tinha no rude peito do soldado
Um coração de heroe.

Caçadores, sentido! Joelho em terra!
Armas em funeral!
Orae a Deus por elle. É finda a guerra.
Passae, meu general!

Vós que fostes com elle tantas vezes
De inimigos terror,
Chorae agora, bravos portuguezes,
O bravo caçador.

Jaz partida no chão a forte espada
Junto do mausoleo;
E a liberdade, aos restos abraçada,
Pranteia o filho seu.

O nome do guerreiro é já da historia,
Se o homem acabou;
E sob a campa não lhe cabe a gloria
Que na vida ganhou.

Cai por terra o estandarte das victorias,
Envolto em negro dó;
Testemunha que foi de tantas glorias,
Agora varre o pó!...

**Mas, silencio !... no cimo das muralhas
Adormece o canhão ;
Dorme com elle o genio das batalhas,
O grande capitão.**

XXX

A Estrella do dia

Quem ha de dizer-te adeus ?
Estrella desconhecida,
Brilhas de dia nos ceos,
De noite vagas perdida !
Só eu te via e te amava,
Quando tua luz celeste
Para ti me encaminhava.
Ninguem mais te conhecia,
Que ninguem busca as estrellas
Depois que apparece o dia.
Todos no ceo querem vel-as,
E nunca desconfiavam
Que a minha estrella nascia
Quando as outras se occultavam.

Oh ! como eu quiz á ventura,
Quando vi que me guiavas,
E na tua luz tão pura
Minh'alma regeneravas !
Cuidei que minha serias ;
Que, sendo estrella do ceo,
A este mundo virias
Por um triste como eu.

Vê como sou desgraçado,
Pois tenho de te perder ;
Para sonhar acordado,
Melhor fôra não te ver !...
Porém agora, querida,
Como viver separado
Da luz que me deu a vida ?
Que nunca meus olhos cansa,
E quando a tenho buscado
Sempre me disse — esperança ?...
Mas se eu tinha de perder-te,
Melhor fôra nunca ver-te !
Adeus, para sempre adeus,
Ó minha estrella querida !
Feliz de mim, se nos ceos
Ficares desconhecida !...

XXXI

A Liberdade

(A Luiz Augusto Palmeirim)

Liberdade! foste a deusa
Dos captivos de Sião!

.....
.....

É por ti que nós poetas
Hoje lutámos em vão ;
Por ti, formosa deidade,
Deusa do meu coração!

L. A. Palmeirim.

I

Poeta, como tu canto a deidade
Por quem tua alma a tua musa incita.
Como tu, por amor da liberdade
Também meu livre coração palpita.

Por ella, e só por ella, é que eu aneio
Ter da lyra immortal o dom divino,
Chamar-te irmão, e apertar-te ao seio,
Cantar contigo, e ter o teu destino !

A lyra, e a crença d'um poeta obscuro,
Que ousa chamar-te irmão — o temerario!—
Vão contigo á conquista do futuro,
Cantando a luz descida do calvario.

Acolhe-me, ó poeta ! a tuã gloria
Dá bem para nós dois ; parte-a commigo ;
E se um dia de mim houver memoria,
Será porque me foste irmão e amigo.

II

Não morre a liberdade ; a desventura
Faz-a ás vezes ceder á tyrannia ;
Mas por maior que seja a noite escura,
Sempre a ella succede o claro dia !

Por mais que dure o rigoroso inverno,
Sempre vem após elle a primavera.
Após chuvas, trovões, sombras do inferno,
Vem a luz que o universo regenera.

Assim, tenta debalde o despotismo
Votar a liberdade ao exterminio ;
Ella resurge sem terror do abismo
Exilando a familia de Tarquinio.

*

Eterna como o sol, como a verdade,
Como Deus que a criou, morrer não pôde ;
Se mais querem rouba-la á humanidade,
Mais breve o jugo do terror sacode.

III

Oh casta deusa de meus verdes annos,
Apesar de eu ser inda adolescente,
Levanto-me por ti contra os tyrannos,
Pulsando a lyra com amor fervente.

Eu tinha um lustro quando tu surgiste
Na terra portugueza triumphante ;
Amo-te desde então, porque sorriste
Como um anjo do ceo ao tenro infante.

Contigo me criei ; vivi contigo,
Até nas longes praias do desterro,
Vendo-te sempre do maior perigo
Sair mais pura castigando o erro.

Porque sofres agora em nossa terra
Que venham offuscar teus doces brilhos
Esses bastárdos que te fazem guerra
Jurando, mas em vão ! que são teus filhos ?

Teus filhos, elles ! Legião de escravos
Que tu roubaste ao despotismo adusto,
E que te pagam algemando os bravos
Que o sangue deram por teu nome augusto !

Teus filhos ! e preparam-te a mortalha !
Mas quem é que não sabe a sua historia ?
Ninguem os viu nos campos de batalha,
E querem sós o fruto da victoria !

Oh ! vem dar nelles um severo exemplo,
Punindo-os de seus perfidos enganos ;
Como Deus fez aos vendilhões do templo,
Expulsa de entre nós esses tyrannos.

Os que duvidem de teu ser divino
Aprendam para sempre a respeitar-te.
Prova que triumphar é teu destino,
Que eu provo que nasci para cantar-te.

XXXII

Perdôas-me?

Deixa-me ver no teu rosto
Os signaes do meu perdão ;
Occulta-me o teu desgosto,
Que é minha condemnação.
Por cada sombra que vejo
Cobrir-te as rosas do pejo,
Dos remorsos sinto a dor ;
Oh ! perdôa meus ciumes !
Não me ouvirias queixumes
Se não fôra o meu amor.

É talvez grande maldade
Atrever-me a murmurar

Do poder da divindade
Que me póde castigar ;
Mas que queres ? temo tanto
Ver quebrar o doce encanto
Que teus olhos prende aos meus!...
E, se me não perdoares,
Causar-me-has tantos pezares,
Que duvidarei de Deus.

Eu confesso o meu peccado ;
Doe-te do meu coração ;
Dize que estou perdoado,
Por ter feito a confissão.
Foi caso de consciencia...
Mas não me dés penitencia,
Que juro de me emendar.
Sê hoje boa commigo ;
E dar-me-has maior castigo
Quando eu tornar a peccar:

XXXIII

O Mosteiro

Deus, venerunt gentes in hæreditatem tuam ; pol-
luerunt Templum Sanctum tuum ; posuerunt Jerusa-
lem in pomorum custodiam.

Ps. 78. 4.

Na hora em que a natureza
É toda branda harmonia ;
Quando o sol vai a esconder-se,
Antes de morrer o dia ;

Quando ao despedir da tarde
As sombras vão a descer,
Antes da noite serena
O mago veo estender ;

Quando o rouxinol cantando
Nos ramos se baloiceia ;
Quando a onda mansamente
Vai beijando a branca arêa ;

Quando o murmúrio das gentes
Vai rápido a declinar ;
Quando as almas namoradas
Principiam a sonhar ;

Quando um raio derradeiro
Do sol prestes a sumir-se
Brilha na cruz do mosteiro,
Como quem vai despedir-se,—

Nessa hora melancolica
Para mim tudo é tristura,
E gósto de errar sósinho
Nos campos e na espessura ;

Oiço ao longe um eco triste,
Um murmúrio d'harmonia,
Uma nota derradeira
De doce melancolia :

É como um terno lamento
De mãe que seu filho chora ;
Ou como um canto saudoso
De virgem que amor devora.

Oh ! como vibra em minh'alma
Essa nota mysteriosa,
Talvez de quem, como eu, vive
Uma vida desditosa !

Attraem-me os sons plangentes
Que a viração me conduz !
Além, por entre o arvoredado,
Vejo brilhar uma luz !...

São orações o que escuto,
Lá no mosteiro distante,
Onde brilha a cruz singela,
Conforto do viandante;

Aonde a crença piedosa
O christão ia avivar,
Quando no templo arruinado
Havia piedoso altar!

Mas quem reza a estas horas
Nessa igreja derrocada?
Que busca por entre as campas
De que a nave é povoada?

Deve ser uma alma afflicta
Que o mundo desenganou,
E que para resignar-se
A cruz dos ermos buscou.

Mas a luz ? !... e o canto ? !... oiçamos :
Já não parece oração !
É voz de mulher que fere
Os ecos da solidão !

Andei caminho das ruínas
Do piedoso monumento.
A lua, quando eu chegava,
Surgia no firmamento.

Sumiu-se a luz, e calou-se
A voz que ouvira cantar.
Entrei. No vasto cruzeiro
Resplandecia o luar.

Tectos, portas, e janellas,
Já tudo o tempo levára ;
Mas restos da arte vetusta
Inda nos muros deixára.

Mil preciosos fragmentos
De variegada pintura
Cobrem o chão, e as paredes,
Monumentos de esculptura.

Por entre rendadas pedras
Nascem verdadeiras flores ;
A herva por toda a igreja
Encobre da arte os primores.

Quando eu estava mais preso
Da minha contemplação,
Ouvi de novo a cantiga
Que antes cuidava oração.

Perto era a voz, e saía
Detrás da capella mór ;
Fui subindo egreja acima,
Com o fim de ouvir melhor.

Eis de repente a meus olhos
Se mostra uma camponeza,
Que ao altar mór vai direita
Com uma candeia acceza !

Era esse o unico ponto
Onde inda havia telhado ;
Mas nem altar, nem imagens,
O tempo tinha deixado. '

Em vez d'isso vi, com pasmo,
Que era ali a habitação
De algumas cabras e ovelhas,
Da pastora, e do seu cão !

Dirigi-me á rapariga,
Perguntando com rigor
Porque razão profanava
Casa que foi do Senhor.

Ella ouviu sem mostrar susto
Os duros reparos meus ;
E respondeu-me sorrindo :
— «A terra toda é de Deus.

Inda aqui moravam santos
Que o povo depois levou,
E o mosteiro, tinha portas,
Quando a tropa cá chegou.

Entrou a cavallaria
Por ahi dentro a cavallo,
Quebrando as pedras das campas
Sem mostrar nenhum abalo.

Foi a egreja estrebaria;
Manjadoiras os altares ;
Nem os ossos escaparam
À raiva dos militares.

Eu vi muitos esmagados
Pelos pés dos seus cavallos ;
E nem ao menos deixaram
Que a gente fosse enterral-os !

Vinham dar cabo dos frades ;
Porém, ai, peccados meus !
Do que elles cá deram cabo
Foi do respeito por Deus.

Depois que d'aqui se foram
Foi-se a devoção tambem,
E no templo profanado
Não tornou a orar ninguem,

Senão eu quando aqui posso
Nas noites menos escuras.
Mas nem eu nem o meu gado
Pisámos as sepulturas.» —

Sai triste e silencioso,
Sem responder á pastora,
Que ficou enchendo as ruínas
Com sua voz encantadora.

XXXIV

Versos

(Recitados no theatro de D. Maria II, em as noites de 22
e 25 de maio de 1851)¹

Pelo sr. Theodorico

Triumphou de novo a espada
Do velho heroe d'Almoster !
Viva a carta reformada,
E abaixo quem não a quer !

Saldanha, genio da guerra,
Sé da nação protector.
Se no campo ganhas loiros,
Vem na paz ganhar o amor.

A liberdade da imprensa,
Da palavra, e da eleição,
São do povo ardentes votos,
Votos de toda a nação.

¹ Veja nota no fim.

A patria reconhecida
Canta gloria em teu louvor,
Porque já por muitas vezes
Foste o seu libertador.

Viva o duque de Saldanha,
Orgulho de Portugal!
Viva o novo ministerio,
E o suffragio universal!

A missão que a Providencia
Confia das tuas mãos,
É fazer dos portuguezes
Uma familia d'irmãos.

Marechal, cumpre os desejos
Que o povo, que a patria tem;
Tu és o genio da guerra,
Anjo de paz sê tambem.

Nobre duque, a tua gloria
Ha de vir na lusa historia
Marcada mais d'uma vez,
Se, por obra derradeira,
Juntas numa só bandeira
Todo o povo portuguez!

Se são as leis que meditas
Para dar fim ás desditas
Da nossa pobre nação,
Bemvindo sejas ! contigo
Venha o pae, o nobre amigo,
Que ao povo dê protecção.

Bemvindo sejas, Saldanha !
E nesta nova campanha
Tu sem armas vencerás.
A espada pondo de parte,
Seja teu novo estandarte
Uma bandeira de paz.

Pelo sr. Epiphanie

Em uma grande pagina da historia
Já ficou immortal seu nome escripto ;
Nos campos d'Almoster deu-lhe a victoria
O glorioso epitheto de invicto !

Do rei libertador soldado e amigo,
Combateu para dar á patria a lei ;
E agora recordando o feito antigo,
É fiel á memoria do seu rei.

Aos ramos de carvalho e oliveira
Pódes loiros e palmas enlaçar
Illustre duque, a gloria verdadeira
Tambem na doce paz se póde achar.

Foi-lhe na guerra a fronte encanecida,
Ao guiar á victoria os liberaes ;
Só por amor da patria amando a vida,
Em prudencia e valor não tem rivaes.

Sempre exposto a diluvios de metralhas
Auxiliando o grão libertador,
Dissereis ser o genio das batalhas,
Ou o braço do augusto imperador.

Agora, mensageiro de esperança,
Sobre a patria liberta eil-o de pé,
Trazendo ao povo a promettida herança
De liberdade e paz, de amor e fé!

Pelo sr. Tasso

Saldanha, soldado e nobre,
Seja o povo embora pobre

Não lhe negues protecção !
Mas trata-o com lealdade,
E em paga da liberdade
Terás d'elle o coração.

Se nos combates passados
Tinhas briosos soldados
Já mestres de combater,
Acharás amigos novos
Nos filhos dos mesmos povos
Que sabem tambem vencer ;

Acharás na mocidade
Tanto affecto á liberdade,
Como ha no teu coração ;
Acharás, para teu brilho,
Em cada mancebo um filho,
Em cada velho um irmão.

Pela sr.^a Soller

O libertador da patria
Como herança te deixou
A defeza da bandeira,
Que contigo aqui plantou.

*

Na hora extrema te disse
O que a amigos só se diz :
—«A minha filha protege,
E com ella o meu paiz !»—

Desempenhaste o legado,
Cumprindo a nobre missão
De salvar do amigo a filha,
E tornar livre a nação.

Mas completa o pensamento
Do grande libertador :
Da carta mal entendida
Vem ser o reformador.

E a patria reconhecida
—«Bemvindo sejas ! — te diz —
Bemvindo sejas ! que o povo
Cansou de ser infeliz !»—

Pelo sr. Rosa

Portugal era abatido,
Perdidas crenças e fé,
Quando das ruinas erguido

Um homem surgiu de pé.
Alçou-se á beira do abismo,
Olhou firme o despotismo,
E a tyrannia tremeu !
Que o homem era soldado,
Velho sim, mas esforçado,
E a prova foi que venceu.

Era valente o guerreiro,
Trazia espada na mão,
E, portuguez verdadeiro,
Bradou assim á nação :
—«Podem acaso os revezes
Nesses peitos portuguezes
O amor da patria matar ?
Irei só, com esta espada,
Por minha terra affrontada,
Irei eu só pelejar ?

Só a mim me doe a affronta
Feita á terra onde nasci ?
Tirarei desforra prompta ;
Mas só eu direi : — venci ? !
Não, oh não ! patria não temas,
Que em breve as tuas algemas
O povo as fará cair !
Aos brados d'um velho amigo

A nação toda commigo
Irá teus ferros partir !» —

Assim o velho clamava,
Ardente d'inspiração ;
E a patria os ferros quebrava
Para lhe estender a mão ;
Já livre do captiveiro,
Ao denodado guerreiro
Foi o povo assim dizer :
— «Somos todos portuguezes ;
Comtigo já muitas vezes
Soubemos todos vencer !» —

— «Ávante !» — disse o soldado ;
E tudo ante elle cedeu.
O despotismo aterrado
Fugiu, sumiu-se, morreu !
Vede que palmas, que brados,
Que vivas enthusiasmados
Saudando o triumphador !
Essa expansiva alegria
Nunca jámais a veria
Nenhum governo oppressor.

Ganhou-a sómente aquelle
Que libertou Portugal.

Vede-o bem ! é elle, é elle
Que cinge c'roa immortal ;
É o duque de Saldanha,
Que, encanecido em campanha,
Sentiu já 'mais d'uma vez
A metralha sobre o peito,
Para não deixar sujeito
Este povo portuguez !

XXXV

Aos Campeões da Rosa branca¹

Ou no campo, ou na estacada,
Defendo a rosa encarnada
Que a branca veio affrontar !
Levanto a luvã por ella
Em defeza d'uma bella,
Que é covardia atacar !

Venha quem for cavalleiro !
O mais valente, primeiro ;
E traga lança e arnez !
Não cantem inda victoria :
A disputar-me essa gloria
Venham os dois d'uma vez !

¹ Veja nota no fim.

Não teme a rosa encarnada
A branca tão descórada
Como flor de mausoleo !
Se d'esta sois defensores,
É aquella os meus amores,
Por ella me bato eu !

Se já cantastes victoria,
Foi um triumpho sem gloria;
Porque ninguem combateu ;
Mostrae-me a lança quebrada
Em pró da rosa encarnada
Que a rosa branca venceu !

Vós que já destes rebate
De ter vencido o combate,
Dizei-me quem batalhou ;
Dizei-me, meus campeadores,
Se a rosa dos meus amores
Mais formosa não ficou !

Onde tem a vossa rosa
Aquella cor tão formosa,
Aquelle casto rubor,
Da donzella quando córa ?
Aquelle riso da aurora,
Que a minha mostra na cor ?

Cavalleiros, sois valentes ;
Não vos ireis descontentes,
Que tambem sei pelejar ;
Como vós, eu tenho espada,
E pela rosa encarnada
Posso alguns versos rimar.

Chamastes um cavalleiro ;
Eu não quiz ser o primeiro,
Por isso foi que tardei.
Não julgueis que tinha medo ;
Mas era ainda um segredo
A rosa que eu adoptei !

E se a dama desvelada
Que guarda a rosa encarnada,
Já o triumpho vos deu,—
Em guarda, meus cavalleiros !
Guerreiros contra guerreiros,
Ceder-vos não quero eu !...

Nem ella cedeu por certo :
Deixou o campo deserto,
Porque não quiz combater ;
Mas nas armas e nos cantos,
E nos seus proprios encantos,
Tinha bem com que vencer.

Quando se viu affrontada,
Tomou a rosa encarnada
Guardando-a no coração ;
Pois duellos não acceita
Quem com seus olhos sujeita
O mais forte campeão.

Contra uma dama é fraqueza
Usar de força ou destreza ;
Cavalleiros somos nós :
Eu sou da rosa encarnada,
Sou pela dama affrontada ;
Da rosa branca sois vós.

Podeis sair vencedores ;
Vós ambos sois trovadores,
Podeis vencer-me a trovar ;
Mas, perdidas lyra e espada,
Da minha rosa adorada
Inda a fé hei de guardar.

Das armas decida a sorte ;
D'uma rosa diga a morte
Qual das duas triumphou :
Se da branca as frias cores,
Se da encarnada os fulgores
A minha lyra vingou.

Vinde á liça, cavalleiros!
Guerreiros contra guerreiros
É que devem batalhar.
Ou no campo, ou na estacada,
Defendo a rosa encarnada
Que a branca veiu affrontar!

XXXVI

À gentil Cantora da Rosa encarnada

Como nas justas antigas
Venho, senhora, a teus pés,
Sem temor de feras brigas,
Sem querer saber quem és.
Eu vi a rosa encarnada
Da rosa branca affrontada,
Sem ninguem a defender ;
Nem sequer por cortezia,
Que a tal dama se devia,
Deixaram de combater.

Eram dois os contendores
Atacando a tua flor ;

Eu respondo aos aggressores,
Se me acceitas campeador.
Não quero louvor nem paga :
Quero partir uma adaga
Por nossa rosa sem par ;
Acceita-me, nobre dama ;
Igual causa nos inflamma ;
Por ella vou pelear.

Levo a viseira calada ;
Ninguem m'a levantará ;
E breve a rosa encarnada
Da branca triumphará.
O meu nome não o digo ;
Era assim no tempo antigo,
E o costume cumprirei ;
Só depois de ter vencido
No torneio é permittido
Revelar seu nome e lei.

Mas não sou aventureiro
Correndo em busca do amor ;
Responde á fé do guerreiro
A lyra do trovador ;
E pela rosa encarnada
Minha lyra e minha espada
Hão de sempre combater.
E tu que tambem tens lyra

Que pela rosa suspira,
Não m'a deixas defender ?

É tarde ! A luva lançada
Levantei prestes do pó ;
Defendo a rosa encarnada,
Por ella morrerei só.
Mas não ; é d'ambos a rosa,
Nem me fôra a luta honrosa
Sem a tua permissão.
Falla, pois tens o direito :
Queres a rosa no peito,
Ou queres vel-a no chão ?

Desejas vel-a vencida,
Levada pelo tufão
Secca, esfolhada, perdida,
Nas azas do furacão ?...
Queres que a pallida rosa,
Proclamada mais formosa,
Olhe a rubra com desdem ?
Oh ! se eu tal acreditára,
Por minha fé te jurára
De amar a branca tambem !

Dama da rosa encarnada,
Protege-me, e eu vencerei !
Levo no escudo pintada,

Por divisa que adoptei,
A branca rosa caída,
A nossa no centro erguida,
E esta lettra : *Até morrer !*
Acredita-me, senhora :
Por mim serás vencedora,
Eu por ti hei de vencer.

XXXVII

A Rosa encarnada

I

Qual é dos ceos o astro mais brilhante,
Qual é mais do que o sol,
Que ao romper da manhã bebe radiante
Os prantos do arrebol?

Cem poetas cantaram já da aurora
A purpurina cor.
A virgem que a virtude segue e adora
Tem da rosa o pudor.

Pobre da rosa branca, fria, e triste,
Innocencia a dizer!
Se o pudor em suas cores não existe,
Ao crime ha de ceder.

Perdel-a-hão desejos ; que a candura
Póde-a amor illudir ;
E ai da virgindade mal segura,
Se o pudor não surgir !

O pudor é o ornato da innocencia,
Seu guarda e protector ;
Da virginal pureza é elle a essencia ;
É a virtude em flor.

E a brancura que diz ? que é branca a lua ?
Não lh'o posso negar ;
Porém quando ella pelos ceos fluctua
Deixa o crime reinar ;

E da aurora ao raiar das rubras cores
Foge o proprio terror ;
Com seus raios o sol anima as flores,
Em tudo infunde amor.

II

A rosa branca é bonita ;
Mas, quando o seio palpita
À virgem que sente amor,
Foge do rosto a brancura ;

A alma candida e púra
Às faces manda o rubor,

Prisão que enfreia o desejo,
Porque só nasce do pejo
Que o rosto sabe tingir;
E se a innocencia não córa
Quando um desejo a devora,
Póde no abismo cair.

A linda, encarnada rosa,
Das flores a mais formosa,
É symbolo de pudor;
D'essa virtude tão bella,
Que nas faces da donzella
Do pejo mostra o rubor.

XXXVIII

A' Dama da Rosa encarnada

Quem teme agora das lanças,
Dos campeadores, quem é?
Quem não sente as esperanças
Brotando ardentes de fé?
Por campeão me acceitaste;
Duas mortalhas talhaste;
Os contrarios me apontaste...
Nem um só fica de pé!

Mil graças, dama formosa,
Por me deixares lidar;
Prometto que a nossa rosa
Não deixarei humilhar.
Quando tuas trovas lia,
Por Deus! que me não cabia
Dentro n'alma a valentia
Que me soubeste inspirar!

Outr'ora já na Inglaterra
Por damas fui pelejar;
E lá fiz morder a terra
Quem as tentou affrontar.
Peza-me hoje a portuguezes
Castigar como aos inglezes;
Porém, ai dos descortezes
Onde o *Magriço* chegar!

Entro na liça primeiro,
Que o caminho livre achei;
E, voto de cavalleiro,
O campo não cederei!
Confia, nobre senhora,
Cedo verás vencedora
Da rosa branca traidora
A rosa que eu adoptei.

Eu juro que só por morte
Deixarei o meu brasão!
E, se me faltar a sorte,
Se eu for o vencido... então
Quero ter por monumento
A flor por quem dei o alento,
Rosa do meu pensamento,
Insignia do meu pendão!

XXXIX

Ao Cantor da Rosa pallida

Trovador, se és cavalleiro
Porque me vens insultar ?
Não usa de más palavras
Quem sabe as armas jogar.
À rosa branca devias
Sómente versos cantar.

Descortez, ao teu contrario
Chamas jogral e peão !
Não é valor a insolencia ;
A arrogancia é de villão ;
Quem empunha espada e lyra
Não diz chufas de truão.

Perguntas qual é meu nome ?
Queres meu nome insultar ?
Chamas-me fraco e covarde
Quando corro ao teu bradar,
Quando te honro, erguendo a luva
Que ninguém quiz levantar !

De terror enlouqueceste,
Ou a raiva te cegou ;
Tu não combates um nome,
Combates quem o occultou ;
Combates, se não fugires,
A quem teu repto acceitou.

Qual de nós será covarde ?
Qual mais cortez e leal ?
Quem contra as damas peleja
Campando de general,
Ou quem ousa defendel-as
Em combate desigual ?

Bem sabes que não te hei medo,
Pois contra dois fui eu só ;
A pró da formosa dama,
Da rosa encarnada a pró,
Acceitei de ambos o repto,
Fazendo-os morder o pó !

Fui eu só ! Para vencer-vos
Não preciso mais ninguém,
Que a minha lança ou espada
Polida lamina tem.
Sois dois só ? Isso me peza ;
Quizera que fosseis cem !

Sómente para mostrar-vos
Se sei ou não combater ;
Se por minha linda rosa
A trovas sei responder ;
Se por minha nobre dama
Não sei vencer ou morrer !

Tu proprio mostraste espanto
Por ver-me assim batalhar ;
Como depois esquecido,
Me vens covarde chamar ? !
Ou cavalleiro te finges,
Ou has medo ao pelejar !

Sou de uma dama soldado,
E por ella morrerei ;
Ou a seus pés abatida
Tua rosa deixarei,
Depois de tu confessares
Que é mais bella a que adoptei.

Aquella que ouviu meus rogos,
E meus cantos acolheu,
Mil trovas me inspiraria,
Se poeta não fosse eu ;
Se me faltára a coragem,
Achára-a no canto seu !

Inda que á rosa encarnada
Tivesse eu menos amor,
Vendo uma dama adoptal-a...
Tornei-me seu campeador !...
É dever de quem veste armas
Ser das damas defensor.

Mas eu quero muito á rosa
Por quem ando a batalhar ;
E a quem me chamou covarde
Mais cortez hei de tornar,
Calcando a lyra e a rosa
Que só sabem insultar.

Dizes que minto ? Outra affronta
Que o teu sangue lavará !
Desabafa antes da luta ;
Teu corpo m'o pagará :
Entre o brio e a insolencia,
A espada decidirá !

O que saír triumphante
Sabe Deus qual ha de ser !
Mas á fé que á minha rosa
Não póde a branca exceder ;
E á dama, por quem pelejo,
Não és tu que has de vencer.

A dama da minha rosa
No mundo não tem rival,
Porque se escuda nas cores
Do pudibundo coral,
Cores que dizem no rosto :
Innocencia virginal.

Cavalleiro, eis-me no campo !
Á fé que não cederei !
Lê bem as singelas trovas
Que á minha rosa cantei ;
Se te não dizes vencido
Breve á liça tornarei.

CANTOS MATUTINOS

LIVRO SEGUNDO

I

A minha Musa

De saudades e desejos
Os meus cantos só componho ;
Se algumas horas me riem
São curtas horas de um sonho.

A. F. de Castilho.

I

**A minha musa é filha das saudades
De um pobre desterrado,
Que, distante da patria, se lembrava
Do ninho abandonado.**

**Nasceu no meio dos immensos bosques
Da terra brasileira,
E foi, logo ao nascer, com duas patrias,
Em ambas estrangeira !**

Desconhecida aquém e além dos mares,
Vivia suspirando ;
Por entre as solidões do novo mundo
Vagou peregrinando.

Depois voltou á patria ; mas a infancia,
Que passou tão chorosa,
Deixou-lhe sempre inveterado o vicio
De musa lacrimosa.

Eu canso-me debalde, provocando-a
A rir algumas vezes ;
Digo-lhe em vão que ó choro e a pieguice
Lhe afugenta os freguezes...

Responde a triste que nasceu no exilio;
Lá, onde não havia
Mais que saudade, desalento, e trevas,
N'alma onde ella vivia !

Que se agora a condemnam por ser triste,
É que a não entenderam ;
Mas que hão de comprehendel-a os desgraçados,
Ou os que já sofreram.

Não a posso mudar ! Mas por castigo
Hoje quero obrigar-a
A mostrar-se diante dos leitores
Sem atavio ou gala.

Vou pintal-a, tal qual eu a conheço,
Com dois traços de penna;
E se ella não gostar, tenha paciencia !...
Vamos a pôl-a em scena :

II

Seu triste e pallido rosto
Inspira acerba poesia ;
Doçura e melancolia
Derramam os olhos seus,
Olhos de cor indistincta
Que, antes de olharem o mundo,
Atravez do ceo profundo
Se fitam primeiro em Deus.

Seu preto e longo cabello
Serve á frente de moldura ;
Na boca um rir de candura,
Que não imita o pincel !
Se ella solta as azas brancas
Da noite á rapida aragem,
Sigo-lhe a branca plumagem
Qual pombo á pomba fiel.

Nas minhas horas de magoa
Abraça-me sem receio,
E sobre seu casto seio
Me deixa a fronte pousar;
E occultando essa tristeza
Que sempre lhe cobre o rosto,
Seja qual for meu desgosto,
Ella me vem consolar !

III

É de seu natural muito discreta,
E pouco intromettida,
Como convem a musa de poeta
Que leva a suspirar parte da vida.

Quando eu lhe ralho pela ver tão séria,
Diz-me que tem juizo,
Porque troca esta terra de miseria
Por um imaginario paraíso.

Ama a procella que revolve os mares,
E a nuvem alvacentá,
Quando atravessa a região dos ares,
Conduzida nas azas da tormenta.

Canta hymnos a Deus e á liberdade,
 À patria e sua gloria,
Às doçuras do amor e da amizade,
E respeita dos mortos a memoria.

Canta sempre, feliz ou desgraçada !
 Porém nunca em seu canto
Se ha de ver a deshonra celebrada,
Ou coberta a calumnia com seu manto.

Jámais torpe mentira, ou feio vicio,
 Terão os seus louvores ;
Antes ha de pedir o eterno exicio
Dos que são da virtude infamadores.

Perdoemos-lhe, pois, leitor amigo,
 À minha pobre musa ;
É a tristeza seu defeito antigo ;
Mas sirva-lhe a virtude para escusa.

II

O Corsario

—«Quem dirá que d'estas aguas
Não sou eu sómente o rei ?
Todo o mar mediterraneo
Ao meu sceptro sujeitei ;
Porque o meu sceptro é o leme ;
Aqui só eu dou a lei.
A minha c'roa de nuvens
A ninguem a cederei.

Vira, vira ao cabrestante !
De lévarriba a virar !
Mette as ancoras a pique,
Que anda o sueste a rondar !
Chega ás adriças de gaveas !
Gageiro, vae desferrar,
Que o navio sente a brisa,
E tem saudades do mar.

Põe bóças ao ferro grande!
Vai seguida a — Flor d'Argel. —
Batem-lhe as ondas na prôa
Como a lança no broquel;
Já no convez entra a vaga,
Com o jogar do baixel,
Que salta envolto em espuma,
Como fogoso corcel!

Amura bem o latino!
A beijar! deixa gemer!
O meu navio é veleiro,
E o vento vem a crescer:
Toma cuidado no leme!
Não vês o pano a bater?...
Amantilha essa retranca!
Bom! ahi! Deixa correr.

Temos tufão; salta arriba!
Oh! mestre! mande rizar!
Os paus de cutelo dentro!
Sobrejoanete! ferrar!
Mette gaveas nos segundos!
Olha a barca!... bom andar.
Cuidado nas arribadas!
Oh! mestre! lesto a virar! —

—«Lesto a virar!»—

—«Leme contro!

Larga as escotas por mão!
A quartela a bujarrona!
Olha a escota do artemão!...
Quem prendeu aquella escota
Em cima do corrimão!
Tres horas sobre o galope!
Oito dias no porão!»—

—«Uma vela a sotavento!

Vai na bordada do mar!...»—

—«Chega aos braços de bombordo!

Timoneiro, deixa orçar!

Quem se atreve nestes mares,

Que são meus, a navegar?

Larga tudo, e dá-lhe caça!

Vamos a préza tomar!

Ó do galope do mastro!

Se gostas de combater,

Acabou-se o teu castigo;

Tens licença de descer.

Não ficarás sem a parte

Que te deve pertencer,

Se no combate souberes

Cumprir bem o teu dever.

Leve a bandeira argelina !
Vamos começar a acção ;
Tira fóra as escotilhas,
Que já temos o mar chão,
E crava o meu catavento
Em cima do corrimão ;
Pela melhor pontaria
Darei o maior quinhão.

Vae tomar-lhe barlavento,
E aprompta para abordar ;
Dá-lhe um tiro ao lume d'agua ;
É tempo de o acordar...
Feriu-o nas obras mortas ;
Arreou sem pelejar !
Já vinte homens para a lancha !
Vão meus tributos buscar !

Se o navio for veleiro,
Dal-o-hei a meu irmão ;
Se traz formosas captivas,
Que ninguem lhes ponha mão !
Para vós são os thesouros ;
As mulheres minhas são ;
Se algum se atreve a tocar-lhes,
Arranco-lhe o coração !

*

**Cruza gaveas ! D'estas aguas
Quem dirá que' não sou rei ?
D'esses monarchas da terra
Não invejo a immensa grei.
São escravos do seu povo ;
Aqui só eu dou a lei.
A minha c'roa de nuvens
A ninguem a cederei.»—**

III

Contemplação

Como é doce assim beber
A longos, bem longos tragos
A ventura de te ver,
E gozar dos teus affagos !
Para tão grande prazer
É bem pequena esta vida !
Oh ! quem pudera, querida,
Sempre, sempre assim viver !...
Mas se no fundo da taça,
Que eu bebo tão descuidado,
A inveja tiver lançado
O negro fel da desgraça ? !...
Se esta fonte de ventura
Em venenoso licor
Converter sua doçura ? !...

Como hei de poder co'a vida,
Privado de tanto amor ?...

Cheio estava o ceo d'estrellas
No momento em que te vi ;
Fulguravam todas ellas ;
Todas, todas eram bellas ;
E entre tantas te escolhi.
No meio de tantos lumes,
Só o dos teus olhos vi !
E porque ? Foi meu destino ;
Eu, que vagava sem tino,
Que o mundo tinha por meu,
Que aonde o sol me aquecia
Achava paiz e ceo, —
Fiquei desde então mudado !
Só busco a luz em teus olhos ;
A terra onde tu não vives,
Para mim é toda abrolhos ;
De cada vez que te ausentas,
Sou perdido em mar de escolhos !...

IV

Rosas abertas

I

Vi uma flor tão viçosa,
Que mais não !
Ai, que flor ! Era uma rosa
Em botão.

Em botão ? Ai, minha vida,
Cego amor !
Era já rosa colhida,
Sem verdor.

Ai, rosa de cor incerta
Que adorei !
Por botão, foi rosa aberta
Que encontrei !

Mas inda assim era amada ;
E de alguém,
Com mil desvelos cuidada,
Foi tambem !

Ai, era flor que enganava
Só de a ver !
Meiga, meiga se mostrava
'Té prender.

Prendeu-me ; chamei-lhe minha ;
Dei-lhe amor !
Se era tão formosa, e tinha
Tal frescor !

Jardineiro que a velava
Não colheu
Fragrancias que a rosa dava,
Como eu !

Retomou depois de aberta
Viço e cor ;
E, apesar de flor incerta,
Dei-lhe amor !

II

Mas veio terceiro, e a rosa,
Ai, perdi!...
Porém era mais formosa
Quando a vi!

O que são rosas colhidas!
Sempre assim,
De mão em mão, vão perdidas
Té ao fim!

Abertas não são tão bellas,
Mas custam menos tambem;
Podem tecer-se capellas,
Sem offender a ninguem.
E, sendo rosas fechadas,
Podem cair esfolhadas
Ao tocar-lhes no botão...
Deus me dê muitas abertas:
Se no aroma não são certas,
Nos espinhos tambem não!

III

Se é peccado colher flores,
Não tenho crimes assim.
De algumas tenho gostado...
Mas nunca para tal fim!
São sempre rosas abertas,
As que me tocam a mim!

Como prova
Dou a rosa
Mais formosa
Que eu amei:
Caminhava
Já perdida,
Pois colhida
A encontrei!

IV

Que importa ? rosas colhidas
Custam menos a cheirar ;
A roseira tem espinhos,
E eu não me quero picar.

**Mas prometto gostar d'ellas
Sempre assim ;
Colham outros as mais bellas
Para mim !**

**Rosas colhidas são certas,
Porém as fechadas não ;
Que antes de serem abertas
Podem morrer em botão.**

**Eu gosto da flor colhida
Depois do desabrochar ;
Não sei se será mau gosto,
Mas gosto de as esfolhar.**

**Que prazer ! em cada folha
Dar um beijo, e outro, e mais,
Arrancando-as uma a uma,
Com delicias divinaes !...**

**Oh ! que se as rosas ouvissem,
Iria ao rosal dizer :
—«Botões, abri-vos depressa,
Pois tendes curto viver ;
E só quando fordes rosas
É que eu vos posso colher !»—**

V

A João de Lemos

**Tens um estro fulgurante,
Meu inspirado cantor !
O teu caminho brilhante
Abriu-o a mão do Senhor.
Elle te deu por thesoiros
Coroas de verdes loiros,
Doce voz para cantar ;
E a mim, em lugar de cantos,
Só me deu acerbos prantos,
E coração para amar.**

**Se não és dos orgulhosos
Que repellem com desdem**

Os dons pouco valiosos
Do pobre que mais não tem,
Meu modesto canto aceita ;
Nenhum coração rejeita
Affecto como este meu.
Divergem nossas idéas,
Porém eu tenho nas veias
Sangue igual ao sangue teu.

Somos ambos portuguezes,
Livres ambos das paixões
Que nasceram dos revezes
Das passadas dissensões.
Se tu tens nobreza antiga,
A minha tambem obriga,
Que a virtude é meu brasão.
Tu és um rei da harmonia,
E eu, adorando a poesia,
Desejo ser teu irmão.

Se temos diversas crenças,
Foram irmãos nossos paes ;
Mas que importam differenças,
Sendo nós ambos leaes ?
Eu adoro a liberdade,
Porque foi a divindade

Que no berço me embalou ;
Criei-me junto com ella,
E, vendo-a joven e bella,
Minh'alma se lhe entregou.

Vivi com ella nos mares,
No meio dos vendavaes ;
Da America nos palmares ;
E em seus rios colossaes.
Criei-me em terra liberta ;
Na minha infancia inexperta
Ella a meu lado surgiu ;
E sempre o meu pensamento,
Sem nenhum constrangimento
A minha voz traduziu.

Amei tudo quanto via
Em liberdade viver ;
Tomei odio á tyrannia ;
Jurei guerra ao seu poder ;
E, sem susto da metralha,
Já nos campos de batalha
Contra ella o braço ergui ;
Já, nas filas ignorado,
Da liberdade soldado,
O meu pendão defendi.

E tu, vate harmonioso,
Tu segues diversa lei :
Eu só Deus julgo pod'roso,
Tu julgas tambem o rei.
Crença na infancia bebida
Não póde ser esquecida ;
Nenhum de nós a perdeu :
Tu sonhas com monarchia,
E eu... a esperança perdi-a,
Mas a crença não morreu.

Que importa, nobre poeta,
O que o futuro dirá ?
Nenhum de nós é propheta,
E Deus o melhor fará.
Para mim a liberdade ;
Para ti a magestade ;
Entre os dois eterno amor.
Para nós é morta a guerra ;
Seremos sempre na terra —
Tu, poeta ; eu, trovador.

Como tu tens da poesia
Torrentes d'inspiração,
Tenho por ti sympathia
Brotando em meu coração ;

E foi por ella animado
Que ao poeta sublimado
Eu hoje ousei invocar.
Quer minha lyra singela,
Na tua c'roa tão bella
Mais uma flor enlaçar.

VI

Olhos negros

Os olhos são cor da noite,
Da noite em seu começar,
Quando inda é joven, incerta,
E o dia vem de acabar.

Garrett.

Que lindos olhos tão negros,
Que negros olhos eu vi !
Elles matavam d'amores ;
D'amor por elles vivi !

Eram pretos cor da noite,
Quando a noite é de luar ;
E brilhavam como estrellas
Em ceo puro a fulgurar.

Fallavam a quem os via ;
Porém que fallas, não sei ;
Mas eram tão eloquentes,
Que por mestres os tomei.

Que de coisas me ensinaram !
Que altos mysterios de amor !
Ao mais leve movimento,
Diziam prazer ou dor.

Oh ! como eu acreditava
Nessa sciencia fatal !
Como os seguia tão ébrio,
E tão cego, por meu mal !

Mas se elles eram tão lindos,
Tão negros, tão de tentar !
Tinham tão negras pestanas,
Tão endiabrado olhar !

E nesse olhar tal doçura,
Tão fingida timidez,
Que, se os eu víra de novo,
Enganavam-me outra vez !

Ora languidos e tristes
Se baixavam, como o veo
Que em noites de primavera
À terra baixa do ceo ;

Ora ardentes de ternura
Brilhavam com tal paixão,
Que eu sentia-os como chammas
A queimar-me o coração.

Amava-os mais do que a vida ;
Não conhecia outra lei ;
Meu ser, meu Deus, eram elles ;
Tudo lhes sacrifiquei !

Um dia a luz apagou-se,
Ou foi raiar noutros ceos...
Mas o seu primeiro brilho
Gozaram-n'ò os olhos meus !

VII

Se eu a amei!

Fui felice e saggio anch'io,
Dove e quando dir non so;
Steso è il velo dell'oblio
Sull'etade che passò.

L. Carrer.

Se eu a amei! Como esconder
Este vivo sentimento
Que me ficou de a perder?
Meu anciado pensamento
Noite e dia a vai seguindo
Por me dar maior tormento!

Se eu a amei! No coração
Diz-me que sim a saudade,
Se o orgulho diz que não.
E fui amado, é verdade;
Mas paguei por alto preço
Esta innocente vaidade!

Não quero agora mentir ;
Não quero dar o castigo
A quem só sabe fingir...
Eu vejo ainda o perigo,
E o coração com que a amava
Tornou-se meu inimigo.

É mais d'ella do que meu,
Vivendo da minha vida !
Mas, coitado ! enlouqueceu
Sentindo a viva ferida
Que lhe fez, com mão traídora,
Quem d'elle vive esquecida.

Amei-a ; dizer que não
É dar virtude á mentira,
Para negal-a á paixão ;
Se a minh'alma inda suspira,
É por saber que a ventura
Noutra alma lhe fugira.

Se eu a amei ! Pois não o diz
Este amor proprio fingido
Que me fez tão infeliz ?
Mesmo apesar de offendido,
Se ella voltasse de novo
Achava-me arrependido.

Se eu a amei ! Oh ! se eu a amei !...
Pois estes olhos pisados
Não dizem quanto eu chorei ?
Por seus olhos adorados,
Não dizem que ainda choram
Estes meus, desconsolados ?

Se eu a amei ! Pois esta dor,
Nos meus versos traduzida,
Não repete ainda amor ?
Pois esta queixa sentida
Não é a dor da saudade
Pela ventura perdida ?

Se eu a amei ! Com tal amor !...
Foi sonho de pouca dura...
Despertei achando a dor
No que tomei por ventura !
Sumiu-se a unica estrella
Que no ceo cuidei segura.

Amei-a de mais ! se amei !...
Segui-a sem conhecê-la,
Quando em meu caminho a achei.
Foi grande a dor de perdê-la,
Mas é maior o castigo
De nunca tornar a vê-la.

VIII

Anjo-Demonio

Eu sonhei uma vez um sonho horrivel,
Que me encheu de pavor :
Vi um demonio transformado em anjo
Fallando-me de amor !

Era ao sair da infancia. Eu não sabia
Fugir da tentação ;
Tudo eram rosas para mim na vida,
E tudo aspiração.

A sonhar o tomei por luz divina
Da minha redempção.
E o anjo mau sorria-se nas trevas,
Da minha perdição !

Do demonio, caído nos abismos
Pela ira de Deus,
Os olhos, como a luz attrai o insecto,
Attrairam os meus.

Abrazou em seu fogo meus sentidos
Fazendo-me beber
Em seus lascivos, temerosos beijos
Diabolico prazer !

Por sua boca a lava dos infernos
Em minh'alma coou ;
Mais a bebia, maior sêde tinha,
Nunca me saciou !

Seu rosto ardente co'o meu rosto unido,
Seu negro coração,
Diziam-me que Deus era mentira,
Os ceos uma illusão.

E assim o acreditei, embriagado
Em delicias fataes !
Patria, religião, Deus, e familia,
E o amor de meus paes,

Tudo que eu tinha, tudo me pedia,
Nada lhe recusei ;
E, christão e poeta, a cruz e a lyra,
Maldito profanei !

Folgaram nos infernos os demonios
Cuidando-me já seu ;
E Deus no ceo co'as azas dos archanjos
As faces escondeu.

Mas o anjo da guarda em mim velava,
Pedindo ao Redemptor
Que salvasse a minh'alma, que era' sua,
Do anjo tentador.

Ouviu-o Deus ; eu acordei, e o sonho.
Fugiu do dia á luz ;
Só num mau sonho eu renegar podia
O alaúde e a cruz.

Defende-me, formoso anjo da guarda ;
Não me deixes tentar ;
Nem me deixes sonhar d'estes maus sonhos,
Que sempre te hei de amar ;

Porque me converteste a cruz e a lyra,
Os symbolos da dor,
Em divinos fanaes de eterna esp'rança,
De conforto, e de amor.

IX

Astro

Eu bem sei que tu nasceste
Como no ceo nasce a luz ;
E que tambem me perdeste,
Porque o teu brilho seduz.
Estrella, a quem eu seguia
Sempre, de noite e de dia,
Para o meu caminho achar,
De mim agora te occultas !
Entre nuvens te sepultas,
Quando me deves guiar !...

D'este ceo anuviado,
Aonde outr'ora te vi,
Fanal por Deus enviado
Ás trevas onde eu caí,
Porque foi que te ausentaste ?

Porque razão me deixaste
Em um caminho sem fim,
E quando me abandonavas,
Outro horisonte buscavas
Muito distante de mim ?...

Se queres tornar a ver-me,
Se voltas com teu fulgir,
É porque aspiras perder-me
Se eu de novo te seguir !
Mas não posso crer-te agora ;
Tua luz deslumbradora
A minha vista seduz ;
Porém não me guia ao norte,
Porque o teu brilho é tão forte
Que cega, mas não conduz !...

X

A Mulher de Marmore

RAPHAEL :

O fille de marbre ! fille de marbre !

MARCO :

Ah ! tenez, mon cher Raphael, vous êtes ridicule.
Les Filles de Marbre.

Quem és tu ? qual é teu ser ?
És algum anjo de Deus
Que anda na terra a sofrer ?
És d'esses astros dos ceos
Em cuja luz pudibunda
A natureza se inunda ?
És uma d'essas visões
Que vivem na fantasia,
Sorrindo á melancolia
Das perdidas illusões ?
Quem és tu, formosa imagem ?
És filha d'um sonho vão ?

És... o que és? vaga miragem...
Tens, ou não tens coração?
Oh! não tens!... tu és mulher:
É pedra todo o teu ser.

Não tens coração; não tens
Senão a dura materia,
Onde nascem taes desdens,
E tanto orgulho! Miseria!
É de desprezo esse riso?
Mas sabes tu quem sou eu?...
Posso expulsar-te do ceo,
Ou levar-te ao paraiso!
Posso dar-te um ceo d'amor,
Ou um inferno de dor!

Sou poeta, eu! sou rei!
O meu sceptro e minhas galas
Não os ganhei pelas salas,
Onde ignaros dão a lei...
Onde tu vives... aonde
Te querem como rainha...
Onde o vicio-rei caminha,
E a virtude a face esconde!...
E d'esses vassallos queres?
Por esses me has de trocar?!
Oh! como são as mulheres!...
O seu prazer é reinar:

Reinar na sala, na praça,
Co'a razão, ou co'a folia !
Reinar até na desgraça,
Inda que seja um só dia !
Tarde, ai ! só quando perdidas,
Se mostram arrependidas !...

Mas d'esse prazer os travos,
Tarde embora, chegarão.
Em tua côrte de escravos,
Não terás um coração !
Vê bem o que vais fazer ;
Num momento de demencia
Jogas a tua innocencia
Por instantes de prazer !
Vê se tens a covardia,
Pelo gosto da vaidade,
De acceitar a potestade
Que orna mal uma agonia...
De trocar por um dos teus
Um poeta, um rei, um deus !...

✓ Sou rei ! sou deus ! a poesia
Brota do meu coração
Em torrentes de harmonia
Nas horas da inspiração !
O poeta é um rei, um deus,
Tem de um deus toda a grandeza,

Quando á sua mente acceza
Desce uma chamma dos ceos !
Quando invoca do passado
Os reis, òs povos, a historia !
Quando canta uma victoria,
Ou conforta um desgraçado !
É sempre um nume o poeta
Quando canta as desventuras,
Ou das desgraças futuras
Se faz tremendo propheta !

Para ouvir-lhe o doce canto
Param as ondas do mar ;
Commovidas com seu pranto
Calam-se as aves no ar ;
Têem maior brilho-as estrellas,
Mais aromas dão as flores,
Se o poeta, á vista d'ellas,
Canta e suspira de amores ;
Tornam-se as noites serenas,
Mais branda a lua fulgura,
Se elle conta as suas penas,
Se lhe sorri a ventura ;
Até com os cantos seus
Folgam os anjos de Deus !

Só tu me queres fugir !...
Cheia de louca vaidade,

Só tu não queres ouvir
Como suspira a saudade !...
E por quem me vais trocar ?...
Rejeitas d'amor a palma,
E á turba, que não tem alma,
Por vangloria te vais dar !...
Desprezas um nome eterno
Em meus hymnos immortaes !...
Para seguir os venaes
Deixas o ceo pelo inferno !...
Ganhavas perpetua fama
Nos ecos da minha lyra ;
Nosso amor aos ceos subíra
Cercado de etherea chamma ;
Em versos de oiro cantada
Serias, como Leonor ;
Como a Laura celebrada,
Tua vida fôra amor !...
Oh ! não ! que o não merecias !
Sempre marmor ficarias !

Vae ! quebrou-se o meu encanto !
Nunca mais has de ouvir queixas ;
Sei que te aborrece o pranto,
Que zombas d'estas endechas...
Vae ! dura pouco a belleza ;
E, depois que ella passar,
Dize adeus á realleza,

Que não tornas a mandar.
Então, cheia de amargura,
Chorarás arrependida,
Sentindo acabar a vida
Sem começar a ventura.
Não me sabes entender,
Porque não tens coração...
Mas concedo-te o perdão,
Para nunca mais te ver !

XI

Soneto

(A um bebado)

Dá meia noite. Do relógio ao zurro
Acordo, escuto, oiço gritar : — «Socorro !» —
Ergo-me, visto-me, abro a porta, corro,
Desço a escada, e no fim encontro um burro !...

Para poder sair, com geito o empurro ;
Mas, em vez de arredar-se o tal cachorro,
Principia a berrar : — «Eu morro ! eu morro !
E tu vais apanhar um grande murro !» —

Sobem-me uns arripios ao toitiço,
Passam-me pela vista umas faiscas,
Quando elle diz de lá : — «Ovos... chouriço...

Grande pagode no armazem das iscas !
Com dez copos... fiquei como um ouriço...» —
E adormece a rosnar : — «Tu não petiscas ?...» —

XII

Tristeza

Não te queixes da tristeza
De que se cobre o meu rosto;
Nasce da tua frieza
A causa do meu desgosto.
Se tu não fôras assim,
Mais alegre eu viveria;
Porém foge-me a alegria,
Como tu foges de mim.

O poeta, como as flores,
Busca o ar e a luz mais pura;
A vida, sem ter amores,
Para elle é sem ventura.
O teu modo bem me diz
Que o meu amor desconheces;
E por isso me entristeces,
E me tornas infeliz.

Queres que eu tenha saudade
Das illusões que passaram,
E que chore a liberdade
Que os teus olhos me roubaram ?
A ti propria fazes mal,
Pois me acordas na memoria
Uma imagem illusoria,
Da tua imagem rival.

Ao ver-te fria commigo,
O meu carinho evitando,
As visões do tempo antigo
Passam por mim suspirando ;
Accusam-me de as deixar,
De me esquecer do passado ;
Achando-me desgraçado,
Tornam por mim a chamar.

Queres, pois, que arrependido
Volva a pensar no que é morto,
E que fuja aborrecido
D'onde buscava o conforto ?
Por te amar tudo esqueci :
Palavras que fascinavam,
Olhos que por mim choravam,
Corações a quem perdi !...

E tudo que eu por ti deixo
Pagas-m'o com tal frieza !
Tenho razão se me queixo ;
É justa a minha tristeza.
Se de mim foge o prazer,
Como hei de eu ter alegria ?
Por ti alegre vivia ;
Sem ti desejo morrer.

XIII

Coquette

I

Chamei-te um dia *coquette*
Por ter perdida a razão...
É que nessa hora fatal
Ardia em meu coração
Um fogo que o consumia,
Uma dor que era mortal.
Venho pedir-te perdão !
Sabendo que te offendia,
Sabendo até que mentia,
Com o ciume cruel
Um covarde me fazia !...
Cuidei teu amor perdido,
E, por me vingar, o fel
Da calúnia derramei !

Porém, tão arrependido
Quanto o peccado era negro,
De novo a teus pés voltei.

II

Nem tu sabes, minha vida,
Quanto é feio esse baptismo;
E Deus te livre, querida,
De ser e viver como ellas!
Deus te livre d'esse abismo,
D'esse mundo falso e vão,
Aonde as mulheres bellas
Occultam o coração,
Aonde bem poucas sentem,
E só as feias não mentem!

III

Eu quero inspirar-te horror
Por esse nome fatal,
Menos pelo meu amor,
Do que por teu proprio mal;
Por isso te vou dizer

D'uma *coquette* o viver.
Para não seres como ellas
É que as deves conhecer :

IV

Como a bella e meiga flor,
Sendo das mãos affagada,
Perde o viço, o cheiro, e a cor,
Assim desbota á *coquette*
O perfume do pudor,
Porque a todos diz amor...
Amor que jámais sentira !
Mas de sua alma a maldade
Acha prazer na mentira;
E assim dá pasto á vaidade.

V

A *coquette* é sempre bella,
E tem do encanto 'o segredo ;
Mas a candida donzella
D'essa belleza tem medo.
Não sei que instincto divino

Lhe diz mal d'essa mulher,
Que reina sempre onde quer
Como o braço do destino;
Que recebe um cumprimento
Feito ao chapeo e ao vestido,
Como do amante rendido
O mais terno juramento.
Ambos têm igual valor:
Recebem igual sorriso,
Ensaiado ao toucador.

VI

Não, querida, tu não és
Como esses entes sem alma,
Caçadoras de ternura,
Que sem dó calcam aos pés
Os corações dos incautos
Que lhe entrega a desventura!
Assim se vingam as bellas
Dos que não são neste mundo
Estatuas frias como ellas!
Na terra se derramou
Sua belleza fatal,
Quando Deus precipitou
O tremendo anjo do mal.

Quem as visse nos instantes
Em que vão despir as galas
Com que ha pouco pelas salas
Fascinavam os amantes ;
Quem as visse ao pé do espelho
Ensaiai novos manejos,
Que a novos desventurados
Farão morrer de desejos...
Oh ! se alguera naquella hora
Pudesse a *coquette* ver,—
O seu olhar fulgurante,
O seu riso triumphante,
Fariam estremecer ;
Porque no rosto atrevido
D'essa mulher que seduz,
Por um momento reluz
A altivez do anjo caído !

VII

Naquella hora, a sós comsigo,
Triumphá, e conta os vencidos.
Tantos por ella perdidos...
E não tem um inimigo !
E todos lhe querem bem !...
E sempre sorrindo a todos,

Ella, não ama ninguém !...
Só a si no mundo adora,
Tudo o mais vê com desdem !

VIII

Ai ! Deus te livre, querida,
De tão horrivel viver !
Oh ! com essa alma perdida
Não te queiras parecer !
Sé boa, pura, sincera,
Abrindo o teu coração
Aos sorrisos da paixão,
Como a flor da primavera
Aos raios do sol que a gera ;
Mas *coquette*... oh ! isso não !...

XIV

O Pranto

..... Le lacrime
Son la miglior preghiera.
Niccolini.

Quem é que não viu numa hora
Das muitas que tem a vida,
A mulher a quem se adora
A chorar arrependida ?

Que ella seja criminosa,
Que injusto seja o ciúme,
Vendo-lhe a face chorosa,
Quem solta mais um queixume ?

Não amá quem se não cala
Com receios de offendel-a ;
Fallando o pranto por ella,
Ninguem se atreve a julgal-a.

**Mulher! do choro fizeste
Arma d'horriavel defeza!
Não te bastava a belleza,
Tambem lagrimas quizeste!**

**Ninguem resiste ao encanto
Que o ver-te chorar inspira;
Porém Deus, ao dar-te o pranto,
Mandou á terra a mentira!**

XV

Não ames

Dizem teus olhos amor ;
Amor, a idade florida
Que revela o teu fulgor ;
Logo ao começo da vida,
Amor diz tua innocencia,
Teus sorrisos, teu pudor.

E tu, com teu meigo olhar,
Procuras timidamente
Amor na terra encontrar.
Mas, ó virgem innocente,
Se a paixão dorme em tua alma,
Não a deixes despertar!

Por mim te posso dizer
Que preço tem a ventura
Que o amor faz conhecer ;
Pois com annos de amargura
Tenho comprado no mundo
Cada instante de prazer.

Oh ! não ames, anjo, não !
Afasta de mim teus olhos ;
Fecha-me o teu coração ;
A terra é cheia d'escolhos,
E eu sou, como os outros homens,
Um monstro de ingratição !

Foge d'elles, e de mim !
Não deixes tua belleza
Immolar em vil festim ;
Porque a bruta natureza,
Estranha ao amor dos anjos,
O gozo só tem por fim.

Eu não te quero mentir !
Se foi do ceo que vieste,
Para lá torna a fugir ;
Porque só o amor celeste,
Amor que por Deus é dado,
Tua alma deve sentir.

O sacrificio que eu fiz
Em te dizer a verdade,
Recusando ser feliz,
É porque, na tua idade,
Que não creias na virtude
Ainda o vicio não diz.

Não ames, pois ! é fatal
Toda a paixão que na terra
Fere um peito virginal ;
D'aqui teus olhos desterra,
E procura os teus amores
Na patria celestial.

XVI

Deves amar

Laisse-toi donc aimer! — Oh! l'amour, c'est la vie,
C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie
Quand on voit sa jeunesse au couchant décliner.
Sans lui rien n'est complet, sans lui rien ne rayonne,
La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne.
Laisse-toi couronner!

Victor Hugo.

Quando me vi sem ventura,
E não quiz que tu provasses
Da minha acerba tristura,
Disse-te que não amasses!
Mas bem vês que foi louçura.
Porque amar-te não podia,
Na minha torpe avareza
Tambem ceder não queria
Tantas graças e pureza!

Que maus conselhos te dei !
Porque amor me maltratava,
De amar tambem te afastei.
Vingada estás, bem o vés !
Eu venho agora pedir-te
Que o teu affecto me dês,
Porque não pude fugir-te.
Sem amor viver quizera ;
Porém vi, nessa demencia,
Que é, sem amor, a existencia
Um anno sem primavera.

Sabes que as flores singelas,
Seu aroma dando ao vento,
Comq o fulgor das estrellas
Brilhando no firmamento,
Dizem na terra e nos ceos
Amor aos homens e a Deus?
Pois ama, e serás feliz.
Receias amar ? loucura !
Olha que o tempo te diz
Que a mocidade não dura,
E traz velhice a esperanza
Com promessas de ventura.
Que és tu sem amar ? que queres
Que digam d'essa belleza
Todas as outras mulheres,
A quem manda a natureza

Querer o que tu não queres ?
Não vês que a flor quando nasce
Logo tem aroma e cor,
Que são indícios do amor ?
E que na primeira noite,
Logo depois de nascida,
No ar derrama a fragrancia
Que a outras flores dá vida ?...

Receias não ser amada,
Com essas faces radiantes,
Com olhos tão scintillantes,
Que, mais que todas as flores,
Na terra espalham amores ?!...
Pois eu, que só de te ver,
Só da tua companhia,
Sinto em meu peito accender
Luz que em teus olhos ardia ;
Eu, que á dor succumbiria
Se te chegasse a perder,—
Não te hei de amar ? Desvario !

Quando encontras os meus olhos
Mudâmos ambos de cor :
Eu, por ver como sou louco
Em querer com tanto amor
A quem me quer com tão pouco ;
E tu ?... nasce o teu rubor

•

Da sensação mysteriosa,
Que, levando ao coração
A innocencia da paixão,
Traz ao rosto a cor da rosa ?
O teu silencio que diz ?
Olha que, se não amares,
Nunca podes ser feliz.
Porém, cala-te . . . não falles,
Que o olhar que me seduz
Agora vejo animar-se
D'uma viva e nova luz !
É por mim essa mudança,
Ou tomei como esperança
O que póde ser ainda
O riso d'uma criança ?
Mas a illusão é tão linda !
Antes me quero illudido,
Do que ouvir uma verdade
Que me deixe arrependido ! . . .

Não me digas a verdade,
Que póde ser crueldade.
Deves amar, se não amas ;
Que a paixão é como o dia :
As suas vívidas flammas
Geram no mundo a alegria.
Ama, sim ; deves amar ;
Goza da tua existencia ;

Não deixes em vão murchar
A primeira florescencia.

Cede-me a flor da tua alma ;
Juro não a profanar !
Minh'alma tambem é pura ;
Sem pejo a podes tomar.
Outro amor inda não tive !
Se na minha fantasia
Perpassam outras imagens,
São fugitivas miragens
Que duram menos que um dia ;
Sonhos são. Viver sem elles
Dado ao poeta não é ;
Dos sonhos nasce-lhe a fé,
Por isso dura tão pouco !
E por elle crer em sonhos
É que o mundo o julga louco !
Mas nunca amei ; porque nunca
Outros olhos como os teus
Se encontraram com os meus !

XVII

A Portugal

Das façanhas e glorias passadas
Nem te resta a saudade e o amor?
As conquistas, com sangue regadas,
Nem tu proprio já dás o valor?

Resta ainda, comtudo, a memoria,
Que os desprezos não podem levar,
Dos teus dias brilhantes de gloria,
Para o mundo futuro espantar!

Quando tu derrotavas na guerra
Os Malaios, os Persas, e os Chins,
Ai! então foi teu nome, da terra
Resoar nos remotos confins!

**Mas que importa ? Se o tempo consome
Pergaminhos, grandezas, brasões,
Não deshonre a miseria o teu nome :
Desce á campa ensinando as nações ;**

**Amortalhe-te honrada pobreza ;
Mostra ainda por ultima vez
Que, depois de passada a grandeza,
Cai sem mancha o pendão portuguez !**

XVIII

Perdidos!

Eu nunca te quiz perder ;
Se tu perder-me quizeste,
Meu ser unindo a teu ser,
Dois desgraçados fizeste !
Ai ! nós ambos nos perdemos !...
Mas culpa tu não tiveste !

Se houve culpado fui eu :
Quiz ler no teu pensamento,
Não sabendo ler no meu !
Procurei no teu alento,
Para minh'alma captiva,
Esperança e salvamento...

Mas contigo me perdi !
Cuidava luz d'esperança
A luz que em teus olhos vi,
E não sei, nesta mudança,
Se amar-te foi um inferno,
Se uma bemaventurança.

Quem me póde perdoar
As impiedades que digo,
E o peccado de te amar ?
Fui criminoso contigo ;
Porém, se tentas fugir-me,
Eu, perdido, inda te sigo !

Receias a ira do ceo ?
Olha que, se ambos peccámos,
O mais culpado fui eu !
Ambos do mundo fujaamos,
Que o perdão de Deus teremos
No muito que nos amámos !

XIX

Dever

Bem sei que devo fugir-te,
Que é meu destino perder-te ;
Se não posso possuir-te,
Não devo tornar a ver-te.
Mas como dizer-te adeus
Sem deixar contigo a vida ?
Quando for a despedida
De mim se doam os ceos !

Partir ! levando a lembrança
De que eu só por ti vivia !
Partir ! sem uma esperança
Para voltar algum dia !
E tu deixas-me partir ? !
Mas, se amor por mim sentiras,
Do mundo, de Deus fugiras,
Para o amante seguir !

Oh ! perdão !... isto é demencia,
É saudade, amor, e pena ;
Porque a voz da consciencia
A fugir-te me condemna.
Nunca mais te posso ver,
Nem seguir teus olhos bellos,
Nem teus formosos cabellos,
Nem por ti jámais sofrer !

E tu amavas-me ? é verdade ?
Choras por mim ? isso basta.
Cale-se a voz da saudade,
Que o dever de ti me afasta.
Eu tambem choro por ti !
Eu, que a ventura seguia,
Que á terra e ceos a pedia,
Fugi d'ella quando a vi !

Não posso, nem devo amar-te ;
Mas como apagar a chamma
Que, no instante de deixar-te,
Em vez de morrer, se inflamma ?
Esquecer-te ? oh ! isso não !
O fugir é já bastante...
Para onde eu vá, teu semblante
Ha de ir no meu coração !

E podes tu ser ditosa
Não tornando mais a ver-me?...
Tu, de amar-me descuidosa,
Has de algum dia esquecer-me?
Tuas magoas terão fim,
Tendo tu novos amores?
A cidade, o campo, as flores,
Não te fallarão de mim?

Não soltarás um lamento
Quando os suspiros sentidos,
Que leva o sopro do vento,
Chegarem a teus ouvidos?
Sabendo que são os meus
Não sentirás, doce amiga,
Este dever que me obriga
A dizer-te agora adeus?

Oh! se eu for de ti lembrado,
Volve logo os olhos bellos,
Que me verás a teu lado.
Com a boca em teus cabellos...
Cabellos que amor fadou
Para prender uma vida,
Que esta cruel despedida
Ao dever sacrificou!

Adeus, pois! adeus, querida!
Por te amar sou desgraçado!
Fôra menos dar-te a vida,
Que fugir tendo-te amado.
Levo morto o coração,
Porque o levo sem ventura,
Morto por essa loucura,
Que o mundo chama razão!

Adeus, pois! Se tu pensares
O quanto eu perco em perder-te;
Se algum dia te lembrares
Que jámais posso esquecer-te, —
Lembra-te de quanto eu fiz!
E, se não fores ditosa,
Despreza a razão odiosa,
Vem commigo ser feliz!

XX

A J. J. Tasso

(Em a noite do seu beneficio)

É tua a voz que, dominando as almas,
Commove indifferentes corações ;
Sempre saudada de ferventes palmas,
Quando fallas na scena ás multidões ?!

Que produz a alegria ou a tristura,
Já nuncia do prazer, já do terror,
Umas vezes bramindo de loucura,
Outras, plangente, murmurando amor ?!

Que, revelando o pensamento alheio,
Entes imaginarios faz viver ;
Enche de outras paixões teu mesmo seio,
O teu ser confundindo em outro ser ?!

• Oh filho de Thalia! as tuas palmas
• Não são devidas a venal favor :
Vem espontaneas de milhares d'almas,
Porque Deus te fadou um grande actor !

XXI

Maria

Propter nomen tuum.

**Maria, porque me deixas
Neste viver d'esperança?
De minhas amargas queixas
O teu coração não cansa?
Como hei de esperar ventura
De tanta desesperança!...**

**A ti vòa o meu desejo,
Se te não tenho a meu lado;
E nos meus sonhos te vejo
Como se fôra acordado;
Porém de sonhar contigo
Acordo sempre enganado.**

Tu que me serves de guia,
Minha perdição não queres ;
Se o nome tens de Maria,
Será bom quanto fizeres ;
Pois quem te deu esse nome
Foi bemdita entre as mulheres.

Não dês á Virgem desgosto,
Nem a mim me dês castigo ;
Mostra que o nome é bem posto,
Sendo piedosa commigo ;
Como Deus foi com Maria,
Meu amor será contigo.

Do nosso affecto em tributo
Nascerão viçosas flores ;
E será bemdito o fruto
Que brotar dos teus amores ;
E tu, bem cheia de graça,
Se commigo sempre fores.

Só me basta ver teu riso
Para me encher de alegria ;
Eu creio no paraiso
Com a tua companhia ;
E tambem creio que inferno
É viver sem ti, Maria.

Por teu nome, por tua alma,
Pois que martyr me fizeste,
Do martyrio dá-me a palma,
Se é palma de amor celeste.
Para os ceos te hei de ir seguindo,
Se foi dos ceos que vieste.

Deixa-me viver contigo,
Leva-me aonde quizeres ;
Só tua vontade sigo,
Farei o que me disseres ;
Ou sejas anjo entre os anjos,
Ou Maria entre as mulheres.

XXII

A Rosa

Lembras-te d'aquella rosa
Que ha oito dias me deste ?
Como tinha a cor mimosa !
Como tinha o cheiro agreste!...
Era a imagem do pudor !
Porém eu já presentia
Que o teu amor morreria
Se murchasse aquella flor.

Num vaso de oiro lavrado
Lhe dei da agua mais pura ;
Tive com ella o cuidado
Que merece a formosura.
Não lhe faltou luz, nem ar,
Quando ella empallidecia ;
Mas logo ao terceiro dia
Começou-se a desfolhar !

Dizer que chorei por ella,
Quem é que me acreditava?
Se, perdendo a rosa bella,
Era por ti que eu chorava !...
Durou tanto o teu amor
Como a rosa que me deste ;
Porque de mim te esqueceste
Apenas murchou a flor !

XXIII

Adeus ao Pará

(22 de março de 1846)

I

O dia amanheceu sombrio e triste,
Como o meu coração de muito andava
Receoso do instante da partida.
Quem sabe o que é partir, o quanto amargam
Horas de despedida, o quanto custa
O derradeiro abraço, o adeus extremo,
O longo ultimo adeus, ha de entender-me !
Se o pranto me cair por entre os versos,
Não se espante ninguem ; é doce o pranto,
Filho da gratidão e da saudade,
Da affeição e do amor. Deixando a terra
Aonde me criei, onde dez annos
Hospitaleiros tectos me acolheram,

Ingrato fôra se ao partir-me d'ella
Não vertesse uma lagrima saudosa.

II

São vinte e dois de março. A primavera
Reina perpetua aqui. Ha sempre flores,
Sempre maviosos, namorados cantos,
Sempre verdura e sol, galas eternas
D'esta opulenta e luxuosa terra.
Mas hoje o dia é triste ; entre as mangueiras
Passa gemendo a brisa ; as folhas caem
Do jasmineiro em flor ; e as bananeiras
Rangem d'um modo estranho, quando tocam
Os troncos uns nos outros ; escutando-as,
Eu cuido ouvir as lastimosas queixas
D'almas nellas captivas ! E quem sabe
Se as musas, que lhes deram o seu nome,
As animam tambem ? se ali suspiram
Pelos grandes poetas que passaram,
E, enquanto soltam os doridos carmes,
Fazem, por distracção, o delicioso
Fruto da bananeira ? — Em torno á casa
Onde, apenas por horas, eu resido,
Florescem rosas, e açucenas bravas,
Que embalsamam o ar. Um grosso ailantho,

E dois agigantados eucalyptos
Dão vasta sombra ao copiar immenso,
Por onde eu vago silencioso e triste
Á espera do momento da partida.

III

Partir ! volver á patria, á minha patria !...
Ver outra vez a mãe, a irmã, e a terra
Do berço em que nasci ! Voltar de novo
Aos logares da infancia ! Uma vez inda
Correr por esses campos esmaltados !
Por essas praias, onde o mar braveja,
Saltar sobre os penedos ! Junto aos rios
Ir sentar-me outra vez horas e horas,
Ouvindo os rouxinoes, e as camponezas,
Como elles descantando ao desafio !
Ir beber outra vez na fonte pura
Recordações da infancia, amor, caricias,
Numa terra que é minha, minha ! Acezo
Ver fogo no meu lar ! Dizer contente :
— «É meu tudo isto !» — Adormecer tranquillo
Sentindo a protecção abençoada
Do olhar de minha mãe ! No seu regaço
Descansar a cabeça attenuada,
E reforçar-me co'o materno affecto

Para seguir de novo o meu caminho
No Oceano da vida !...

IV

Dentro em pouco,
A bordo, e ao longe, vogarei contente
Fugindo do desterro... Oh não ! é falso !...
Adoro patria e mãe ; confundo-as ambas
No mesmo amor immenso ; mas não posso
Partir com alegria d'estas praias,
Onde deixo... dez annos de existencia !

V

Foi-me a terra do exilio nova patria,
Embora aqui me devorasse a angustia
De ignota aspiração, a febre anciosa
De vagas esperanças e desejos !
Mas foi aqui, no seio das florestas,
Aspirando os aromas, que embriagam,
D'esses milhões de agigantadas flores,
Contemplando esses rios magestosos,

Ao calor d'este sol que funde as almas
Em poemas de amores delirantes,
Aqui foi que um lampejo d'estes astros
Se encarnou em meu ser, e a luz do estro
Fulgurou em minh'alma, transformando-a!
Quando soaram meus primeiros hymnos,
Acolheu-m'os a selva em seus mysterios,
E, para que elles fossem menos rudes,
Acompanhou-m'os com milhões de vozes
Em côro sem rival! Cantavam aves,
Insectos, plantas, arvores e flores,
Rios, lagos, o sol. Os ceos e a terra
Como que respondiam ao meu canto!

VI

Aqui fui poeta ; uma existencia nova
Começou para mim entre estes bosques,
Berço da minha musa ! Aqui se abriram
Os olhos de minh'alma a nova aurora ;
Aqui novos affectos consolaram
O misero proscripto ; aqui, com ancia
De virgem coração, amei, e amado
Fui tambem como se ama nestas praias,
Sob este ceo de fogo ! E hei de agora
Deixar tudo, e partir ? partir sem magoa,

Sem saudades do irmão que me quer tanto,
E de amigos que como a irmão me querem ?
Não póde ser, bem vêem ! De meus olhos
O pranto corre em fio ! Quiz poupal-os,
Vindo esconder as lagrimas amargas
No copiar deserto ; mas a brisa,
Ouvindo-me gemer, d'entre a folhagem
Me respondeu carpindo ; o ceo turvou-se ;
E o jasmineiro co'o rosal florido
Suspiraram commigo, repetindo :
—«Partir ! partir ! e nunca mais na vida
Volver aqui saudoso a consolar-me !
Nunca mais aspirar estes aromas
Debaixo d'estes ceos ! O adeus extremo
Dar a tudo isto para sempre, e incerto
Se no escuro caminho da existencia
Encontrarei jámais algum amigo
Dos muitos que ora deixo ! o irmão querido
Se outra vez poderei inda na terra
Estreitar em meu peito affectuoso !»—

VII

Sóa o tiro de leva ! Adeus, amigos !
Adeus, meu caro irmão ! Saudade eterna
Levo de todos vós, e, enquanto vivo

Me palpitar o coração no peito,
Hei de amar-vos com impeto estremoso.
Adeus, amigas e hospedeiras praias !
Minha segunda patria, adeus ! eu parto
Contente co'o thesouro que me deste.
Vim inda infante, obedecendo á sorte;
Pedir-te o oiro em troca do trabalho,
Do suor do meu rosto ; condoídas
Da misera criança, as tuas selvas
Concederam-me a lyra, dispensando
Esse rude labor que me matava ;
E ao inspirar-me os primitivos cantos,
Assim me disse em seu murmurio eterno
A voz harmoniosa das florestas :
—«Eu recuso-te o oiro ; não nasceste
Fadado para achal-o ; mas, em paga,
Quiz Deus, e manda-me, entregar-te a lyra ;
Terás o dom divino, e, emquanto vivas,
Por mais que a desventura te persiga,
Por maior dor, por mais intenso luto
Que vejas na tua alma, ou no Universo,
Tu poderás cantar. Vae, e consola-te ;
Viverás mais que os ricos ; e em teus versos
Podem viver tambem todos aquelles
Que tu queiras cantar !»—Brasilia terra,
Por ti meus carmes soarão perpetuos,
Que a voz da gratidão vibra em minh'alma,
E inspira-me a saudade ãmmorredoirã !

VIII

America gentil ! rival da Europa
Tu serás algum dia ! Reclinada
Ainda dormes nos robustos braços
Da tua pura e virgem natureza ;
Tuas selvas immensas e sombrias,
Eriçadas de espinhos penetrantes,
E povoadas de animaes ferozes,
Inda repellem no medonho aspectó
O obreiro do porvir ; mas pouco a pouco
Ha de ir a audacia humana destruindo
A apparencia selvagem que te cerca,
Erguendo do teu solo abençoado
Palacios e cidades ! Os teus rios
Hão de ver com assombro succederem-se
Ás florestas das margens, as florestas
De mastros de navios ! Alguns cedros,
Que o machado poupar para ornamento
Das povoações futuras, solitarios
Ás bordas do Amazonas, sob as copas
Hão de abrigar, talvez, dentro em mil annos
Os velhos restos das nações da Europa !
Raças degeneradas e corruptas,
Que o requinte dos vicios ameaça
De breve e inevitavel decadencia,

**Irão, destroços de fatal naufragio,
Parar ás tuas praias hospedeiras,
Pedir-te asilo, e pão, e força nova !
Os fragmentos de imperios, hoje ricos,
Que o luxo devorou precipitando-os
No abismo da pobreza e da vergonha,
Hão de estender-te as mãos, pedindo auxilio !
Esses que hoje te apodam por selvagem,
Que fallam com desdem da tua infancia,
E zombam dos esforços incessantes
Com que tentas sair da barbaria,
Então, caducos pela idade e o vicio,
Na força juvenil dos teus estados
Hão de apoiar-se humildes ; no teu seio,
Em tuas leis austeras e prudentes,
Virão retemperar as frias crenças !**

.

IX

—«Levanta o ferro !»—o capitão bradára ;
E a maruja, correndo ao cabrestante,
Metteu-lhe as barras, e, virando á pressa,
Com ancia de volver á amada patria,
Foi alando e cantando alegremente.
Eu só, no emtanto, á pôpa do navio,.

Crebros suspiros para a praia enviava
No repetido adeus. Procella immensa
la em meu coração, e o pranto em chuva
Dos olhos me caía ! — «Adeus !» — Acaso
Já traduziu alguém todas as magoas,
Toda a doçura e fel d'esta palavra,
Tão suave e tão doce na pronuncia,
Tão dolorosa para as almas ternas ?
Quem já teve uma vez os seios d'alma
Rasgados pelo espinho da saudade,
Desculpe-me estas lagrimas. Felizes
Os que nunca dos que amam se apartaram !

X

Já por entre a confusa vozeria
Da marinhagem, que ancoras suspende,
Ao som de seu alegre e rude canto,
O meu ultimo adeus sumido expira !
— «Salta arriba ! Desferra ! larga gaveas !» —
E a marinhagem pela enxarcia corre,
Vôa de lais a lais largando o pano,
E o navio, coberto num momento
Com suas velas brancas, principia
A mover-se no liquido elemento.
— «Ala os braços de gaveas a bombordo !

Ala joanetes ! caça a vela grande !
Caça ! volta ! »—O navio, electrizado
Co'a voz do commandante, e co'a manobra,
A sotavento cai, seguindo ávante.
O mar em flor na prôa lhe rebenta ;
Rolos espumeos d'um e d'outro lado,
Partidos pela quilha, vão unir-se
Na prateada esteira. É bello o brigue
Com suas niveas azas estendidas
Como as de ave marinha sobre as ondas !

XI

A cidade sumiu-se no horisonte !
A praia, as selvas, tudo vai fugindo !
Já mal se avista a c'roa de verdura
Das mais altas florestas ; e a distancia
Já com o azul dos ceos confunde a terra !
Parou-me o coração dentro do peito . . .
Co'os olhos fitos na arredada plaga
Nem respiro sequer ! Não oiço as vagas
Que me alagam quebrando despeitadas
Na borda onde me encosto ! Os companheiros
Encaram-me pasmados. E eu só vejo,
Lá muito ao longe, a nuvem azulada
Que adelgado veo se vai tornando,

**E se desfaz por fim! Um grito agudo
Soltou meu coração nesse momento,
E não vi nada mais! Achava-me orfão
D'uma segunda mãe!... E choro-a ainda!...**

XXIV

Quando eu te vi

Não te lembras ? era noite,
Noite escura como agora,
Nessa abençoada hora
Em que te vi e te amei.
Era noite. Eu só, e triste,
Quando á tristeza fugia,
Busquei d'um baile a folia,
E nella me embriaguei.

Mas durou pouco o delirio ;
De mim mesmo aborrecido,
Como á dor tinha fugido
Tambem do prazer fugi ;
Em breve o ruido das danças
Meu coração esmagava ;
Já não ria, não dançava,
Já nem respirava ali !

Então corri ao theatro ;
Sentia em mim a loucura !
Fosse qual fosse a ventura,
Era preciso gozar.
Gozar !... enganar a alma,
Que, morrendo ao desalento,
Trasbordava sentimento
Por não ter a quem amar !

Entrei. O prazer e o riso
Novamente me cercaram ;
Mas também me repulsaram
Porque não era dos seus.
Fugi-lhes ! e foi nessa hora
Que vi teu rosto divino.
Seria acaso, ou destino,
Ou providencia de Deus ?

Não sei. Mas quando meus olhos
Em teus olhos se fitaram,
Nossos rostos se voltaram,
Para volver outra vez ;
Encontravam-se de novo,
E de novo se fugiam...
Mas a buscar-se volviam
Com doçura e timidez !

Nada já me aborrecia ;
O ruído não me assustava ;
Já nem o riso evitava,
Nem tinha medo ao prazer ;
Nascia em mim outra vida !
Como nunca tinha amado,
Que me importava o passado,
Se eu começava a viver ?

E já teus languidos olhos
Os meus olhos entendiam !
Ainda amor não diziam,
Que lh'o vedava o pudor ;
Mas um raio d'esperança,
Que nelles me apparecia,
Em minh'alma se embebia
Como promessa d'amor.

Lembras-te que era de noite,
Noite escura como agora ?
Lembras-te do sitio e hora
Em que te vi e te amei ?
Pois d'essa noite a memoria
Não deve ser esquecida ;
Conserva-a por mim, querida,
Como eu por ti a guardei.

XXV

Meditação

A luz que brilha no Universo immenso,
Impedindo que reine a escuridão,
Depois de ter servido ao ceo de incenso,
Vem fecundar na terra a criação.

Seguem as turbas do progresso o rumo,
Lidando e caminhando sem parar;
E como a nuvem de ligeiro fumo
Que o vento perde nas regiões do ar,

Passam as gerações cento após cento!
Onde vão ellas? Quem o diz? Ninguém.
Como se apaga o sol no firmamento,
Se apaga a vida que brilhou tambem;

Desapparece como a luz no espaço,
E nem sempre após si deixa fulgor;
Nem sempre no caminho deixa um traço
Da força omnipotente do Senhor.

E a um poder occulto, immenso, e forte,
Cedem imperios, curvam-se nações;
E vão, sem murmurar, da vida á morte,
Do passado apagando as tradições.

Astros e flores, tudo inclina a frente,
Cumprindo do Senhor as sábias leis.
Por todo o longo espaço do horisonte
Só Elle impera como Rei dos reis.

Vergando a face para o chão fecundo,
Onde a vida resurge d'entre o pó,
Eu te adoro, ó Senhor, ó Rei do mundo,
Porque em meu coração reinas tu só.

Renegando da vida desvairada,
Das grandezas da terra que sonhei,
Da minha mocidade esperdiçada
Choro as rosas, que louco desfolhei!

Mas, ai! choro tambem pela esperança,
Que então vinha meus dias alegrar!
Pelos sonhos, e crenças, e a lembrança
Dos tempos que não tornam a voltar!

**Oh saudade! saudade! eu a ti venho,
Por ver a Deus na eterna solidão!
É a Elle peço que me guie o lenho
Das praias do naufragio á redempção.**

XXVI

O Marinheiro

—«Para adormecer num rio
Junto aos pés d'uma cidade,
Não foi feito o meu navio,
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras ! desferra !
Larga ! larga ! deixa a terra !
Iça longo, e sem parar !
Fóra sobres e cutelos !
Uma talha aos endrevellos !
Ancora toda a beijar !

Larga essas velas de prôa !
Gavea grande ! todo o pano !

Meu navio é uma c'roa
Sobre a frente do Oceano.
Eu sou rei, aqui domino !
A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento forte,
Seguindo sempre meu norte,
Que me importa o meu paiz ?

Onde nasci ?... não o digo,
Porque não o sei ao certo.
Quando busquei um amigo
Achei o mundo deserto...
Só tive contentamento
Quando ouvi a voz do vento
Nas gaveas a sibilar ;
Quando, sem medo ao perigo,
Tive as nuvens por abrigo,
E por companheiro o mar.

Pezava-me ouvir as pragas
Dos meus rudes marinheiros ;
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta
Vinha a onda turbulenta

Quebrar dentro do convez,
Eu pasmado a contemplava ;
E a vista se me enlevava
No abismo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabelo na frente,
Eu mais ousado corria
Para a linha do horizonte.
Sempre de pé na coberta,
Sobre a abobada deserta
Adivinhava o tufão ;
D'olhos no tope dos mastros,
Aprendi a ler nos astros
A vinda do furacão.

Assim fui homem, primeiro
Que de homem tivera a idade !
A escola do marinheiro,
É lutar co'a tempestade.
Ó do leme ! contro ! arriba !
Folga a bujarrona e giba !
Olha as bolinas de ré !
Caça a draiva e o traquete !
Ala velacho e joanete !
Vá de longo ! bate o pé !

Temos vento lesnordeste;
Já vai o Cabo dobrado.
Põe o rumo ao sudoeste!
Aguenta o leme! cuidado!
Passa talha na retranca!
Olha a escota! volta franca!
Arreia mais... devagar...
Volta! volta!... Sete e meia:
O vento não escaceia;
Corre assim, que é bom andar.

Meu paiz é nestes mares;
Meus campos, estes banzeiros;
Este navio, meus lares;
Minha familia, os pampeiros!
Diz-me a voz do cataclismo
Que dormirei neste abismo
Aos ecos do temporal,
Envolvido nestas velas,
Como o anjo das procellas
Quando incita o vendaval.

Com furia o mar se alevanta,
E, ás nuvens cusbindo a vaga,
Pela tremenda garganta,
O lais das vergas alaga!

O espaço todo se abala,
Se o trovão rugindo estala,
E o raio lança dos ceos!
Mas o navio não treme,
Que a minha mão vai no leme,
E sobre ella a mão de Deus.

Corre, meu fino veleiro,
Até que no ceo se apague
A estrella do marinheiro;
Depois, que a onda te esmague;
Que venha atravez do espaço
Do Senhor o occulto braço
Tuas pranchas deslocar;
Tu és da terra inimigo,
Por isso virás commigo
Dormir no fundo do mar !—

XXVII

O Diabo

Em nome do Padre e Filho,
E do Espirito tambem !
Que em sua graça nos tenham
Para todo o sempre, amém !

Antes de fallar no demo
Deve-se a gente benzer,
Que o velhaco arde em desejos
De nos tentar e perder.

Eu tenho-lhe tanto medo,
Que me sinto arripiar.
Se querem saber a causa,
Um conto lhes vou contar :

Havia uma vez um conde,
Senhor de rico solar,
Casado com a condessa,
Formosa Dona Guiomar.

Uma noite muito negra
Começa o conde a sonhar
Que ao seu pagem favorito
A condessa ia abraçar.

Acorda muito zangado ;
Entra no caso a pensar ;
Chama o diabo tres vezes ;
Torna a dormir, e a sonhar.

Apparece-lhe o demonio,
Começa a rir e saltar,
Fazendo taes diabruras,
Que o conde poz-se a gritar.

Vereis agora o bonito !
Era o diabo a fallar :
— «Cala-te lá, meu pateta !
Pois não te queres vingar ?

Por tres vezes me chamaste ;
Eu venho por te ajudar ;
Outro fosse eu que faltasse,
Ou te obrigasse a esperar.

Bem vês que sou bom diabo...
Mas vamos negociar :
Serão meus teu corpo e alma,
Se a condessa te enganar ?»—

—«Voto a todos os diabos !
— Exclama o conde a sonhar —
Que, se o pagem for com ella,
Duas almas te hei de dar.»—

O demonio, de contente,
Ali se poz a dançar ;
E co'a pontinha do rabo
Fez o conde despertar.

Vai-se ao quarto da condessa,
Parece-lhe ouvir fallar...
Chega enfurecido ao leito...
E mata Dona Guiomar !

Ouviu uma gargalhada,
Como o demo as sabe dar ;
Tinha morto uma innocente,
No inferno o irá pagar !

Um homem com pés de cabra,
Com um rabo a rabear,
Armado com dois chavelhos,
Põe-se ao pé d'elle a bufar !

O conde, muito assustado,
Nem se benzeu, nem rezou...
Pum! O ar cheira a chamusco
Onde o meu conto acabou.

XXVIII

A Borboleta

I

Que vida, que linda vida,
Que a borboleta não tem !
Vive no gozo embebida
Sem ter amor a ninguém ;
Ella zomba dos amores :
Depois de os pedir ás flores,
Foge d'ellas com desdem !

Borboleta, se quizesse,
Ao meu mal darias fim :
Bastava só que me desses
O teu genio para mim.
Tão pequenina, e tão forte !...

E ter eu tão triste sorte,
Que não possa ser assim !

Vais de flor em flor voando;
A tua vida é gozar ;
D'esta naquella pousando,
Novo prazer vais achar !
Florinha que ha pouco amaste,
Por outra e outra a deixaste,
Sem saudades, sem pezar !

Não sabes, bella inconstante,
Qual é do ciume a dor !
Só num momento és amante
Da mais terna e linda flor !
Não sabes ? tenho-te inveja,
E doe-me que assim não seja
Inconstante o meu amor.

Para ti, o gozo é tudo ;
A mim prendem-me as paixões ;
Queres servir-me d'estudo
Para eu não ter affeições ?
Queres ?... Então goza, goza,
Mostra-te bem desdenhosa,
Que eu vou tomando lições !

II

Borboleta, estou cansado ;
Fui ao prado,
Fui ao prado por te ver ;
Quiz seguir o teu destino,
Que divino
Julguei ser.

Venci meu fado, venci-o ;
Persegui-o,
Persegui-o até cansar ;
Como várias nas flores,
Quero amores
Variar.

Borboleta, o gozo é tudo ;
Fiz estudo,
Fiz estudo e aprendi ;
Deus te pague pelo ensino !
O destino
Já venci !

Dês que tu me appareceste,
Me disseste,

Me disseste o que é viver,
Costumei-me á esquivança,
Não me cansa
O prazer !

Como tu tens muitas flores,
Tenho amores,
Tenho amores como os teus ;
Se elles te correm ligeiros,
Passageiros
São os meus.

III

Como é bella a liberdade,
E voar de flor em flor,
Após o amor !

Como é bom não ter ciumes,
E os prazeres variar,
Sempre a gozar !

Como é doce amar a muitas,
E sempre andar a correr,
Para escolher !

Grande mestra, ó borboleta,
És tu na escola do amor,
Correndo de flor em flor !
É feliz quem te imitar,
Quem puder passar a vida
A mudar sempre de amante,
Gozar uma em cada instante,
E deixal-a sem pezar !

XXIX

O Funeral e a Pomba

(Paraphrase d'outra do sr. João de Lemos)

I

Quem ergue a voz nos arraiaes contrarios?
O canhão inimigo já não trôa,
Despedindo ao clarão da chamma ignifera
Horridas balas!

Atravez das fileiras lá se mostra
Pasmado e triste o artilheiro ocioso;
E, em vez de solta aos ventos, a bândeira
Lugubre desce!

Que vai além nos arraiaes contrarios?
Tambem lugubrememente dobram sinos,
E o tambor, despedindo accentos roucos,
Sente-se ao longe!

E nós, cobertos de funereos crepes,
Acompanhámos com silencio fundo
Os despojos reaes, e em torno as tochas
Tremulas fulgem !

Quem ergue a voz nos arraiaes contrarios ?
Vão cobertas de luto as nossas alas.
Porque trajam de lá, tambem afflictos,
Funebres pompas ?

De cá perdemos mãe, rainha... tudo !
Vassallos, filhos, com a dor se prostram !
De lá, seus inimigos, porque gemem
Canticos tristes ?

Que voz se ergueu nos arraiaes contrarios ?
Acaso o tempo, com a mão sinistra,
Do seu livro de fé rasgou um nome,
Symbolo caro ?

São os nossos irmãos ! Vede-os agora
A dor mostrando nos chorosos vultos :
Co'a nossa perda morre-lhes nos olhos
Fulgido brilho !

II

Inimigos ha vinte annos,
Vossos brios mais que humanos
Santificam vossa fé;
Respeitâmos-vos de pé!
Doeram-vos nossas magoas,
E do vosso pranto as aguas
Banham nosso coração!
Chorae, chorae d'esse lado,
Que se ennobrece o soldado
Que não nega seu irmão!

Porque andâmos nós em guerra?
Nascidos na mesma terra,
Não nos guia a mesma luz!
Finde a guerra junto á cruz!
Quem com seus irmãos pranteia,
Não póde ter causa alheia;
Contrarios, perdão igual!
Nenhum lado se envilece!
Nós fazemos esta prece
Num recinto sepulcral,

Aonde a melancolia
Nestas horas de agonia
Não vê ninguém descortez !
Tudo aqui é portuguez :
A dor que estala nos peitos,
O pranto em olhos affeitos
A occultar o sofrer . . .
Todos aqui vem das eras
D'aquellas crenças sinceras
D'antes quebrar que torcer!

Todos nascemos soldados,
E, pela dor consternados,
Orâmos co'a mesma fé !
Eia, pois ! todos de pé !
E sob uma só bandeira,
Da nossa paz companheira,
Nos esqueça a proscipção,
Dos odios se acabe o grito !
Vinde, amigos do proscripto !
Cessae de gemer em vão !

Não renegais vossas dores,
Já não desbotam as cores
Que têm vinte annos por si ;
Mas podem unir-se aqui !
União, por Deus sagrada,
É dever da crença herdada,

E ha de por fim triumphar.
Teve o throno o seu calvario ;
Repasse o pranto o sudario
Que ha de a todos consolar.

Sendo de partido opposto,
Banhastes o nobre rosto
Co'o pranto que a magoa dá ;
Elle afoga-nos de cá !
Do luto da monarchia
Prantear o infausto dia
É de todos nobre lei ;
Choremos, pois, a rainha :
Foi do vosso rei sobrinha,
E era mãe do nosso rei !

III

E todos que a vêem sem vida,
Choram a planta viçosa
Morta em flor ;
E a flor, co'o vento pendida,
A dois reis, por mãe e esposa,
Deixa a dor !

Aos inimigos não basta
Ver os orfãos sem ventura
 Co' este mal ?
Mal que doéra a madrasta,
Quanto mais á magoa pura
 Filial ?

Vede-o como vai sem fausto,
Esse corpo que da alma
 Enviuvou !
Enviuvou já quando, exausto,
Do martyrio a triste palma
 Desfolhou !

E todos que a vêem sem vida,
Choram a planta viçosa
 Morta em flor ;
E a flor, co'o vento peñidida,
A dois reis, por mãe e esposa,
 Deixa a dor !

Oh ! se orando aqui por ella,
Nossa união renascesse
 Ante Deus !
Tornariamos a vel-a
Pelo bem que nos fizesse
 Lá dos ceos !

Todos culpas e erros temos;
Fomos todos desterrados
D'esta mãe,
Mãe-patria. Pois não seremos
Neste voto acompanhados
Cá também ?

E todos que a vêem sem vida,
Choram a planta viçosa
Morta em flor ;
E a flor, co'o vento pendida,
A dois reis, por mãe e esposa,
Deixa a dor !

IV

Quando passava o prestito no arco
Do sacro templo que a piedade ergueu,
Fulgido lume brilha num dos coches,
Nesse em que a morte descerrára o veo !

Sobe o vapor da etherea chamma ao alto,
E, condensado nas regiões do ar,
D'entre elle surge, mysteriosa, uma ave
Que os olhos miram sem poder cansar.

E logo ao carro da coroa vê-se
Que a meiga pomba sem temor voou!
Seria espirito que vinha agora
Ver inda a terra aonde já pousou ?

Paz no futuro presagiando á c'roa,
Seria uma alma que ali vinha assim,
A abençoar do alto d'esse carro
Todo o seu povo reunido emfim ?!

Certo, era um anjo que descia ao povo,
E vinha unil-o por favor do ceo ;
Porque surgia nos portaes da egreja,
Do sacro templo que a piedade ergueu !

Triste d'aquelle que do fundo d'alma
Estes avisos do Senhor não vê !
Que não decifra no celeste livro
Este milagre que a fé viva lê !

Ou alma, ou pomba, como luz d'esp'ranças,
Fulgiu na c'roa que passava ali ;
Que do ceo veiu juram-n'ó mil bocas ;
Que ao ceo voára dizem todos : — « Vi. » —

E da discordia, arrependida e triste,
Como um só homem, a nação gemeu ;
E a voz da egreja, no lutuoso canto,
Apaga os odios que o passado ergueu.

V

Quebraram-se as armas, e, unidos na prece,
Da guerra fugimos ao duro fragor !
Irmãos, o passado na loisa se esquece!
Não quer inimigos a lei do Senhor !

Irmãos ! esse corpo da morte colhido,
Que agora da campa repousa na paz,
Penhor de concordia, por Deus escolhido,
Ainda na morte esperança nos traz ;

Que a mystica pomba não era sybilla,
Mas antes seguro, divino signal !
Da mãe era a alma, que vinha tranquilla
Na c'roa do filho saudar Portugal !

Foi anjo que veiu nos campos tão varios,
Por Deus enviado, estas pazes fazer ;
Que a pomba descia dos altos sacrarios,
Que os olhos do mundo não podem romper.

Se a c'roa é do reino, sabia-o a pomba ;
Porém d'estes reinos é filho tambem
O rei, que ajoelha na loisa que tomba,
De todos amado, sem odio a ninguem.

Quebremos as armas, e, unidos na prece,
Da guerra fuçamos ao duro fragor !
Irmãos, o passado na loisa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor !

XXX

Os Amores do Poeta

Dizem todos que os poetas
Não fallam senão d'amor !
Mas que admira ? Acaso a flor
Será tambem inconstante
Dando a todos o perfume
Que lhe dera o Criador ?
Do sol o brilho radiante,
Da estrella o candido lume,
Que ceos e terra alumiam,
Tambem de amor desvariam ?

Para amar nasceu o poeta ;
Sim, falla a todos d'amor,
Porque ha no seu coração
O eterno germen da flor

Que faz nascer a paixão :
O sentimento do bello
E o fogo da aspiração.
Tambem Deus, que é um sómente,
Ama toda a criação.
Feito por Deus, como Deus
O poeta adora a todos,
E a tudo, da terra aos ceos !

XXXI

Medicina de Deus

Tudo sem ti é tristeza,
Tudo sem ti me aborrece;
Erma a terra me parece,
Não tem vida a natureza!

Por isso, mesmo doente,
Venho aqui para te ver;
Pois antes quero morrer,
Que de ti viver ausente.

Ao ver-te, logo adormece
A furia da minha dor;
Mas longe do teu amor
Sempre a minh'alma padece.

**Deixa-me pois a teu lado
O meu remedio buscar :
Basta-me ouvir-te fallar
Para logo ser curado ;**

**Basta-me ver-te, querida ;
Pois na luz dos olhos teus
Achei sempre amor e vida,
A medicina de Deus.**

XXXII

Porque choras ?

Quem te fez mal ? porque choras ?
Como soluças ! que magoa !
Que dor é essa tão forte
Que te inunda os olhos d'agua ?
Vem desabafar commigo ;
A causa do teu pezar
Derrama num seio amigo.
Custa-me ver-te chorar,
Apesar de haver no pranto
Da mulher, a quem se adora, !
Indicios de que a ternura
Em seus olhos tambem chora.

Que tens tu ? pretende alguém
Afastar-te de meu lado ?

Não ha na terra ninguem
Que tal se atreva a fazer !
Mas se houver... onde tu fores,
Lá comtigo irei viver !
Porque choras ? Não receias
De certo perder-me, não ?
Nem de mim te aborreceste ?
Nem te aborrece a paixão ?
Saudades tens ? ou desejos ?
Mas porque choras então ?

Dize a razão porque choras,
Que não te has de arrepender ;
Eu tambem fui desgraçado,
Por isso te hei de entender.
Soluças mais ? Desafoga,
Dize o terrivel pezar
Que assim te faz soluçar.
Ciumes ! de mim ? oh ! louca...
Volve á razão que perdeste,
E chora com mais razão
Pelo pranto que verteste,
Fazendo tal injustiça
Ao meu pobre coração,
Que ainda não conheceste.

Ciumes de mim ! Não chores...
E mais agora o teu pranto,

Depois que lhe sei a causa,
Tem para mim outro encanto ;
Mas não importa ; não chores,
Que, por mais suave e doce
Que me seja o ver-te assim
A chorar d'amor por mim,
Sempre é chorar ! e não quero
Que por fim tu me aborreças :
Desejo só que não chores,
E... que melhor me conheças.

Enxuga os olhos, querida ;
Olha que, sem confiança,
Não ha socego na vida,
Nem ha na vida esperança.
Espera, pois, e confia,
Que nunca verás mudança
Em quem mais amor te dera
Se mais coração tivera,
Ou se neste, onde tu vives,
Maior affecto coubera.

XXXIII

A uma Menina

Oh! quem pudera viver
Como tu vives, criança!
Quem se pudera deter
Nessa idade florescente,
Sem nunca sentir mudança,
Nem jámais envelhecer!

Ai, querida! folga, e ri!
Goza da quadra florida,
Que eu tive, e não conheci!
Quando as flores da esperança
Te engrinaldarem a vida,
Tu verás quanto eu sofri!

Verás se é duro esperar
Que se torne em realidade
O que amor nos faz sonhar !
Da mais sublime poesia
Passar á simples verdade,
E em triste prosa acordar !

Só quando teu coração,
Na magoa retemperado,
Por cada desillusão
Tiver a força, a inergia,
Para zombar do passado
Á vista da multidão,—

Só então podes saber
Que preço tem a existencia !
Mas, antes de o conhecer,
Vive alegre, e sem cuidados ;
Que depois fôra demencia
Aspirar a igual prazer.

XXXIV

A Castellã de Avelomar

I

— «Debalde sobre as ameias
Das torres do meu solar,
Olho as montanhas e os valles,
E os campos da beira-mar !

Ainda o sol com seus raios
Não doira os cimos dos montes,
E já meus olhos cansados
Se cravam nos horisontes.

Passa o astro fulgurante
Fazendo o giro do mundo,
E eu sempre aqui, até vel-o
Sumir-se no mar profundo !

Muitas vezes do meu leito
Me levanto a horas mortas,
Tomando o ruído do vento
Por gente que bate ás portas ;

Cuido ouvir por alta noite
A trompa soando além ;
Corro á ponte apressurada,
Olho, e não vejo ninguém !

E faz ámanhã quatro annos
Que o meu amado partiu ;
Que esta mão cobriu de beijos
Quando a espada lhe cingiu !

— Oh ! Leonor ! Leonor ! — me disse —
Sê fiel, querida amante !
Que eu pela cruz d'esta espada
Te juro serei constante.

Pela minh'alma te juro,
E juro-o á face do ceo,
Que, morto ou vivo, querida,
Meu corpo será só teu. —

Tapei-lhe a boca com beijos ;
Jurei-lhe quanto elle quiz ;
E, apertando-o nos meus braços,
Fui por instantes feliz.

**Ai! quatro annos são passados
Sem meu amante voltar!
Malditos sejam os moiros
Que m'ò fazem demorar!**

**Tenho os meus olhos cansados
De tanto os fitar em vão!
Ai! se o meu amado é morto,
Triste do meu coração!**—

II

**Assim, com saudosas queixas,
Carpia Dona Leonor,
Lançando dos altos muros
Seus olhos em derredor.**

**Eis que ao longe, á redea solta,
Vê pela encosta do outeiro,
Na direcção do castello
Vir correndo um cavalleiro!**

**Verdes armas traz vestidas;
Todo branco é seu ginete;
Traz um falcão de azas d'oiro
Por timbre no capacete.**

— «Não é elle! oh! não! meus olhos
Não me haviam de enganar!
Não é branco o seu cavallo,
Nem suas cores verde-mar.

Eram azues as suas armas,
Tomou-as por meu amor:
Em toda a sua armadura
Quiz dos meus olhos a cor.

Ao seu elmo azul-celeste
Poz por cimeira um dragão;
E um ramo de madresilva
No escudo, por meu brasão.

Seu cavallo é baio-corso,
Das raças da barbaria;
Nobre animal! se fosse elle
De longe relincharia.»—

III

• Junto á ponte levadiça
O cavalleiro parou,
E a busina por tres vezes
O eco ao longe acordou.

Corre a dama em sobresalto
Pensando em Jerusalem:
—«Ide, pagens e escudeiros,
Perguntar-lhe d'onde vem.

Perguntae-lhe, antes de tudo,
Se é cavalleiro da fé;
Depois diga o que pretende,
Sua mensagem qual é.»—

Vão-se pagens e escudeiros;
E Leonor, anciosa espera
No jardim, onde, entre flores,
Lhe sorri a primavera.

Passados breves minutos
Volve um pagem a bradar:
—«Senhora, senhora minha,
É christão, quer-vos fallar!»—

E, após o pagem, caminha
Vagaroso o cavalleiro:
Traz a viseira calada,
Seu porte é nobre e guerreiro.

A dama, de perturbada,
Poude apenas murmurar:
— «Se vindes da Palestina,
Sois bemvindo ao meu solar.»—

— «Senhora, — com voz pausada,
Voz que a fez estremecer —
Da Palestina, é verdade,
Venho a cumprir um dever.» —

— «Cavalleiro, por piedade
Dizei depressa, dizei !
Vossa voz vibra em minh'alma,
Do elmo a viseira erguei !» —

— «Não posso mostrar meu rosto ;
Senhora, é voto que fiz,
Quando tomei a mensagem
D'um cavalleiro infeliz.

Dom Rodrigo amou-vos sempre,
É, no instante derradeiro...» —

— «Morto ? É morto o terno amante ?!
É morto o meu cavalleiro ? !» —

— «Morreu da morte dos bravos,
Como poucos vi morrer...
Um contra cem sarracenos,
Era impossivel vencer !

• Mas Dom Rodrigo, senhora,
Gritando: — *Deus e Leonor !* —
Ergueu trincheiras de mortos,
E foi por fim vencedor !

Tinha porém tantos golpes,
E tanto sangue perdía,
Que, antes do fim da batalha,
Nos meus braços se morria.

O ramo da madresilva
Que elle tinha por brasão,
Jurei trazel-o, senhora,
E ponho-o na vossa mão.

Vem tinto no amado sangue;
Dom Rodrigo o quiz assim.
Cumpri o voto do amigo;
Nada mais quereis de mim? —

IV

A dama, pallida e fria,
Num banco se recostára,
Não ouvindo o mensageiro,
Que longo tempo fallára.

O ramo de folhas d'aço
Com flores d'ouro a nascer,
O ramo que lhe foi dado,
Tinha-o na mão, sem o ver!

— «Morto ! E eu ? eu, sem ventura !» —
A pobre alfim murmurou ;
E ao calado mensageiro
Os olhos levantou.

—«A voz d'este imita a d'elle
— Pensou, fallando comsigo —
Elle morreu-lhe nos braços...
Oh ! quanto invejo este amigo !

Como o detesto ! e a viseira
Sempre no rosto caída !...
Talvez meu pranto o commova,
Por isso a não quer erguida.

Oh ! Se é por terna piedade,
Se eu lhe inspiro compaixão,
Deus lh'o pague ! O ver seu rosto
Dar-me-hia consolação.»—

—«Senhora, adeus.»—

—«Cavalleiro,

Bemvindo sois ! descansae ;
Fallae-me de Dom Rodrigo,
E a viseira levantae.»—

—«Foi jura que fiz, senhora,
Não me obrigueis a quebral-a ;

Só em S. Pedro de Rates
É que posso alevantal-a.»—

—«Ai! pobre de mim, coitada,
Que a ninguem inspiro dó!
Que me importa agora a vida,
A vida tão erma e só?»—

—«Sois moça e gentil, senhora,
Novo amor encontrareis.»—

—«E vós quem sois, cavalleiro,
Que tanto o rosto escondeis?»—

—«Sou moço, e dizem que bello;
Os meus olhos negros são;
Tenho formosos cabellos,
Negros... da cor da traição.»—

—«É de certo alguma dama
Quem taes gabos faz de si;
Quem vem de rosto coberto
Trazer-me a desgraça aqui?»

Mensageiro de más novas,
Sois livre, podeis partir;
É natural dos covardes
Ferir na sombra, e fugir!»—

V

Proferindo estas palavras,
A dama se alevantou ;
E com gesto altivo e fero
Para a porta lhe apontou.

— «Senhora, quebrado é o voto
Perante essa injuria atroz !
Ai de nós ambos, senhora !
Leonor, Leonor, ai de vós !»—

Assim disse, e, dando um passo,
Descalçára o ferreo guante,
E presto a viseira erguendo
Mostrava o nobre semblante.

A dama, vendo-lhe o rosto,
Solta um grito de terror ;
E as vivas rosas da face
Da neve tomam a cor.

— «Vedes meu rosto, senhora ?
Á força o quizestes ver ;
Tornei-me vil e perjuro
Para vos obedecer.»—

—«Sua voz, seu rosto, seus olhos,
Só os seus cabellos não !
Certo não sois Dom Rodrigo ?»—
— «Senhora, fui seu irmão !

Todos me cuidavam morto...
Mas num dia de batalha
Eu pude quebrar os ferros
Que eram a minha mortalha ;

E nos campos dos cruzados
Fui meu irmão encontrar ;
Porém logo após tres dias
Vi Dom Rodrigo expirar !

Jurei-lhe por minha honra,
Na sua hora derradeira,
Que esse ramo vos traria
Sem erguer minha viseira.

Eis suas ultimas palavras :
— Nós somos tão parecidos,
Que bastava ver-te o rosto
Para prender-lhe os sentidos.

E se após a minha morte
Lhe vier nova paixão,
Não sejas tu, meu amigo ;
Respeita as cinzas do irmão.

Aqui tens o seu retrato,
Has de enterral-o commigo ;
Não o mires muitas vezes,
Demora-o pouco contigo.

E quando a vires a ella,
Quando fores a seus pés,
Dá-lhe a mensagem, e parte,
Sem lhe dizeres quem és.

Ha perigo em ver-lhe os olhos,
E ouvir-lhe o doce fallar ;
Oh ! se tu me atraçoasses,
Talvez me eu fosse vingar !

Talvez ! Quem sabe se os mortos
Podem ao mundo volver ?
Se andam por nossos caminhos,
Sem nós os podermos ver ?

Se podem, rompendo as campas,
Vir punir a ingratição ?...
Oh ! não faças a experiencia ;
Não faças, querido irmão !—

Eu jurei cumprir meu voto ;
Jurei não amar Leonor ;
E elle finou-se contente
Nos braços do irmão traidor !

Eis aqui vosso retrato ;
Menti á jura que fiz ;
Não pude entregal-o á terra
No peito do irmão feliz.

Captivo fiquei da imagem ;
Mais escravo agora sou ;
Quiz fugir, mas o destino
Que ficasse me ordenou.

Quizestes ver o meu rosto,
Parece o de meu irmão ;
Eu ousou amar-vos como elle,
E não vos peço perdão,
Pois vós inspirais, senhora,
Amores de perdição.»—

VI

Leonor ouvia em silencio ;
Mas no seu formoso rosto
Mostrava que a narrativa
Lhe dava tristeza e gosto.

O pranto e o riso nos olhos
Vão, cada um por sua vez,

Mostrar a perda do amante,
E o consolo da viuvez.

Resigna-se ao seu destino ;
Não póde mudar a sorte.
Além d'isso o amor mais terno
Nunca passa além da morte.

—«Tive eu acaso desejos
De romper a fé jurada ?
A morte, que me fez livre,
Prohibe-me o ser amada ?

Se o irmão de Dom Rodrigo
Me puder tornar feliz,
Quem de mim ha de queixar-se ?
Não foi Deus que assim o quiz ?»—

Taes eram seus pensamentos,
Que é sempre assim a mulher :
Tudo quanto ella deseja
Diz sempre que Deus o quer !

VII

Oh ! que festas, que alegrias
No paço de Avelomar !

Franca a ponte, e as portas todas
Abertas de par em par!

Convidam-se os habitantes
D'uma legua em derredor;
Comida e bebida a todos
A fartar, seja a quem for.

E danças, cantos, e trovas
Nas salas e nos jardins;
Sobre a relva e os tapetes,
Por toda a parte festins!

De Leonor e de Ramiro
Celebram-se os esponsaes;
Ninguém pensa em Dom Rodrigo,
Que os mortos não voltam mais.

Oito dias são passados
Que Dom Ramiro é chegado;
Oito dias! e após elles,
Dia de festa e noivado!

Esqueceu-se o juramento
Da amante, do irmão e amigo;
Será premio da perfidia
O leito de Dom Rodrigo.

Que importa ? Ramiro é bello,
Leonor, das bellas princeza !...
Redobra o ruido das festas,
Que os noivos vão para a meza.

VIII

Fumegam nos aureos pratos
Mil exquisitos guisados ;
Fervendo espumam nas taças
Os vinhos mais celebrados.

Em torno da eburnea meza
Servem garbosos donzeis ;
Une-se á voz dos convivas
O canto dos menestreis.

Dom Ramiro, um aureo vaso
Encheu de vinho espumante,
E, alevantando-se alegre,
Assim brinda pela amante :

—«Por ti, querida d'est'alma !
Por ti bebe o escravo teu !...»—
Eis que uma voz, como um eco,
Repete na sala :—«E eu ?»—

Gela-se o riso nos labios ;
Os rostos mudam de cor ;
Succede ao ruido o silencio ;
Ao movimento, o torpor.

E logo á porta da entrada
Um cavalleiro apparece.
Leonor, tranzida de susto,
Solta um grito, e desfallece.

Depõe Ramiro na meza
O aureo copo inda cheio,
E sente, apesar de bravo,
O terror passar-lhe o seio !

O recém-vindo, um momento
Junto á porta se detem ;
Olha Leonor e Ramiro,
Não repara em mais ninguem.

É azul sua armadura ;
Por timbre traz um dragão ;
No escudo mostra vestigios
D'um ramo ter por brasão.

Traz a viseira calada ;
Nem se lhe ouve o respirar !
Passados breves instantes
Avança, mas sem fallar.

Vai direito a Dom Ramiro ;
Porém este, com horror,
Cedeu-lhe o lugar da meza
Ao pé de Dona Leonor !

Sentou-se o recém-chegado
Exhalando atroz suspiro ;
E, sem descalçar o guante,
Ergue a taça de Ramiro.

Com duro gesto apresenta
À dama o rubro licor ;
Ella, recebe-o tremendo,
Bebe, e cospe-o com terror !

O vinho ha pouco era puro...
Que travo agora lhe achou ? !
Silencioso o cavalleiro
D'um trago o copo esgotou.

Sem levantar a viseira,
Como o liquido sorveu ?
Pelas juntas da armadura
Filtra o licor que bebeu !

Mas que pasmo ! o vinho é sangue !
Em negro sangue é tornado !
E cai em jorros ferventes
Pelo chão alcatifado !

Fogem da sala os convivas ;
Os noivos querem fugir,
Mas aos pés do recém-vindo
Vão de joelhos cair.

—«Perdão, perdão, Dom Rodrigo !
Se és morto, não sou perjura...»—
Fica mudo o cavalleiro,
Porém treme-lhe a armadura.

—«Perdão, perdão, Dom Rodrigo !
Eu sei que fui mau irmão !...
Mas tentaram-me os seus olhos,
E tu morreste... perdão !»—

Mudo sempre o cavalleiro
Dos noivos as mãos tomou.
Para o quarto do noivado
Com elles se encaminhou.

Coisas que ali se passaram
Quem as pudera contar ?
Oito dias e oito noites
Ninguem lá ousou entrar.

Por fim, o cura, escoltado
Pelo povo e o sachristão,
Atreveu-se a ir á porta,
Caldeira e hyssope na mão.

Bate, ninguém lhe responde ;
À caldeira da agua benta
Volta tres vezes co'o hyssope,
Mas a porta não rebenta !

O padre não se atrapalha ;
Tendo mais fé nos seus braços,
Deu tal murro á fechadura
Que a fez saltar em pedaços.

Mas que assombro ! os noivos mortos
No rico leito doirado,
E o sinistro cavalleiro
Ao pé d'elles assentado !

O cura, pela experiencia
Havida co'a fechadura,
Não quiz arriscar de novo
O effeito da benzedura :

Toma d'um canto da casa,
Um formidavel barrote,
Esconjura o cavalleiro,
E atira-lhe um grande bote.

Voa a armadura em bocados :
Não tinha dentro ninguém !
—«Pois viria por si mesma,
A pé, de Jerusalem ?»—

—«Mas quem deu cabo dos noivos?»—
—«E como andava a armadura?»—
—«Quem tornou o vinho em sangue?»—
—«Quem fez tamanha diabrura?»—

O padre, que ouvia o povo
Aventar estas questões,
E que não cria no demo,
Dizia co'os seus botões :

—«Aqui andou maroteira,
Mas quem a fez não sei eu ;
Que fosse alma do outro mundo
Creia nisso algum sandeu.

A dama aqui ha dois mezes
Tinha feito testamento...
Não tendo herdeiros forçados
Deixava tudo ao convento...

Ah !... agora é que eu percebo !
Os frades querem herdar,
E estava o caldo entornado
Se ella tornasse a casar.»—

Depois de achar o segredo,
Aos fieis assim fallou :
—«Foi o demonio, meus filhos,
Quem estes christãos matou.

Mas eu, com dois exorcismos
Forcei-o a dar um pinote ;
Agua benta faz milagres
Sendo applicada a barroto.

Agora, oraé pelos mortos,
E pensae nesta lição :
Ninguem falte aos juramentos
Que aos moribundos se dão.

Os mortos voltam ás vezes,
E o diabo, quando quer,
Costuma fazer das suas
Em figura de mulher. »—

O bom homem foi-se rindo
Do sermão que ali prérgou ;
E o povo, que é sempre povo,
Piamente o acreditou.

Os frades, com grandes pompas
E indicios de sentimento,
Deram sepultura aos noivos
No claustro do seu convento.

Tomaram posse das terras
Pertencentes ao solar ;
E quando iam ao castello
Saíam sempre a chorar.

Dizia o padre, se os via
Dar taes mostras de saudade :
—«Choram de gosto, os patifes!
Se houvesse diabo era frade!»—

NOTAS

NOTAS

AO

LIVRO PRIMEIRO

Não sou, nem fui nunca, dos seus intimos.

Pag. 7, lin. 4.

Não se julgue por estas palavras que me seria desagradavel a qualificação de amigo intimo do grande poeta. Pelo contrario! confesso que me honraria muito com ella se tivesse tido a ventura de adquiril-a. Mas, apesar de ser notoria a facilidade, e até o contentamento, com que elle abre a todos os que o procuram as portas de sua casa e o seu coração, nunca me permittiram as circumstancias da minha arvezada vida cultivar mais de perto a amizade de s. ex.^a. O que eu quiz significar unicamente nas palavras a que esta nota se refere, foi que não carecia de gozar da intimidade do sr. Antonio Feliciano de Castilho para lhe prestar o sincero e espontaneo tributo da minha admiração e respeito.

Indo-a vender aos mercados brasileiros.

Pag. 16, lin. 9.

Na primeira edição diz-se : «Indo-a vender aos brasileiros ;» e d'isso resultou que um meu amigo, filho do Maranhão, e que estudava em Paris as sciencias naturaes no tempo em que se publicou o livro, escrevendo-me uma carta, muito affectuosa e muito amavel, a findasse com a seguinte queixa :

«Porque diz v. : *Indo-a vender aos brasileiros, e não aos habitantes do Brasil?*» E, a proposito d'isto, prérgou-me um longo sermão, para provar que tanta culpa tinham os portuguezes como os brasileiros do trafico infame dos pretos e dos brancos. Nunca offendi voluntariamente ninguem ; mas posso tel-o feito muitas vezes por erro de entendimento. No caso presente, porém, não me parece que isso acontecesse. A minha intenção não foi ferir com aquellas palavras os meus irmãos d'aquém ou d'além mar : quiz dizer então o que hoje digo mais claramente : «aos mercados do Brasil.» Parece-me que o meu amigo C. Cantanhede ficará assim satisfeito, não só com a emenda, que prova a minha boa fé, mas tambem por lhe eu demonstrar que ainda me lembro d'elle.

Resolvi então voltar a Portugal, com a firme vontade de vir para Lisboa estudar, e decidido a morrer na luta, se tanto fosse preciso.

Pag. 32, lin. 15.

Como complemento á noticia que serve de introdução a

este livro deve ler-se o que diz do autor o sr. Lopes de Mendonça nas suas *Memorias de Litteratura Contemporanea*, a pag. 309 e seg.

(Prim. ed.)

Veja-se tambem a *Revista Contemporanea*, tomo 5.º, pag. 455 e seg., bem como na *Gazeta de Portugal* n.º 492, de 13 de julho de 1864, a carta do autor ao sr. Francisco Paz, secretario do Retiro Litterario Portuguez no Rio de Janeiro.

*Ilhas cobertas de flores
Sobre mim boiando vem.*

Pag. 82, lin. 4.

Pelo rio Amazonas, e por alguns dos seus tributarios, descem grandes massas de capim agigantado, a que no paiz dão o nome de *canarana*, as quaes formam verdadeiras e vistosas ilhas, que vão fluctuando até encontrar uma ponta de terra, um baixo, ou alguma grande arvore que as faça parar.

Acontece muitas vezes trazerem no meio cedros seccos, e outros madeiros enormes, caidos das margens do rio, e que formam, com seus grossos troncos, o nucleo da ilha. Outras vezes vêm-se nellas arbustos com dois, tres, e mais metros de altura, arrancados pelas massas da *canarana* com os pedaços do terreno, e que vão navegando mui direitos, e em toda a pompa e esplendor de sua rica vegetação tropical, levando pendentés dos ramos ninhos de formosos passarinhos, que lhes esvoaçam em torno, alegres e indifferentes á mudança, ou talvez mesmo contentes com a viagem!

Confesso que nunca vi espectáculo tão original e tão gra-

*

cioso como esses comboios pittorescos das ilhas de *canarana*. A massa de seus ramos, encruzados em todas as direcções, é tão compacta que, ainda mesmo quando não leva arvores secas enlaçadas, póde-se andar de pé sobre ella; e muitas vezes as grandes canoas varam-lhe em cima, para dar descanso aós remeiros sem interromper a viagem, e sem necessidade de governo.

Não são só as avesinhas, que ali têm seus ninhos, os únicos habitantes: tambem lá se encontram jacarés, cobras de varias qualidades e grandezas, garças, e outras grandes aves aquaticas, que parecem achar prazer naquellas aventurosas peregrinações.

Algumas d'estas ilhas fluctuantes percorrem centenares de leguas; e é vulgar, logo que se chega proximo ás costas do Pará, encontral-as ainda antes de se avistar a terra; porém ahi, já em muito diminutas proporções, porque as ondas do Oceano as têm desfeito ou dividido.

*Esse, martyr de heroica esperanza,
Abraçado da Italia á bandeira,
Não o percas jámais da lembrança;
Vive nelle a tua luz derradeira.*

Pag. 113, lin. 9.

A poesia *Garibaldi* foi publicada, muito incorrecta, no jornal o *Patriota*, em 1848. Não a tinha presente quando fiz a primeira edição dos *Cantos*, e por isso a peça que então juntei á minha collecção foi mais uma variante do que a copia da composição original. Prefiro-a comtudo áquella por ser um pouco

mais correcta, e não se resentir tanto dos vinte e um annos que eu tinha quando a escrevi. Advirta-se porém que a primeira foi uma verdadeira prophesia que eu fiz dos successos, que deram em resultado a organização do novo reino da Italia. Os quatro versos citados no principio d'esta nota mostram que eu tinha ainda o mesmo presentimento dos futuros destinos d'aquelle grande povo quando dei a presente versão. Ojalá que eu fosse tambem propheta em tudo mais que na mesma peça se diz ácerca da liberdade de Roma!

(Veja a nota seg.)

*Oh! mal haja quem deseje,
Ante a humildade da igreja,
Preferir um reino a Deus!*

Pag. 117, lin. 6.

Estes versos, e os subsequentes, não devem tomar-se como offensas feitas ao chefe da igreja. Não é este o logar para emittir a minha opinião ácerca do poder temporal do herdeiro de S. Pedro; mas peço aos que me julguem menos orthodoxo que se lembrem de que toda a poesia *Garibaldi* foi escripta ha dez annos, quando a Europa estava em effervescencia, e todos os espiritos, mais ou menos exaltados.

(*Prim. ed.*)

Amor e Dever.

Pag. 122, lin. 1.

Foram-me pedidas estas quadrinhas para uma comedia de

um sujeito, que se dizia meu amigo. Não as teria perfilhado se me não houvessem mostrado um *album* em que as vi copiadas e assignadas pelo tal, que se deu por seu autor.

A farça era innocentissima, e os versos não valiam a pena de ser reivindicados; mas o homem constou-lhe que eu os tinha visto com o seu nome por baixo, e d'ahi em diante nunca mais me tirou o chapeo. Eu continuei a tirar-lhe o meu; mas, para o deixar sem o pezo da obrigação em que me estava, tiro-lhe tambem agora os versos.

Teus filhos! e preparam-te a mortalha!

Pag. 169, lin. 5.

Ha dezaseis annos que escrevi estes versos. Tinha lido na *Revolução de Setembro* uma poesia do meu bom amigo Palmeirim á *Liberdade*; eu não conhecia ainda pessoalmente o popularissimo poeta, mas escrevi uns versos com o mesmo titulo, dedicando-lh'os. Elle foi procurar-me, e fez-me ver que a minha composição carecia de ser muito emendada para poder publicar-se. Aceitei com muito reconhecimento os seus conselhos e a sua amizade, porém, em vez de emendar os versos, fiz outros que nunca lhe mostrei.

Não sei se os segundos me saíram melhores do que os primeiros; mas pareceram-me muito violentos, e guardei-os.

Eu tinha então a feliz idade de vinte e um annos, e era o mais temeroso revolucionario que jámais se manifestou ao mundo em versos detestaveis. O estado politico da Europa era nessa occasião dos mais azados para me conservar a afinação.

Apesar d'isso, protesto solemnemente que nunca nenhum sentimento d'odio, ou de vingança pessoal, me moveu a pen-

na contra quem quer que fosse. Enthusiava-me pela liberdade, porque a tinha visto nascer quasi ao mesmo tempo que eu, e considerava-a uma especie de irmã mais nova. Era pois natural que pretendesse defendel-a ; e ainda hoje o faria, apesar de invalido, porque com a idade e com a doença não me têm esfriado os affectos. Mas com os meus enthusiasmos dava por paus e por pedras, querendo correr quando os mais andavam a passo, e querendo voar quando elles corriam. Assim mesmo tive bastante bom senso para não publicar muitos dos versos que nesse tempo escrevi, e que depois queimei.

Os que hoje se publicam são dos poucos que escaparam do auto de fé. Não saíram na primeira edição dos *Cantos* porque não estavam emendados, e parecia-me ainda cedo para os publicar. Hoje... quem é que me pôde accusar por alguma severidade que nelles encontre ? Os partidos fundiram-se ; já não ha gregos nem troyanos ; mas, ainda que não fôra assim, que importancia podiam ter agora estes desabafos d'um rapaz de vinte e um annos contra os que elle considerava então inimigos seus e da liberdade ? *Pax* aos mortos e aos vivos, e tambem para os meus versos !

Ao excellente amigo a quem os dediquei, peço que os aceite como recordação e testemunho da immorredora amizade que desde então lhe consagro.

*Foi a egreja estrebaria ;
Manjadoiras os altares.*

Pag. 177, lin. 9.

Em 1850 fui, pela primeira vez, a Santarem, em companhia do meu velho amigo Rebello da Silva. A nossa viagem foi uma

peregrinação piedosa, por entre as ruínas dos monumentos religiosos d'aquella notavel villa. Viemos contristados, e repetindo como o grande poeta nas *Viagens na minha terra*: «Em Portugal não ha religião de nenhuma especie. Até a sua falsa sombra, que é a hypocrisia, desapareceu. Ficou o materialismo estúpido, alvar, ignorante, devasso, e desfaçado, a fazer gala de sua hedionda nudez cynica no meio das ruínas profanadas de tudo o que elevava o espirito.»

No meio da horrivel devastação que presenceámos nada nos impressionou tanto como ver o bello templo de S. Francisco convertido em quartel de soldados, e em cavalhariças! As duas naves da egreja estavam cheias de manjadoiras! Todas as sepulturas que havia mettidas nas paredes tinham sido arrombadas, e os ossos dos que ali jazeram andavam espalhados por todo o cruzeiro, debaixo dos pés dos cavallos e dos soldados!

Rebello da Silva e eu pensavamos, antes de entrar ali, que o Garrett teria exaggerado no que sobre tal assumpto escrevêra nas *Viagens*; mas, depois que vimos tão horrorosas profanações, achámos que elle não tinha dito bastante.

Saimos compungidos, e envergonhados de que num paiz, que se diz civilizado, se dessem tão tristes espectaculos de falta de respeito pelos mortos, e pela religião de Christo.

A geração que assim espalhava ao vento da impiedade as cinzas de seus paes, abusou da liberdade para commetter estes attentados. A liberdade, da qual Jesu Christo foi o verdadeiro e unico fundador, não é a impiedade. Quando os barbaros d'Alarico saquearam Roma, prohibiu-lhes o chefe que tocassem nos logares santos; aqui, soldados christãos e liberaes, na sua propria terra, que acabavam de libertar, procederam como os assyrios em Jerusalem! E d'estes poderia com maior razão dizer o psalmista: «Meu Deus, vieram os barbaros ás tuas herdades, pulluiram o teu santo templo, pozeram Jerusalem como um grannel de frutos.»

Fugimos de Santarem, como de lá tinha fugido por iguaes motivos o autor das *Viagens na minha terra*, e viemos clamando como elle: «Eheu, eheu, Portugal!»

Versos recitados no theatro de D. Maria II em as noites de 22 e 25 de maio de 1851.

Pag. 179, lin. 1.

Estes versos, e muitos outros que com elles correm impresos em um folheto, foram recitados nessas noites de memoravel enthusiasmo, em presença do sr. duque de Saldanha, que tinha assumido a ditadura, e nomeado o primeiro ministerio da regeneração. Foram improvisados todos no proprio momento em que o publico chamava por qualquer dos actores para cantar o hymno ou recitar poesias.

Já lá vão perto de quinze annos : a regeneração, dizem-me que se fundiu, ou que mudou de nome ; os que naquelle tempo eram figadaes inimigos dos regeneradores creio que tambem, pela maior parte, se regeneraram já : *Altro tempo, altro pensiero.*

Parece-me, pois, que não haverá motivos para que alguem se desgoste de ver agora os *restos do naufragio* das ovações de 1851. Não julgo estas mesquinhas composições capazes de acõrdar paixões, que se me afiguram adormecidas para sempre ; aliás não as publicava.

Eu não sei se fui regenerador : sei que sympathisava com as idéas de alguns dos homens notaveis que se collocaram nessa occasião á frente dos negocios publicos, e que fui injuriado por causa d'isso, e por causa d'estes mesmos versos que agora pu-

blíco ! Chamaram-me poeta aulico, e não sei que mais coisas feias !

Nunca me justifiquei. Mas agora direi ao leitor benevolo que, se me *entusiasmei* no theatro, foi *por conta dos actores*, e gratuitamente. Nem sequer conhecia o sr. duque de Saldanha, nem procurei nunca a honra de o conhecer pessoalmente, comquanto as relações de um homem tão illustre devam lisongear a todos os que tenham a fortuna de alcançal-as. O *meu forte*, porém, nunca foi fazer-me cortezão de ministros.

As poesias que fiz nessas duas noites saíram depois impressas em um livrinho, mas sem o nome do autor. Tão palaciano fui que até supprimi o meu nome na publicação. Já é ser cortezão ! Mas os que me arranjaram o epitheto bem sabiam que me calumniavam : tinham medo de que eu me fosse atravessar no seu caminho, impedindo-lhes subir ás alturas em que hoje se acham a cavallo no orçamento !

Aos Campeões da Rosa branca.

Pag. 188, lin. 1.

Em dezembro de 1849 appareceu no *Periodico dos Pobres do Porto* uma poesia, assignada por uma senhora, á *rosa encarnada*. Em seguida vieram ao mesmo jornal dois poetas, cantando a *rosa branca*, e proclamando-a superior á outra. A dama da *rosa encarnada* voltou ao campo, declarando aos seus contrarios que depunha a lyra por não poder sustentar a luta. Os dois cantaram a victoria, mas a mim (que tinha então 22 annos) ferveu-me o sangue, e entendi que me não salvaria se não saísse a terreno em defeza dos opprimidos !

Mandei, pois, para o *Periodico dos Pobres* a composição a que se refere esta nota, e as mais que se lhe seguem até pag. 206. Ignorando se os nomes dos poetas portuenses eram verdadeiros, ou se os encobria o pseudonymo, assignei-me *Grão Magriço*.

Os cantores da *rosa branca* não gostaram de que eu me mettesse nas suas contendas, e responderam-me com azêdume; eu repliquei tambem asperamente, e a questão chegou ao ponto de eu tirar passaporte para ir ao Porto saldar as contas com elles. Devo ao meu fallecido amigo e mestre Garrett o haver-me livrado d'esta ridicula questão com o tremendo sermão que me pré-gou ao saber a minha resolução.

Felizmente ainda não havia caminhos de ferro, nem se dava um passo neste paiz sem o auxilio d'um passaporte; aliás quem sabe se veriamos renovadas em Portugal as guerras de York e Lancastre, que por iguaes motivos assolaram a Inglaterra!

Faço estas confissões como verdadeiros actos de penitencia, e declaro solemnemente que nunca procurei saber se a dama da *rosa encarnada* era um mytho, ou se realmente existiu a exm.^a sr.^a D. Anna de Sá. Para prova da minha sinceridade declaro-me autor dos versos que provocaram, ainda que innocentemente, tamanhas iras. Entrei de boa fé na luta, movido unicamente pelos sentimentos de generosidade que ha no coração de todos os rapazes, e sem desejos nem suspeitas de adquirir inimigos.

Se alguém se julgou offendido, e me ficou querendo mal, aqui lhe peço que me perdôe, protestando todavia que a minha predilecção é ainda pela *rosa encarnada*.

Eu não fui o unico a tomar a sua defeza. Depois de mim, alguns poetas de Lisboa publicaram nos jornaes do Porto poesias contra a *rosa branca*; e, seguindo o meu exemplo, os partidarios da sr.^a D. Anna de Sá escolhiam os nomes, com que assignavam os seus versos, entre os doze de Inglaterra.

Aqui vão os versos em que a dama da minha rosa me concedia licença para entrar na liça, e que foram publicados no mesmo jornal:

•Ao Cavalleiro da Rosa encarnada

Bemvindo sejais, guerreiro ;
Apraz-me vossa chegada :
Trazeis luzida armadura,
E lyra bem afinada ;
Por certo que a minha rosa
Não póde ser desfolhada.

Quando ia despenhar-se
Impellida do tufão,
E sepultar-se talvez
No seio da escuridão,
Vê luzir a tua lança,
Denodado campeão !

Parte, sim, ó cavalleiro ;
Vae na liça pelejar ;
Ês bravo, e é justa a palma
Que pretendes disputar ;
Vae seguro da victoria
Que te não póde falhar.

Como devem ser airosas
Vossas lides, trovador,
Que tambem nos teus contrarios
Achas brio e pundonor !
Mas a rosa que te inflamma
Te fará ser vencedor.

Não me assustará o ver-te
Numa luta desigual ;
Vais desaffrontar a rosa

Que não póde ter rival;
E esta devida empreza
Não te póde ser fatal.

Parte, sim, ó cavalleiro,
Vae-te de loiros c'roar;
Lá te aguardam já no campo
Dois cavalleiros a par.
Oh! não possam suas lanças
A tua lança quebrar!...

Guimarães, 20 de janeiro de 1849.

D. Anna de Sá.

NOTAS

AO

LIVRO SEGUNDO

A João de Lemos.

Pag. 224, lin. 4.

A *Advertencia* do segundo volume do *Cancioneiro* de João de Lemos fecha com estas palavras :

«No fim d'este volume vão uns versos com que directamente, ha alguns annos, me honrou o meu amigo F. Gomes de Amorim, e a paraphrase que se dignou fazer a outros meus.

A resposta que dou aos primeiros, e o terem sido paraphraseados os segundos, são circumstancias que exigiam isto ; mas, se quizerem lançar-m'o á conta de vaidade, lancem, que não me escandaliso nada. Porque não hei de estimar as distincções de um bello talento, e a amizade d'um bello character ?

Os que não entenderem estas coisas, que passem adiante não leiam nem um nem outro.»

É possível que alguns criticos, d'esses que não perdoam nem aos mais nobres sentimentos, porque Deus lh'os negou a elles, me accussem de immodesto por ter posto aqui essas linhas. Paciencia ! João de Lemos é um dos primeiros poetas portuguezes, e um dos primeiros amigos que eu tive em Portugal. Apesar de nos separarem diferentes opiniões politicas, o affecto trouxe-nos sempre de tal modo unidos os corações, que não creio que haja causa nenhuma, de homens ou de coisas, que possa jámais desligal-os. Uma das grandes necessidades d'este mundo é saber-se a gente respeitar a si e aos outros, e saber que o respeito não só não exclue mas estreita ainda mais os laços da amizade. O meu poeta e eu temos a fortuna de saber isto, e amâmo-nos como irmãos. Por isso não só me não arreceio da accusação de vaidoso, que me possa fazer a inveja, ao ler nesta nota as frases com que elle me honrou, mas levo a minha audacia até ao ponto de declarar que me vanglorio por havel-as merecido, bem como os versos que se seguem em resposta aos meus :

•A F. G. de Amorim

Que nobre modestia, amigo !
Mas fazes, nos versos teus,
A inveja vir ter commigo,
E arrepender-me dos meus.
Porque me gabas o estro,
Se tu te mostras tão destro,
Na lyra que tens na mão ?
Porque fallas só de prantos,
Quando a voz sai nos teus cantos
Tão cheia de inspiração ?

E vindo assim generoso
O teu nome ao meu juntar,

Receaste que orgulhoso
Não me deixasse c'roar ? !
Orgulhoso ? ! Esse receio,
Não sei se diga... não creio,
Mas qual dos dois fôra mais ?
Eu se engeitasse thesoiros,
Ou tu ceifando-me loiros
Só na tua mão triumphaes ?

Orgulho, tenho-o, confesso,
Mas da c'roa que me dás,
Que a nóbreza que eu professo,
D'essas, da gloria, é que as faz
Nem nunca a boa nobreza
Creu que desse a natureza
Ao sangue mais que uma cor ;
A diff'rença só a havia,
Se pela patria corria
Mais quente, com mais valor.

Esta sim, e esta é nobre,
Esta eleva os corações,
Pois, como tu, rica ou pobre,
Faz das virtudes brasões ;
Por isso, d'ella aprendido
Tenho, ao menos, que é devido
O tributo ao teu brasão ;
Sei, ao menos, respeitá-lo,
Sei, ao menos, invejá-lo,
E honrar-mê em ser teu irmão.

Oh ! somos irmãos ; e as almas
D'ambos, feitas para amar,
Numa palma duas palmas

Podem á patria votar ;
Podem, podem, que se agora
Já não é, como era outr'ora,
Em todos uma só fé,
Qual sou, na tua és sincero,
E queres, tambem qual quero,
Ver a patria erguida em pé.

Irmãos, pois ; e nessa crença
Com que eu sou e és portuguez,
Inda que haja diff'rença,
Não ha toda a que tu vês.
Tu amas a liberdade ?
E quem amal-a não ha-de ?
E quando é que eu não a amei ?
A diff'rença que encontraste,
Vem d'onde tu a estudaste,
E vem d'onde eu a estudei.

Tu foste estudal-a ás vagas
Cuspindo escumas ao ceo,
Foste da America ás plagas,
Á terra que hontem nasceu ;
Viste lá seus rios bravos,
E, sem aprender de escravos,
Aprendeste a livre ser ;
Do que vias ou não vias,
Tomaste odio ás tyrannias,
Juraste odio ao seu poder.

Eu foi cá, eu estudei-a
Na historia do meu paiz,
Par'ceu-me bella e amei-a,
Par'ceu-me grande e feliz ;

Grande sem ser sobranceira,
Modesta mas verdadeira,
A mão firme, a voz leal,
Piedosa, honrada, valente,
Ao rei e povo igualmente,
Dando o seu a cada qual.

Vi-a no Douro e Mondego,
Vi-a do Tejo abrir mar,
Vi-a em Coimbra e Lamego,
Vi-a o mundo rodear;
Vi-a andar lá onde andáras,
Nas florestas que passáras,
Levando por dentro a luz,
E nessas vastas paragens
Fazer homens de selvagens,
Pondo-os em roda da Cruz.

E como lhe vira ao lado
Tanto o povo como o rei,
Cuidei que d'ambos soldado
Era soldado de lei;
D'aqui foi que sempre unidos,
Sempre n'alma confundidos,
Lhes dei affectos iguaes,
E se em tempos gloriosos
Os amaria ditosos,
Na desgraça ainda mais.

Com este amor e verdade
É que eu me criei por cá;
Amo esta liberdade,
Como tu essa de lá;
Ambos, pois, livres votámos

Livre patria, só não vamos
Buscar o mesmo padrão.
Tu, nos vãos mais ousado,
Vais a um clima apartado,
Eu vou á propria nação.

Tu, porque viste tão bella
A liberdade, como é,
Julgaste-a joven, e d'ella
Te namoras nessa fé ;
Eu não ; tambem namorado,
Tambem d'ella enthusiasnado,
Julgo que ha muito nasceu ;
E o que a ella mais me prende,
É ver que a idade a não rende
E que joven te par'ceu.

Do poder, tambem contigo
Meus juizos são os teus,
Mas povo ou rei, meu amigo,
Em todos é só de Deus.
No Seu poder é que eu creio.
O do povo d'Elle veiu,
Como o do rei d'Elle vem ;
Sempre, sempre, é todo d'Elle,
E se O vês tu só naquelle
Eu vejo-O neste tambem.

Mas haja ou não monarchia,
Faz isso livres nações ?
Pensas tu que a tyrannia
Vem só d'altas regiões ?
Oh ! Ás vezes de bem fundo
Tem-n'a visto erguer o mundo,

Quebrando os degraus que fez,
E depois, com seus mil braços,
Fazer um povo em pedaços,
Cuspil-o, calcal-o aos pés !

Não quero, nem tu, nenhuma,
Mas se entre ambas afinal
Tivesse de escolher uma,
A de cima é menor mal.
No alto o ar é mais puro,
Se o não respiro seguro,
Respiro-o com menos pó ;
Escolho só entre damnos,
Mas em vez de cem tyrannos
Prefiro então ter um só.

Não, mas não, não veja a terra,
Que a ambos nos deu o ser,
De tyrannias em guerra
Ter cá ninguem que escolher ;
Se nem tu nem eu sabemos
Ler no futuro, podemos
Pedil-o de paz a Deus,
E se ambos já nos amâmos,
Que inda irmãos *todos* sejamos
Debaixo dos mesmos ceos.

Então, então, se eu o vira,
Ajoelhado ante o Senhor,
Das que dás á minha lyra
Tirára a mais bella flor,
E do feito por memoria,
E por pagina de historia,
Nessa flor immortal

Dera o mais que dar podia,
Dera a gloria, e gravaria :
•A ti, ó meu Portugal !•

João de Lemos — *Cancioneiro*, tom. 2.º, pag. 180
e seg.

(Veja a ultima nota da pag. 383)

Um poeta, um rei, um Deus! . . .

Pag. 242, lin. 20.

Se estes versos, e muitos outros que por meus peccados escrevi (e que por minha grande fraqueza não queimei) tivessem sido feitos com aquella fé que *abala montanhas*, eu teria adquirido indisputavel direito a que, mais cedo ou mais tarde, me hospedassem em Rilhafolles ! Mas declaro, para descargo de consciencia, tranquillidade do leitor sensivel, e *desapontamento* dos criticos, que não tomo a responsabilidade d'estes, nem d'outros que taes disparates que por infelicidade minha tenha feito. E não só os desamparo, mas tenho ainda a crueldade de juntar documentos para se lhes instaurar o processo, se alguem entender que isso vale a pena.

Foi inspirada esta composição por um sentimento que não tem nada de censuravel... o sentimento de ganhar dinheiro honestamente. É certo que ha por esse mundo abundancia de mulheres de marmore, e até de pedra lioz ; mas eu não tinha que me queixar de nenhuns desdens quando escrevi esta poesia, e são falsos despeitos de falsó namorado os que transparecem nella. E comtudo a *mulher de marmore* que me obrigou a escrevel-a não era de todo em todo um mytho, era... o editor d'um jornal ! Todo o palavreado chocho mettido nesses versos está

denunciando o aborrecimento com que o pobre poeta satisfazia a obrigação de encher duas columnas compactas d'um jornal de quarto grande !

Podem perguntar-me porque depois os não queimei. E não se arriscaria quem me atirasse a primeira pedra ? Serei eu só o peccador ? Não succederá aos criticos o que Cicero dizia dos augures, que se não podiam encontrar dois sem se rirem um para o outro ?... Porém, eu tenho uma razão melhor de não ter queimado estes e outros versos. É que, se a gente for a destruir todas as coisas que fez em rapaz, chega á idade madura sem ter uma só recordação, uma só memoria dos tempos mais felizes da vida ! Para os que, como eu, vivem muito do passado, tudo quanto o recorda, por mais futil e insignificante que seja, tem sempre um certo valor.

Repito, porém, que podem os criticos, se lhes aprouver, tomar esta poesia e espatifal-a a seu talante. Não sustento nenhuma das absurdas qualificações que nella tomei, e terei grande satisfação em as ver devorar por esses abutres litterarios. Mas asseguro-lhes que, se as não engolirem, os versos continuarão a sair como estão para as futuras edições, se porventura este livro as tiver.

Chamei-te um dia coquette.

Pag. 230, lin. 1.

«A palavra *coquette* não é portugueza ; mas não ha remedio senão acceital-a e dar-lhe carta de naturalisação desde que a coisa se aforou tanto entre nós.»

Esta nota escreveu-a o visconde de Almeida Garrett a pag. 278 das *Folhas Caidas*, e eu transcrevo-a para me justificar de ter usado tambem da palavra franceza.

Dever.

Pag. 270, lin. 1.

Estes versos, e alguns outros que vão neste volume, são d'aquelles a que se referiu o meu immortal mestre, quando disse no prologo das *Fabulas e Folhas Caidas* a pag. xv, edição de 1853:

«Falla d'amor o poeta... Sim, falla; e ha Délias, e ha Lílias, e ha flores, e ha estrellas, e ha beijos, e ha suspiros, e ha todo esse estado maior e menor d'um exercito de paixões que sai a conquistar o mundo no principio da vida de um rapaz cheio de alma, de fogo, de exuberante inergia, e vehemencia de sangue. Mas esse exercito é todo de parada, fórma bem na revista: — em travando peleja séria, ha de fugir, porque é boçal e não o anima nenhum sentimento verdadeiro e tenaz. Vê-se o poeta atravez do amante: falso amor, e falsa poesia!»

Nenhum homem de boa fé deixará de rir-se, quando chegar á idade madura, da facilidade com que aos vinte annos inventava paixões.

Que admira, pois, que isso aconteça ao poeta, ente predestinado para cantar o amor, e que nasce balbuciando-o, morrendo as mais das vezes sem conhecê-lo, apesar de ter passado a vida a levantar-lhe altares! Eu por mim confesso que me poderia rir tambem, se não fosse mais para me lastimar pelo tempo que perdi cultivando com tão pasmosa fecundidade um genero tão falso.

Vê-se bem por esta e por outras amostras (que poupei para memoria e éscarmento de semelhantes fragilidades) quão facilmente nos deixâmos seduzir no primeiro verdor dos annos por estes ouropeis, em vez de aproveitarmos mais utilmente a ima-

ginação e o vigor do espirito. Mas não ha ninguem que não pague este tributo. As vagas inspirações da alma juvenil são um pretexto para os primeiros hymnos que o poeta balbucia; as Délias ou as Julias brotam espontaneas d'uma folha de papel almasso! Felizes tempos! e felizes amores tambem, que não dão outros incommodos e cuidados senão os de achar a rima!

Estes versos foram escriptos para ajudar a encher um *folhetim* da *Revolução de Setembro*, quando esse trabalho estava a cargo de Bulhão Pato; e eis aqui a carta que os acompanhou, mas que por falta de espaço se não publicou com elles. Publica-se agora como curiosidade litteraria, como amostra do *pu-ro sublime* dos rapazes de então!

•A Raymundo de Bulhão Pato

Remettendo-lhe a poesia — Dever

Meu amigo: Pedes-me que te mande aquelles versos que lemos na Ajuda para os publicares em um dos teus *folhetims*. Não sabes que são elles flores de amargo fruto, que não nasceram para ver a luz, e que mais lhes conviria ficarem sempre ignorados do que expol-os ao riso mofador dos leitores que os não entendem? Quem podia entendel-os não existe, não existiu nunca senão na minha fantasia. Para que é pois *inventar* uma historia que os explique? Eu sei o muito que póde a tua bella e florida imaginação, os milagres de que é capaz o teu engenho; mas olha que pretender decifral-os será tentar o impossivel! Queres interrogar a Sphinge? Seja. Como não ha aqui nenhuma Jocasta para desposar, ahi t'os mando com o que d'elles sei:

Eu sonhava. Parece-me que era em Cintra... Apareceu-me um rosto pallido, uns olhos que não eram bem pretos, mas que brilhavam como lumes vivos debaixo das palpebras asseti-

nadas. Cabellos negros e longos caíam sobre os hombros da visão. Eu estava triste, como me acontece ficar sempre que vejo sumir-se o sol nas aguas do Oceano. Fitei longo tempo a vista naquelle rosto e naquelles olhos, que dos meus se não despregavam tambem senão para volver de novo a ver se os eu deixava! O sonho foi longo. Passava-me o tempo sem eu ter consciencia d'isso, porque o encanto era cada vez mais forte. Os nossos olhos, de tão prezos e confundidos que estavam em seus olhares, não podiam já separar-se. A melancolia do seu rosto era cada vez mais terna, e eu achava em mim maior tristeza. Sempre sonhando murmurei uma palavra, palavra com que Deus regenerou a humanidade, e que a lingua vulgar dos homens tornou banal, porém que a alma, por ser tambem de Deus, repete ás vezes restituindo-lhe toda a melodia que tinha no ceo: Amor! — «Amor! sim, amor!» — clamou ella de modo que me ia despertando com o espanto de a ouvir falar: — «Amor! — volveu a repetir— O amor é o sonho da minha alma...» — Calou-se com receio de haver dito muito, e eu escutava ainda não me satisfazendo com tão pouco.

A vibração das folhas, sacudidas pelo vento da noite, espalhava em torno de nós sons harmoniosos como devem ser os dos coros celestes. O astro das saudades, suspenso em meio do firmamento, parecia ter parado para escutar o cantico mysterioso de nossos corações. Os jasmims, as rosas, e as madresilvas derramavam no ar tépido ondas de fragancias, que pareciam confundir-se com a essencia das nossas almas. A vaga do Oceano, em vez de bater ao longe nas rochas com a furia usual, arrastava-se mansamente sobre os areiaes com tristissima e sonora monotonia. O ceo, a terra, e o mar escutavam o que *ella* me dizia, sentindo o encanto das suas palavras e a fascinação da sua presença.

Eu não sei quanto tempo lhe fallei, nem que palavras lhe disse; mas vi que os seus olhos se tinham humedecido, e sentia-os mergulhar sua doce languidez dentro do meu coração.

Os seus labios agitaram-se de novo, e a doce harmonia d'estas palavras caiu nos meus ouvidos:— «Comtigo, no mar ou na terra, a vida será o paraíso; quero-te mais do que á existencia, mais do que á minha alma, tanto como a Deus, e, se achas pouco, mais do que a Deus! Perde-me, se queres; irei onde tu fores, maldito ou abençoado; pouco importa o ceo ou o inferno, sendo commigo o teu amor! Queres que me ajoelhe, que ore, que me humilhe diante do sol ou das estrellas? que me roje beijando a terra que tu pisas? que rasgue o meu corpo nos espinhos da serra, fazendo penitencia por te não ter adorado ha mais tempo? Queres que blasfeme? Tudo farei por ti! Tudo! tudo! tudo! Mas dize-me que me queres, que é meu o teu amor... uma palavra, uma só palavra, e serei tua escrava para sempre!» —

Era o delirio, uma loucura sublime que me visitava em sonhos! Estava escripto que eu não teria de acordar senão para ver o que nunca tinha imaginado: como se vive sem amar depois de ter amado tanto!

Quando ella cessou de fallar, abriu-me os braços, e eu corri para me precipitar nelles. Repentinamente uma voz implacavel, severa, terrivel como o destino, alteou um grito em meus ouvidos: «Dever!» —

Acordei. Tinha escripto esses versos, e contemplava, com o pasmo do selvagem que se vê pela primeira vez num espelho, o retrato da Olympia de Lord Byron.

Agora faze um romance d'este sonho, visto que tens talentos para tudo, e lança ao meio das turbas mofadoras os delirios da minha alma.

Teu do coração,

G. de A.»

..... *E quem sabe*
Se as musas, que lhes deram o seu nome

Pag. 282, lin. 14.

Foram os botannicos que deram á bananeira o nome de Musa, medico de Augusto ; mas conveiu aqui ao autor dizer o contrario. Se o leitor não ficar contente, demos o dito por não dito.

Viverás mais que os ricos.....

Pag. 287, lin. 23.

Eu não acreditei nunca em vaticinios, e muito menos quando elles são, como este, annunciados pela voz d'uma floresta. Foi de certo para me lisongear que a selva, ao entregar-me a lyra, me fez tão audaciosa prophecia ; porque só Deus sabe o tempo que tem de viver cada individuo. A verdade é que aos dezoito annos pensa a gente que só depende de si o fazer-se immortal com meia duzia de versos ! Hoje, rio-me dos enthusiasmos d'esse tempo em que aspirava á gloria, e vivo em prosa chata, aspirando unicamente a que ninguem se lembre de mim... para me incommodar !

Paraphrase d'outra do sr. João de Lemos.

Pag. 313, lin. 2.

Por occasião da sentida morte de S. M. a senhora D. Ma-

ria II, o partido realista, abaixando immediatamente as armas, veio ajoelhar connosco sobre a sepultura da augusta princeza. O jornal que representa aquelle partido cobriu-se de luto, como os nossos; e o seu artigo á morte da rainha foi um dos mais nobres, mais eloquentes, e mais sentidos que podia inspirar á penna d'um grande poeta o coração d'um generoso inimigo. O sr. João de Lemos, querido de quantos o conhecem, como poeta e como homem, publicou então uma poesia — *o Funeral e a Pomba* — que eu paraphraseei como se vê na pagina citada. Toda a gente conhece o original e a paraphrase, porque foram raros os jornaes que as não publicaram ambas; mas peço licença ao meu amigo e poeta para novamente transcrever aqui os seus bellos versos, em beneficio dos meus leitores:

• O Funeral e a Pomba

I

Que vai além nos arraiaes contrariós?
De espaço a espaço a artilharia trôa;
Mas não vomita na golfada ignifera
Rabidas balas!

A sentinella, perpassando, mostra
De cano á terra o arcabuz ocioso;
Ao meio d'haste a bicolor bandeira
Lugubre desce!

Que vai além nos arraiaes contrariós?
Saudoso dobre de plangentes sinos,
Casado ao rufo de tambores roucos,
Ouve-se ao longe!

Lá vem... lá vem... um saimento! Os crepes
Rojam por terra! O silencio é fundo,
E na fileira exequial as tochas
Tremulas fulgem!

Que dor é essa nos arraiaes contrarios?
Com toda a tropa desdobrada em alas
Que perda choram, esmerando afflictos
Funebres pompas?!

Vão no cortejo os generaes, vai tudo,
Seus estandartes pelo chão se protram
Sob a passagem do ataude, e gemem
Musicas tristes!

Que perda choram os arraiaes contrarios?
Dir-se-ha que a morte lhe arrancou sinistra
Da crença ao livro, num augusto nome,
Symbolo caro!

É certo... é certo... que distincto agora,
Por entre o escuro dos calados vultos,
Aureo diadema despediu aos olhos
Rapido brilho!

II

Soldados, que ha vinte annos
Com esforços sobrehumanos
Batalhais por vossa fé,
Soldados, eia, de pé!
Respeitem-se aquellas magoas,
E do nosso pranto as aguas

Lavem d'odio o coração ;
Não ha 'odios d'este lado,
Nem se deshonra um soldado,
Quando abraça seu irmão.

Ponham-se treguas á guerra,
E ninguem manche esta terra
Ao pé da funerea luz ;
Soldados, olhae a cruz !
Demos pranto a quem pranteia,
Demos dor á dor alheia,
Nos dois campos luto igual !
Nenhum, nenhum se envilece,
Unidos na mesma prece,
Junto á loisa sepulcral.

Solemne melancolia,
Seja n'hora da agonia
Nosso tributo cortez ;
Que o tomem, que é portuguez !
Portuguez d'aquelles peitos,
Por tantos annos affeitos
Na lealdade a sofrer ;
Portuguez, que vem das eras,
D'aquellas crenças sinceras
D'antes quebrar que torcer.

Que o tomem ; e nós, soldados,
Ao vel-os tão consternados,
Respeitemos-lhe a sua fé ;
Amigos, eia, de pé !
Era o seu chefe, e bandeira,
Diziam-n'a companheira
De infortunio e proscipção ;

Gomprehendemos, pois, seu grito,
Nós, soldados do Proscripto,
Vinte annos gemendo em vão !

A cada um sua crença e dores,
Cada qual estreme as cores
Do pendão que traz por si ;
Todo branco, é o nosso aqui.
Mas, se d'elle voz sagrada
Nos manda, por gloria herdada,
Ou morrer ou triumphar,
Tambem no alto do Calvario
Outro estandarte, um sudario,
Manda os tristes consolar.

Porque é de arraial opposto,
Não córa o tributo o rosto,
A quem o toma ou quem dá ;
Soldados, luto de cá !
É tributo á monarchia,
Por dois campos num só dia,
Cada qual por sua lei ;
Um faz honras á Rainha,
Outro á Princeza, Sobrinha
D'aquelle que jurou Rei !

III

E eil-a que ali vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa,
 Como a flor ;
E, flor do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
 Resta a dor !

Aos filhos não, não lhes basta
Do mundo fallaz ventura
Neste mal !
Mal em que a terra madrasta
Não basta á saudade pura
Filial.

Á viuvez que importa o fausto,
Quando uma alma d'outra alma
Enviuvou?!
Se enviuvou num peito exausto,
Toda a flor d'essa erma palma
Desfolhou.

E eil-a que ali vem sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa,
Como a flor ;
E, flor do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dor !

Oremos todos por Ella !
Que na morte renascesse
Para Deus !
Que Deus, naquella hora ao vel-a,
Da dor escada fizesse
Para os ceos !

Oremos todos ; nós temos
D'innocentes desterrados
Uma Mãe ;
Mãe e Pae, de quem seremos
Nesta prece acompanhados
Lá tambem.

E eil-a que ali vai sem vida,
Que inda era ha pouco viçosa
 Como a flor;
E, flor do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
 Resta a dor!

IV

Silencio! Eis pára o saimento ao arco,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu;
O vento agita, derredor dos coches,
Co'a chamma funebre, lutuoso veo.

Que ponto incerto se desenha no alto,
Como vagando na amplidão do ar!?
E baixa, e baixa, semelhando uma ave,
Que já das azas se sentiu cansar.

Baixou mais perto; e, pairando, vê-se
Mimosa pomba, que dos ceos voou;
Eil-a veloz se precipita agora,
E sobre um carro funeral pousou!

É sobre o carro que levava a c'roa!
De susto isenta, como pousa assim?!
E quêda, quêda... mas de novo o carro
Segue o cortejo... levantou por fim.

Já no successo reflectindo o povo,
Decifra avisos, que lhe vem do ceo...
E o saimento se sumiu na Igreja,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu!

O povo, ás vezes, alumiado na alma,
Dizem que as lettras do futuro vê;
Ou seja Deus que lhe confia o livro,
Ou seja o povo que por Deus só lê.

O povo é fóra, póde ser que esp'ranças
Manso ao ouvido traduzindo ali;
Da pomba o caso correrá mil bocas;
Crêem-se ditosos os que dizem — «Vi.» —

Lá dentro, em tanto, pela nave triste
Mais triste o orgão na oração gemeu;
E dos levitas lacrimoso canto
Ecoou na Egreja que um Affonso ergueu!

V

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da loisa na queda cá sinto o fragor!
E a mystica pomba qual lembra ou esquece
Dos campos oppostos?... — Rogar ao Senhor!

A pomba da Arca, no ramo colhido,
Co'as aguas descendo, fallava de paz;
Findava o castigo, e um povo escolhido
Á terra um Messias consigo lhe traz.

Aquella hoje pousa, por nova Sybilla,
No carro que leva dos Reis o signal;
Se a c'roa é do reino, na pomba tranquilla
Tranquillos agoiros terá Portugal.

Os campos oppostos são livres nos varios
Oppostos juizos que podem fazer;

Que ha outros mais altos, fechados sacrarios,
A que homens não podem as portas romper.

Confieamos, pedindo ; esp'remos que a pomba,
De paz mensageira, da patria por bem,
Não venha hoje ao lado da loisa que tomba
Trazer injustiças, por mal de ninguem.

De joelhos, soldados, na ultima prece !
Da loisa na queda cá sinto o fragor !
De joelhos, que a pomba só lembra ao que esquece
Nesta hora solemne — Rogar ao Senhor !

João de Lemos — Cancioneiro, tom 2.º, pag. 213
e seg.

(Prim. ed.)

C

INDICE

	PAG.
A quem ler	5
Carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho	9
Do sr. Vegezzi Ruscalla	13
Prefacio da primeira edição	15
A João Baptista de Almeida Garrett	35

LIVRO PRIMEIRO

I O Desterrado.	37
II Quinze annos	39
III Gloria a Christo	43
IV A Floresta virgem.	48
V	54
VI No Exilio	56
VII A Madrugada.	59
VIII O Caçador e a Tapuya.	61

	PAG.
IX O Deserto	65
X Sobre o rochedo	72
XI O Amazonas	76
XII A Nuvem e a Tormenta	89
XIII Fantasia	92
XIV Meu Pae	100
XV Filho e Mãe	104
XVI Só	109
XVII Garibaldi	112
XVIII Amor e Dever	122
XIX A Oração	124
XX A Hungria	128
XXI A uma Mulher muito feia	137
XXII A minha Sorte	140
XXIII O Jau	143
XXIV A Onda mensageira	147
XXV Primavera	150
XXVI No Livro d'um Pintor	152
XXVII Amanhã	155
XXVIII A Visão	158
XXIX A Morte do conde das Antas	161
XXX A Estrella do dia	164
XXXI A Liberdade	166
XXXII Perdões-me ?	170
XXXIII O Mosteiro	172
XXXIV Versos (Recitados no theatro de D. Maria II)	179
XXXV Aos Campeões da Rosa branca	188
XXXVI A gentil Cantora da Rosa encarnada	193
XXXVII A Rosa encarnada	197
XXXVIII A Dama da Rosa encarnada	200
XXXIX Ao Cantor da Rosa pallida	202

LIVRO SEGUNDO

	PAG.
I A minha Musa	207
II O Corsario	212
III Contemplação	217
IV Rosas abertas	219
V A João de Lemos.	224
VI Olhos negros.	229
VII Se eu a amei !	232
VIII Anjo-Demonio	235
IX Astro	238
X A Mulher de Marmore	240
XI Soneto (A um bebado).	246
XII Tristeza.	247
XIII Coquette	250
XIV O Pranto	256
XV Não ames	258
XVI Deves amar	261
XVII A Portugal.	266
XVIII Perdidos !	268
XIX Dever.	270
XX A J. J. Tasso	274
XXI Maria.	276
XXII A Rosa.	279
XXIII Adeus ao Pará.	281
XXIV Quando eu te vi	293
XXV Meditação	296
XXVI O Marinheiro.	299
XXVII O Diabo.	304
XXVIII A Borboleta	308
XXIX O Funeral e a Pomba	313
XXX Os Amores do Poeta	323

	PAG.
XXXI Medicina de Deus	325
XXXII Porque choras ?	327
XXXIII A uma Menina.	330
XXXIV A Castellã de Avelomar	332
Notas.	355

B.F.V

MAR 5 - 1958



